

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 1968 N.º 16 097 - ANO 46.º UM ESCUDO

amanhã
anda a roda
"TALUDA"
4 MIL CONTOS!

O CONGRESSO REPUBLICANO DE AVEIRO COMEÇOU HOJE

Mensagens de Cunha Leal Rodrigues Lapa e Ferreira de Castro lidas nas sessões inaugurais

DOS NOSSOS
ENVIADOS
ESPECIAIS

Raul Rego
Urbano Tavares
Rodrigues
Joaquim Benite
Lobo Pimentel

AVEIRO, 15 — Constituiu um acontecimento realmente notável a sessão inaugural do II Congresso Republicano de Aveiro, esta manhã verificada no Teatro Aveirense. Muito antes das 11 horas já a grande sala de espectáculos se encontrava completamente cheia, sendo difícil até o trânsito na praça fronteira.

A cidade de Aveiro vive, com efeito, uma das horas grandes da sua história, bem conforme com as nobres tradições liberais da região. A sala encontra-se devidamente ornamentada. Ao fundo destaca-se um grande re-

trato do dr. Mário Sacramento. A negro e branco são as feições do que foi o primeiro secretário-geral do I Congresso Republicano de Aveiro e que teria sido o deste se a morte o não tem levado. O retrato é uma obra,

estilizada e valiosa do artista Jorge Trindade, a quem se devem também os cartazes do Congresso e os distintivos.

Ao assumir a presidência o coronel Helder Ribeiro, a assistência dispensou ao antigo ministro da República, figura inquebrantável e heróica do 5 de Outubro e do Flandres, uma colorosa

ovação. Ouvem-se vivas à República e a multidão entoa em coro a Portuguesa.

Ladeavam o presidente os srs. drs. Costa e Melo e prof. Mário Silva. Em três filas de cadeiras, colocadas por detrás da mesa de presidência, sentavam-se todos os componentes das comissões promotora e executiva do Congresso.

(Continua na página central)



Nelson Rockefeller, cuja chegada a Honduras foi assinalada por uma manifestação em que morreu um estudante.

Padre basco preso

BILBAU, 15 — (E. P.) — Foi preso um padre basco, coadjutor duma paróquia de Baracaldo, na Biscaia. Acusado de «propaganda ilegal», foi encerrado na prisão de Zamora.



Na sala do secretariado, os principais organizadores do II Congresso Republicano de Aveiro trabalham até final para o êxito do encontro entre democratas portugueses.

COMUNICADO DE DEMOCRATAS DO PORTO SOBRE O PRÓXIMO ACTO ELEITORAL

Assinado pelos srs. dr. Armando Cotta, eng.ª Virginia Moura e drs. Raul Castro e Armando Bacelar, recebemos, do Porto, o seguinte comunicado à imprensa:

«Um numeroso grupo de democratas do Porto vem, há já largos meses, a exercer actividade política e cívica em face da actual situação política e do próximo acto eleitoral.

Assim, oportunamente, foi enviado à imprensa um comunicado, noticiando o requerimento apresentado

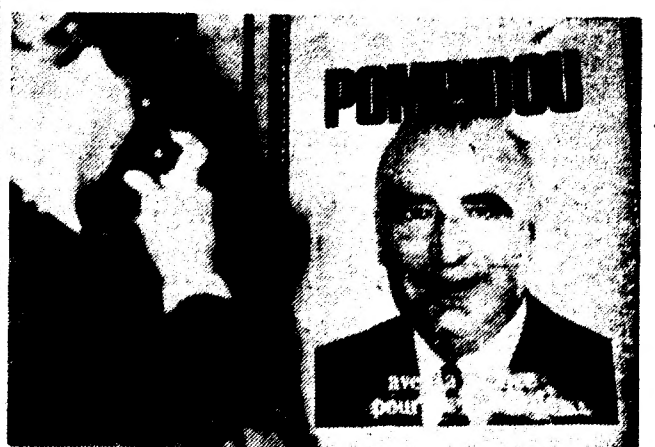
ao senhor governador civil do Porto, em Novembro do ano findo, com cópia dos estatutos de uma Comissão Eleitoral Democrática do Porto, de carácter meramente temporário, a qual veio a ser indeferida por despacho de 5 de Fevereiro último, da qual foi interposto o competente recurso na Auditoria Admi-

nistrativa, em 5 do mês corrente.

(Continua na página seguinte)

Num discurso de 22 minutos que pronunciou a noite passada pela Televisão, Nixon propôs um plano de paz de oito pontos, começando com uma evacuação por fases, seguida por um cessar-fogo fiscalizado internacionalmente, por eleições livres, abrangendo todos os elementos políticos do Vietnam do Sul.

(Continua na 10.ª página)



«Com a França, pelos franceses», poderão ler os eleitores, sob o retrato sorridente de Georges Pompidou, no cartaz de propaganda eleitoral do ex-primeiro-ministro do general de Gaulle. A campanha para a eleição presidencial abre oficialmente amanhã.

GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE

Na página 19 publicamos o regulamento do «Grande Prémio de Publicidade, Diário de Lisboa» com o qual se distinguirão os anúncios (publicados em 1968 nos jornais e revistas portuguesas) que, pelas suas qualidades artísticas e gráficas, forem julgados como sendo os melhores.

HOJE 36 PÁGINAS
VERADO
PELA CENSURA

1969 — ANO DE ELEIÇÕES LEGISLATIVAS

(Continuação da pág. anterior)

«Nos dois bairros administrativos desta cidade e nos concelhos do distrito do Porto, os cadernos do recenseamento não puderam ser consultados, senão nas mãos de pessoal das respectivas secretarias, sendo expressamente recusada qualquer forma de cópia dos cadernos, quer mecânica quer manual.

Esta recusa foi mantida pessoalmente pelo sr. governador civil do Porto, em audiência concedida, em 9 do corrente, a alguns democratas que com ele se avistaram em face da referida recusa.

Apesar das dificuldades levantadas, tornou-se evidente para as pessoas que efectuaram as consultas que há numerosíssimas omissões no recenseamento. Assim, nos dois bairros desta cidade apenas se encontram inscritos cerca de 40 mil eleitores, o que traduz uma percentagem de cerca de 12 por cento da população da cidade. Para evidenciar a exiguidade destes números, basta compará-los com os do distrito de Aveiro, já publicados nos jornais, com uma percentagem de cerca de 50 por cento de eleitores, numa população essencialmente rural.

Há numerosas pessoas que requereram a sua inscrição e não figuram nos cadernos. Verifica-se, também, a existência de incorrecções na identificação de várias pessoas e a inscrição de eleitores fora da área das suas residências, o que é suficiente para impedir essas pessoas de exercerem o seu direito de voto.

Acresce que no 2.º bairro do Porto não há um só caderno mas dois cadernos de recenseamento, sendo um dos eleitores de 1968 e o outro dos do ano corrente, e em ambos os bairros desta cidade a eliminação dos eleitores é processada através de um carimbo, e nada garante que ele não possa vir a ser utilizado para os outros eleitores.

«E até a um advogado desta cidade, dr. Arnaldo Mesquita, que verificou não estar inscrito, apesar de ter o requerimento respectivo recenseado, no 2.º bairro comunicaram-lhe o motivo do indeferimento, que procurou conhecer para efeito de reclamação; e no concelho de Gondomar não foi permitido a qualquer eleitor informar-se da inscrição ou omissão de outros eleitores, assim, como no concelho da Maia não estavam organizados os cadernos, no início do período da sua reclamação.»

«Este despacho confirma, portanto, a comunicação que, conforme dei a V. Ex.ª conhecimento por via telefónica, tive oportunidade de fazer pessoalmente ao seu ilustre colega sr. dr. José Manuel Archer Galvão Telles, também signatário da mencionada petição.»

«Perfeita igualdade de circunstâncias» para o acto eleitoral — afirma o governador-civil de Lisboa

O governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta, enviou um ofício de resposta ao requerimento que lhe foi entregue pelos democratas drs. Francisco Salgado Zenha, José Manuel Galvão Telles e Vasconcelos Abreu, que, como noticiámos, foram recebidos pelo chefe do distrito, e que era assinado ainda pelos drs. Francisco Pereira de Moura e Mário Soares. Nesse ofício, dirigido ao primeiro signatário do requerimento, diz-se:

«Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª o teor do despacho que hoje exarar no requerimento que me foi entregue neste Governo Civil,

documento do qual V. Ex.ª é primeiro signatário:

«Não dispondo este Governo Civil de quaisquer cópias do recenseamento eleitoral para o ano corrente, o qual, aliás, não se encontra ainda definitivamente elaborado, não pode a pretensão considerar-se oportuna.

Desde já, porém, asseguro este Governo Civil que todos os candidatos a deputados pelo circuito de Lisboa, bem como os respectivos mandatários, se encontrando, em qualquer das fases preparatórias do acto eleitoral, e no próprio acto eleitoral, em perfeita igualdade de circunstâncias.»

Este despacho confirma, portanto, a comunicação que, conforme dei a V. Ex.ª conhecimento por via telefónica, tive oportunidade de fazer pessoalmente ao seu ilustre colega sr. dr. José Manuel Archer Galvão Telles, também signatário da mencionada petição.»

Resposta do grupo de democratas

Em resposta ao ofício do governador civil de Lisboa através transcritos, os srs. drs. Francisco Salgado Zenha, José Vasconcelos Abreu e José Manuel Galvão Telles enviaram ao sr. dr. Afonso Marchueta uma carta do seguinte teor:

«Os signatários, em nome da comissão eleitoral (em organização) que dirigiu a V. Ex.ª no passado dia 30 de Abril um requerimento solicitando cópia dos cadernos eleitorais, acusam a recepção da carta de V. Ex.ª de 5 do corrente, dirigida a um deles, em que é dado conhecimento à comissão do teor do despacho exarado por V. Ex.ª no aludido requerimento.

Não podem, porém, deixar de chamar a atenção de V. Ex.ª para o facto de o despacho proferido não os poder satisfazer.

Na verdade, para além de não ter sido atendida a sua legítima pretensão de obter cópia dos cadernos eleitorais, há que considerar como absolutamente insuficiente o compromisso que lhes é transmitido de se vir a assegurar uma perfeita igualdade de direitos entre todos os candidatos a deputados pelo circuito de Lisboa, pois que só os pode satisfazer a garantia da con-

cessão, a todos os interessados, dos direitos necessários a uma livre, correcta e eficiente participação no acto eleitoral, e não apenas o invocado confronto.

Por outro lado, os signatários comunicam a V. Ex.ª que não podem deixar de interpretar na carta, a que ora respondem, a confirmação da comunicação, expressamente efectuada, na audiência concedida a um deles, de que aos candidatos a deputados, ou melhor, a cada uma das listas será concedida autorização, com as consequentes facilidades, para obter a cópia dos cadernos eleitorais.

Aliás, segundo foi então dito, era este também o pensamento de Suas Excelências o Presidente do Conse-

lho e o Ministro do Interior.»

Atendida a reclamação de José Tengarrinha

No uso da sua competência, também o governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta, logo que voltou do estrangeiro, onde se deslocou em viagem particular de curta duração, apreendeu dentro do prazo legal todos os casos relacionados com o recenseamento eleitoral, particularmente as reclamações apresentadas por alguns cidadãos, as quais foram despachadas favoravelmente.

Ao fim da tarde de ontem, o chefe do distrito convidou o escritor José Tengarrinha a deslocar-se ao seu gabinete,

e com ele teve uma entrevista, que se prolongou por hora e meia, e decorreu em ambiente de muita cordialidade. O dr. Afonso Marchueta comunicou-lhe que deferira a sua reclamação e mandara inscrever o seu nome nos cadernos eleitorais, ressalvando-se, assim, a omissão praticada.

Confirmando a Imprensa a sua decisão, o governador civil declarou que não houve um caso que lhe fosse presente e tivesse sido indeferido. Assim, outra reclamação, contida num anexo requerimento de um cidadão da cidade de Lisboa, protestando contra a sua omissão dos cadernos, foi, igualmente, deferida, determinando o dr. Afonso Marchueta a respectiva inscrição.

DE ONTEM PARA HOJE

ABSOLVIÇÃO GERAL

Na Boa Hora, terminou, com a leitura da sentença, o julgamento do caso da derrocada da cobertura da estação de Cais do Sodré, que, em 28 de Maio de 1963, provocou a morte a 49 pessoas. Eram inculcados como presumíveis delinquentes os engs. Duarte Belo, Iglésias de Oliveira, João da Costa Jacinto e Nuno Martins, este o projectista da obra em foco, os quais tiveram a patrocinadora a sua defesa os srs. profs. Adeline da Palma Carlos e Fernando Olavo, e drs. Sidiónio Eito e Menores Pimentel. Antes de iniciar a leitura da sentença, o sr. dr. Guilherme Lourenço Pinheiro evocou a memória do dr. Helderio Caldeira, o primeiro camião que interveio no patrocínio do eng.º Duarte Belo, e agradeceu a todas as individualidades que desfilaram pelo tribunal, dando o seu contributo para se tentar descobrir a verdade. A leitura da sentença demorou quatro horas e meia, constituindo um dos documentos jurídicos mais notáveis que se têm publicado em tribunais portugueses. Não se salienta que o juiz diligenciar, por todos os meios ao seu alcance, determinar a verdade do desastre, e que foi impossível: «Fenómeno imprevisível, afirmam os sábios. Nestes termos, não é possível responsabilizar os réus. Não ficando demonstrada a culpa de qualquer deles, julgo a acusação improcedente e não provada, pelo que os absolvo e mando em paz.» E o magistrado não terminou sem chamar a atenção para o facto de o eng.º Nuno Martins ter sido injusto na forma como tratou prof. Edgar Cardoso (que lhe apontou erros no projecto).

PALÁCIO DE BELÉM

O Presidente da República recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, a sr.ª D. Vera Franco Nogueira e os srs. drs. Francisco Alambre dos Santos e Delim Vilela, da Academia de Música de Santa Cecília; o sr. eng.º Rodrigo de Castro Pereira, e o sr. eng.º Armando Telo da Gama.

FUNDAÇÃO SALAZAR

Representações das administrações dos Bancos Borges & Irmão, Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Fonseca & Burnay, Pinto & Sotto Mayor, Portugalia do Atlântico e Totta-Alança, foram, ontem, sucessivamente, recebidas pelo Chefe do Estado, no Palácio Nacional de Belém, a quem foram comunicadas as deliberações, tomadas por cada um daqueles Bancos, de concederem 8000 contos para a Fundação Salazar.

Foi assim elevado de mais 48 000 contos o montante das disponibilidades da Fundação para a execução dos fins que se propõe.

O sr. almirante Américo Thomas recebeu, ainda, uma representação dos organismos corporativos de mercearia, a qual lhe deu a entrega dos contributos das várias Grémias, num total de 850 contos, para a obra da Fundação Salazar.

LUCIANA PICCHIO

A escritora italiana Luciana Picchio, autora do livro «História do Teatro Português», foi homenageada na Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais, Palácio Académico Pereira e Luís de Oliveira Guimarães, tendo a homenagem agradecida as suas palavras.

SOLDADO MORTO

Um soldado morreu e dois ficaram feridos, durante um exercício de saltos de vistorias em andamento, que decorria no Regimento de Artilharia n.º 5, em Penafiel. O infeliz recruta chamava-se João Pereira Vieira e veio a sucumbir, em resultado de, num dos saltos, se ter desequilibrado e batido com a cabeça no solo. Os outros dois militares, que ficaram feridos, são José Ribeiro, de 20 anos, de Taipas, Guimarães, que recolheu ao Hospital Militar do Porto, e Joaquim Catarino, de 20, este em estado bastante grave e também internado no Porto, no Hospital de Santo António.

SALVOS DA MORTE

Uma jovem de 16 anos, Madalena Oliveira Nogueira, salvou de morte certa, por afogamento, o sapateiro José Rodrigues Moreira, de 41 anos, do Lugar dos Molinhos, Vilar de Andorinho (Gaia) e sua filha Rita Maria da Silva Moreira, de seis anos. Esta tinha caído ao rio, no cais da Ribeira, no Porto, e o pai fora em seu auxílio, mas foi assaltado pela fadiga. Teriam ambos morrido se a Madalena não se tivesse atirado às águas, trazendo-os para lugar seguro.

FECHO DO CURSO DE JORNALISMO

Cem anos depois de, nos Estados Unidos, se terem iniciado os estudos de jornalismo, o Sindicato Nacional dos Jornalistas promove o primeiro curso em Portugal, em que tomarão parte 385 indivíduos (dos quais 297 por correspondência). A sessão de encerramento presidiu o ministro das Corporações, tendo falado os srs. Pereira da Costa, presidente do Sindicato promotor da iniciativa; combatador Martinho Nobre de Melo, director do novo periódico colega «Diário Popular» e dr. Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo.

OS 20 ANOS DA N. A. T. O.

O 20.º aniversário da assinatura do Tratado de Atlântico Norte, foi comemorado, no Palácio Foz, com uma sessão a que presidiu o dr. Augusto de Castro, presidente da Comissão Portuguesa do Atlântico, e em que estiveram

presentes os ministros da Defesa e dos Negócios Estrangeiros, o secretário de Estado da Informação e Turismo e o almirante Quintanilha de Mendonça Dias, ex-ministro da Marinha. A oração da noite

esteve a cargo do prof. Paulo Cunha, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, que se manifestou pela necessidade, cada vez maior, de a N. A. T. O. se tornar uma organização actuante, para bem da civilização atlântica.

Cofres de aluguer
Av Republica, 3
BANCO DO ALENTEJO

MERCADO DA PRIMAVERA

ZONA DE BELÉM

Hoje, às 21 h. com entrada livre

ABERTURA AO PÚBLICO

- Centros de vendas de artesanato de todas as regiões do País.
- Restaurante privativo (a partir de amanhã, 6.º-feira).
- Exibições de grupos folclóricos.
- Concertos por bandas de música.

(Este noite: BANDA DE ALCOCHETE)

DIARIAMENTE, abertura às 12.30 horas e encerramento às 0.30 horas

Preços de entrada:

Sábados, Domingos e Feriados ... 5\$00

Restantes dias da semana 2\$50

UNIÃO NACIONAL: REUNIÃO DE ALTO NÍVEL NO DIA 31

Está marcado para o próximo dia 31, na sede da União Nacional, um encontro da Comissão Executiva com todas as comissões distritais do continente e da ilhas. A reunião, com início às 10 e 30, deverá prolongar-se pelo resto do dia. Presidirá o dr. José Guilherme de Melo e Castro.

Entretanto houve ontem uma sessão de trabalho da mesma Comissão Executiva, durante a qual foram especialmente tratados alguns pontos do encontro de 31.

Pequim reivindica o apoio à guerrilha birmanesa

As notícias provenientes da Birmania — país discreto, e mesmo secreto — sempre foram raríssimas: as autoridades de Rangun não têm de modo algum o costume de apresentar balanços, ou de expor a situação nas províncias em que as perturbações, de origem política, ou político-étnica, nunca cessaram desde a independência, em 1948. Pequim, em contrapartida, começou, há pouco mais de um mês, a difundir textos comunistas birmaneses e documentos chineses aprovando-os.

O movimento de guerrilheiros comunistas birmaneses dura há vinte e um anos (1). Durante muito tempo Pequim fez silêncio em torno disso: era a época da amizade entre os dirigentes chineses e o presidente do Conselho Revolucionário birmanês, general Ne Win, no Poder há sete anos. Em Maio de 1967 eclodiram em Rangun motins antichineses. As relações entre os dois países imediatamente foram afectadas por isso, e Pequim descobriu então em Ne Win um passado de «fascista» passando a incensar a revolta armada, que se dizia inspirada no pensamento de Mao Tsé Tung. Em 1968, foram publicados outros documentos, falando de «luta popular». Houve no fim do ano passado uma pausa na publicação dos comunicados. Em fins de Janeiro de 1969, Ne Win dirigiu-se de visita oficial ao Paquistão. Segundo informações não confirmadas, teria nessa altura mantido conversações secretas com diplomatas chineses. Se a notícia é verdadeira, as discussões sem dúvida não tiveram êxito, porque, a partir de meados de Março, a «Nova China» começou a exaltar a revolução armada. O último documento deste género (traduzido do chinês) data de 27 de Abril.

O ponto de partida desta nova campanha foi a confirmação, pelos comunistas birmaneses, do assassinio do seu

chefe, Than Tun. A informação fora difundida por Rangun em fins de Setembro. Than Tun teria sido morto por um agente de Na Win — versão comunista — ou por um rebelde que desejava regressar à legalidade — versão governamental. O presidente do P.C. morreu em 24 de Setembro de 1968, mas a «Nova China» só falou disso em 20 de Março de 1969. Nessa época, Chu En Lai e Kang Cheng, membros do Comité Político Permanente do P.C. Chinês, tiveram um encontro com Ba Thein Tin, vice-presidente do Partido birmano.

A importância da morte de Than Tun não é minimizada pelos revolucionários. O velho dirigente tinha um passado glorioso, que ninguém contestava. A este militante nacionalista dos anos 30, cedo vindo ao marxismo — antes da fundação do P.C. em 1939 (data oficial) — Nu, antigo primeiro-ministro, disse um dia: «Seréis o Lenine da Birmania e eu o seu Máximo Gorki». Nu limitava-se a ser

Ne Win desempenhou então um papel...), em 1958 e em 1961. Mas todas falharam.

«O poder vermelho nos campos»

A revolta prossegue. Mas é hoje absolutamente impossível fazer o exame com segurança da situação no terreno. Convém, portanto, tomar unicamente nota dos textos difundidos por Pequim, e que descrevem uma sublevação que se situa resolutamente na movimentação chinesa.

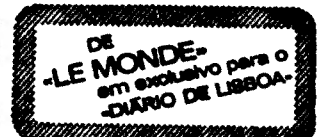
Num discurso pronunciado em 20 de Março, Ba Thein Tin, vice-presidente do P.C. Birmano, asseverou aos seus auditores que «Than Tun sempre esteve ligado ao marxismo-leninismo, ao pensamento de Mao Tsé Tung, à prática da revolução birmanesa» e que «a pandilha militar de Ne Win sempre foi um bando que se entregava aos morticínios». O que consiste em «esquecer» que as relações entre Ne Win e os dirigentes chineses foram excelentes por muito tempo.

Ba Thein Tin recorda as «três grandes tarefas» do P.C. que são: «a chave da conquista da vitória da revolução armada». É preciso, diz, «quebrar as ofensivas do inimigo com ofensivas nossas», seguir «uma linha de classe nas regiões rurais» para «estabelecer o poder vermelho nos campos», e «esmagar o revisionismo». Tin pensa que a situação é «excelente» no plano internacional e local e afirma que as suas forças obtiveram «enormes vitórias militares». Anuncia de passagem que está encarregado de dirigir a luta armada conjuntamente com Zin, que passa da co-presidência do Partido para a presidência.

Uma notícia da agência «Nova China» de 27 de Abril último afirma que «as bases revolucionárias vermelhas se consolidam e alastram» e que «se estendem as zonas de combate»: «As forças armadas populares eliminaram primeiro o inimigo por secções, depois por pelotões, e agora podem aniquilar companhias inteiras.» O P.C. desencadeou o movimento «ex-

pandir as queixas» contra «os exploradores e os opressores». Foi dada ordem para se armarem com o equipamento tomado ao inimigo, e retomado este «pensamento» de Than Tun: «O exército inimigo é o nosso departamento de logística».

O trabalho ideológico nos campos deve basear-se na se-



guinte estratégia: «Apoiar-se nos camponeses pobres, neutralizar os camponeses ricos, atacar os proprietários fundiários». O Partido tem cuidado em reconhecer os direitos de todas as comunidades étnicas que tornam este país um verdadeiro mosaico. E não esquece também de verberar «os revisionistas» locais contra quem, assevera, «foram tomadas medidas» em vida de Than Tun (2).

No entanto, é impossível saber se os documentos da «Nova China» descrevem, ainda que parcialmente, uma situação real, ou se reflectem simplesmente o novo decorrer das relações entre Pequim e Rangun. A Birmania continua a ser uma grande desconhecida...

(1) Falamos aqui da guerrilha «maioritária». De facto, desde 1946 formou-se uma guerrilha comunista «dissidente», que foi classificada como «trotskista», ainda que recusasse esse título. Nunca teve a envergadura do movimento de 1948.

(2) Em Moscovo, a «Literaturnaya Gazeta» acaba de escrever que os pró-chineses conquistaram a direcção do P.C. birmanês, e três membros do Comité Central foram executados por «revisionismo». Mas o jornal soviético não diz que Than Tun foi assassinado. É certo que este era pró-chinês...

Nota do dia

SIGNIFICADO DE UM DISCURSO

NO DISCURSO QUE PROFERIU na inauguração da barragem de Sabóia, traçou o prof. Marcello Caetano o perfil da figura do Presidente da República como «símbolo da nossa unidade, da independência nacional, da soberania portuguesa». E acentuou: «Onde está o Presidente da República está o povo português, o povo de aquém e de além-mar, o povo que moureja nos campos, trabalha nas oficinas, serve nos estabelecimentos, lida nos escritórios e se bate nas fileiras das forças armadas, o povo que somos todos nós, unidos num só sentimento pátrio e numa só vontade de paz e progresso. Respeitar o Chefe do Estado é respeitar tudo o que ele representa como imagem viva e expressão tangível. Respeitar o Chefe do Estado é venerar Portugal».

O prof. Marcello Caetano não se limitou com isto a prestar as suas homenagens protocolares ao almirante Américo Thomaz, que se encontrava presente e a quem as dirigiu. O prof. Marcello Caetano estava procedendo deliberadamente a um acto político, que é, parece-nos, o seu propósito de reconstituir a figura política do Presidente da República na dimensão que lhe é estabelecida no texto constitucional.

É a caracterização do presidencialismo fixado no texto constitucional. Numa publicação oficial («Portugal», Exposição Universal de Bruxelas, 1958) encontra-se no capítulo sobre a organização política portuguesa uma nota identificando o sistema da Constituição de 1933 como um sistema «que se poderia qualificar de presidencialismo bicéfalo, ou mais exactamente de presidencialismo de primeiro-ministro». Não traz o referido capítulo indicação de autoria, ao contrário de todos os outros capítulos da mesma obra, mas o prof. Marcello Caetano era ao tempo o ministro da Presidência, de quem dependiam todos os serviços da representação portuguesa naquela exposição.

Era evidentemente um desvio que a prática fizera do texto da lei constitucional: «O longo consulado do dr. Oliveira Salazar na Presidência do Conselho deslocou para este cargo a chefia efectiva do Governo e reduziu a Presidência da República a uma magistratura eventualmente arbitral». Deslocou e reduziu. Exactamente como «as mesmas razões que apagaram a função política do Presidente da República explicam a pequena intervenção desse Conselho na vida política». É a referência ao papel do Conselho de Estado. E porque, na sua opinião, de um desvio se tratava, assiste-se agora ao que pode chamar-se o processo da reintegração da figura jurídica do Presidente da República na plenitude dos seus próprios poderes.

Por certo que a situação se transformou a partir do momento em que o Chefe do Estado tomou a iniciativa de resolver a crise de Setembro passado, dando ele próprio o passo histórico, que as circunstâncias impuseram, de retomar em mãos os seus próprios poderes. E daí, o novo Presidente do Conselho, o actual, aparecer manifestamente investido na posição de número dois do Poder Executivo, tanto mais que (artigo 71.º da Constituição) o Chefe do Estado, só por si, é um dos órgãos da soberania nacional, de cuja exclusiva confiança depende (art.º 112.º) a sua conservação no Poder. O professor de Direito repõe o direito escrito. Toma ele o seu lugar e refortalece a posição do vértice da estrutura constitucional vigente. O discurso de domingo, no fragmento transcrito, encerra esse significado.

RECTÂNGULOS DA VIDA

SÃO CRISTÓVÃO

Todos nós, muitos de nós, pelo menos, recordamos das nossas primeiras leituras — séries, adultas, aquele velho gigante bondoso que, com o menino ao colo, já sem forças, já moribundo, lhe perguntava: «O meu menino, onde é a casa de teu pai?» E o menino sempre a responder: «Mais longe, Cristóvão, mais longe». Sempre até ao derradeiro instante — «Ai meu menino, meu menino!» — quando o velho caiu porque a hora da sua morte tinha chegado. Mas senti as suas grossas mãos pressas nas do menino, — e a terra latir-lhe debaixo dos pés. Então entreabriu os olhos, e no esplendor incomparável reconheceu Jesus Nosso Senhor, pequenino como quando nasceu no curral, que docemente, através da manha clara o ia levando para o céu.

O belíssimo texto de Eça de Queiroz faz-me conhecer São Cristóvão e faz-me amá-lo. Não como a um santo de altar, verdade seja, mas como a

alguém que encontramos em novos, no tempo das grandes amizades puras, e que nunca mais podemos esquecer. Ouvimos a mãe perguntar-lhe num grande espanto porque não era ele mais pequenino, andámos com ele pela floresta, fomos na sua companhia gigante particular de fidelidade caprichoso, ajudámos também fracos e oprimidos. Porque ele «por cidades e campos só buscava, na simplicidade do seu coração, ser útil e

por
MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO



bom. Batia à porta das cabanas, perguntava se eram necessários ali dois braços fortes, para todos os trabalhos. Não pedia salário. A cêdea menor de pão era a que lhe bastava (...). Se o injuriavam baixava a face humilmente. Se o espancavam, ficava imóvel e quieto sob os golpes. Se o despediam, apanhava o seu bordão e partia suspirando. Se não era ser-se santo!

E não, não era. Provou-se que não era afinal bastante santo para ser universal. A política (no bom sentido, note-se) entrou no calendário, e a velha Europa cedeu lugares ao novo mundo e até ao terceiro mundo. Então os santos menos importantes, os santos mais «duvidosos» também — terão mesmo existido alguns deles? — foram retirados. Entre os desaparecidos, Santa Bárbara (incapaz portanto, ao que parece, de proteger os homens dos raios celestes), São Jorge, o do castelo, São Nicolau, o do Natal das crianças nórdicas. São Cristóvão também, patrono dos viajantes em geral e dos automobilistas em particular.

O nosso velho amigo São Cristóvão,

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

LYCÉE FRANÇAIS CHARLES LEPIERRE

VAGAS PARA O ANO LECTIVO DE 1969/70

JARDIM INFANTIL — só para crianças nascidas em 1964.

7.º ANO DO LICEU — alínea a); número reduzido para as restantes.

Av. de Duarte Pacheco — LISBOA — Tel. 61 11 01-2-3

SOB O SIGNO DA MEDIOCRIDADE — 1



Aumentou o número de concorrentes

mas baixou (e muito) o nível da «Rosa de Ouro» de Montreux

MONTREUX — Cada ano que passa, tudo parece indicar que o Concurso de Televisão «Rosa de Ouro» de Montreux vai baixando de nível, e subindo no número de concorrentes e emissões apresentadas «hors concours». Só no que se refere a participação oficial, foi superior o nível: vinte e oito obras apresentadas por vinte e cinco países. Quase outras tantas emissões «hors concours». Algumas estrelas de concorrentes, pois as TV brasileira, grega e israelita quiseram mostrar um ar da sua graça, sem o conseguir, porém. Quanto aos espectáculos de inauguração e de encerramento, nunca foram tão faustosos e concorridos, e excelentes, não obstante o concerto monstro de assobios aquando da entrega de galardões, no espectáculo de gala da Eurovisão. Uma vez mais, a TV lusa esteve ausente e a sua ausência tornou-se, este ano, notada.

Tempo maravilhoso nesta Montreux, centro da Riviera helvética. A presença de estrelas da Rádio, do Cinema, e da Canção animou o ambiente, e, por vezes, foi mais espectacular e mais interessante do que o próprio Festival. Assim, no periplo da sua viagem de nupcias, ou antes, no prolongamento da sua viagem de nupcias, como quis insistir, o beate Lennon, perdão, Ono, fez uma rápida descida a Montreux, com Yoko Ono, sua mulher, e cujo nome, entretanto, adoptou como seu. Ambos, completamente de branco vestidos... O casal e o sol brilharam e deram calor à monotonia das sessões. Conferência de Imprensa anunciada e anulada — vazia ficou a sala de projecção, que Concurso há todos os dias, mas o beate e a cara-metade um apenas... Essa Conferência de Imprensa por fim veio a realizar-se, após um dia de perseguição e de um jogo de escondidas, em que o novel casal parece ter sido quem mais se divertiu. Nada se disse, afinal, pelo menos nada de concreto ou profundo. Defesa do programa com que a Austria concorre, e que foi realizado por Lennon. Em todo o ar, Ono declarou que o «seu» programa era o melhor de quantos apresentados, embora não fosse ganhar qualquer prémio... Injustiça. A previsão confirmou-se, pois seria escandaloso acontecer o contrário. Palavras, palavras: que o dito programa é avançado demais para o público actual... Que ele, Lennon, aliás, Ono, é rico, imensamente rico, e ninguém tem nada com isso, que adora a sua Yoko (um metro e 50 de altura e 42 quilos de peso)... Tudo quase monólogo, com adições da esbelta nipónica. Tudo um pouco confuso — talvez em razão das frequentes interrupções dos caçadores de autógrafos, dos quais nem um único foi arredado pelo beate barbudo e alvi-vestido. Casal simpático, ao fim e ao cabo. E assas comunicativo, após o jogo das escondidas a que submeteu os jornalistas todo um santo dia.

PARA O MAU HUMOR, A LINGUA INGLESA...

Tipo completamente distinto, é Petula Clark. Além de participar nas «galas» de inauguração e de entrega de prémios, tirou a sorte a ordem por que os programas iriam ser projectados. Outra «estrela» famosa, simpática, e modesta. Elegantemente vestida no «show» de abertura, com calças e túnica azuis marinho, e «chemisier» rosa-encarnado, a sua presença foi cativante; e foi a sua «presença de espírito» e radiante simpatia que salvou a gala de distribuição de prémios, em que cantou e distribuiu as «Rosas».

Ao fim e ao cabo, não teve culpa da escolha feita pelo júri. Rodeada por suas filhas, Barbara, de 6 anos, e Catarina, de 5, Petula não deixava de conversar com os jornalistas, mas sem deixar comprometer-se com «declarações». Sempre falando francês, excepto quando de mau humor, momentos raros em que regressa ao seu idioma materno, o inglês. Mas sempre «twenty». Petula...

E vinte foi o número dado a «O Samba» começou assim; e, assim, recém-chegada à «Rosa» de Montreux, tocou a TV brasileira tocar o Samba e contar a sua história a um público europeu na sua quase totalidade. De autoria e rea-



Petula Clark, uma das grandes atracções da «Rosa de Ouro»

Do nosso correspondente na Suíça
FERNANDO DE MACEDO

lização de Maurício Shermann, em preto e branco, este «show» apresenta em pouco mais de meia hora, a lenda do nascimento do samba. Emissão turística, sem nada de novo, nem mesmo o samba, e sem grandes anseios, a não ser estar presente, e atrair turistas. O Rio estava presente, porém, embora sem as favelas. Ao Brasil, e ao samba, seguiu-se o... Tango, da TV italiana. Programa ainda mais histórico-sentimental, com Milva cantando durante quase uma hora. Este «one woman show» saturou pela sua lentidão e langor. E tornou-se notado pela sua mais que

mediocridade, facto anormal para uma emissão transalpina.

E os vinte e oito espectáculos — a que se deve juntar os «hors concours», foram-se sucedendo-se, nesta semana que durou o concurso de Montreux. Alguns desses programas nem vale a pena escrever, pois nem sequer deveriam ter sido projectados, ou até realizados. Por isso, limito-me a descrever, a traços largos, os melhores e alguns dos menos bons, desses que ganharam prémios, por vezes mais por razão de Diplomacia ou de Geogra-

(Continua na 12.ª pág.)



A sessão polidéclica teve, este ano, enorme repercussão com o espectáculo inglês de excepional qualidade «Fishe». Os «chippies» marcaram a sua presença não apenas na tela, mas na plateia também

Em três linhas

Foi aprovado o regulamento do Prémio Escolar Joaquim José Delgado, no valor de 21 700 000 e destinado a crianças do ensino primário da cidade de Chaves.

///

Vai ser lançada em circulação, cumulativamente com os que estão em rigor, uma emissão de selos de franquia postal comemorativa

do 2.º centenário da Imprensa Nacional.

///

Foi constituída uma nova sociedade produtora de filmes de que são sócios os srs. Fernando Humberto Costa, Jaime Baptista Duarte de Brito e Luís Fernando de Vasconcelos do Couto e que recebeu a denominação de «Interfilme, Produções Cinematográficas, Lda.».

CONSTRUÇÃO DE CASAS (POR EMPRÉSTIMOS DA PREVIDÊNCIA) EM VILA FRANCA DE XIRA

VILA FRANCA DE XIRA, 15 — A convite do presidente da Câmara Municipal, a Missão de Acção Social do Ministério das Corporações prossegue na sua actividade neste concelho, funcionando nas instalações cedidas pela Câmara, na Avenida Pedro Vitor, 90, onde às segundas-feiras, das 15 às 18 horas, atende os trabalhadores interessados na construção ou aquisição de casas com empréstimos da Previdência.

Nas instalações da Metal Portuguesa, Lda., Castanheira do Ribatejo, decorrem colóquios de divulgação, especialmente dedicados aos operários desta empresa, interessados na resolução do seu

problema habitacional.

Haverá, também, no sábado, às 21 horas, na Casa do Povo de Vila Franca de Xira, um colóquio de divulgação da lei ao qual assistirá o presidente da Câmara.

Esse colóquio é destinado especialmente aos trabalhadores rurais.

Os colóquios da Metal Portuguesa prosseguirão na Ecril — Empresa de Concentrados de Tomate do Ribatejo, em Castanheira do Ribatejo, e nos Nitratos de Portugal, em Alverca do Ribatejo, onde a actuação da missão se prolongará pelo tempo necessário.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 15 — (A. N. I. e L.) — Foi distribuído o Boletim Informativo das Forças Armadas na Guiné, relativo ao período de 5 a 11 do mês de Maio corrente, o qual é do seguinte teor:

«Durante o período o inimigo flagelou a povoação de Feningue (Tite) e os aquartelamentos de Cabuca, Guileje e Cufar; implantou engenhos explosivos na estrada de Buba-Aldéia Formosa e nas regiões de Samba Sabali (Buba), Bissasema (Tite), Bijope (Cacheu) e Jergus (S. Domingos); emboscou as nossas tropas nas regiões de Sare Uaso, Oeste de Ponta Nhaga (Jol), Rio Fulacunda, Aldéia Formosa e Cob.

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu:

Na região de Fiaque Indegueté (Tite), um capturado; na região de Cabanta (Jol),

seis mortos; em Bafatandim (Oio), três mortos, e a apreensão de armamento; na região de Nhaga (Jol), 6 mortos, um capturado e a apreensão de armamento; na região Oeste de Catora (Pelundo), um morto; na região de Burné (Cacheu), um morto; na região a sul de Pecó (Jol), dois mortos; na península de S. Vicente cinco mortos; e sudoeste de Pelundo um capturado.

Nas vias fluviais foram destruídos meios de transposição.

No conjunto das acções levadas a efeito foram recuperados quatrocentos elementos da população que voluntariamente se acolheram à protecção das nossas forças em operações, na área de se subtraíram às acções terroristas do inimigo.

Durante o período o inimigo sofreu vinte mortos e quatro capturados.

As nossas forças sofreram um morto em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados aos órgãos da Informação.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província de Moçambique, o furiel miliciano n.º 0044208, Aurélio Almeida Santos. Também em Moçambique morreu em combate o furiel miliciano n.º 00272486, Carlos Alberto Farias Silva Graça, e ainda o soldado n.º 11026367, Vitor Manuel Bandeira Quaresma.

Por que não ter filhos cedo?

Qual a melhor época para se ter filhos? Aos vinte anos? Aos trinta? Um especialista aponta factos muitos vezes esquecidos pela maioria dos casais. Leia o artigo em Selecções de Maio, já à venda, numa distribuição exclusiva da Livraria Bertrand.

APARTAMENTOS A LUGAR - SE

Mobilados, todo o conforto, c/ utensílios e roupas, ao mês, época ou ano, na linha do Estoril, junto à praia. Telef. 2 47 30 98.

Reposição no Variedades: «A Rainha do Ferro-Velho»

Pois, pois! «A Rainha do Ferro-Velho». Uns dias em Lisboa, antes de ir para a África. Lá, então, vai ser uma «canja». E das boas. Que a Laura Alves continua a ser, para o Teatro, a «galinha dos ovos de ouro...»

Pois, pois! «A Rainha do Ferro-Velho». Mas ainda bem: «A Rainha do Ferro-Velho»!

Com tudo o que teve para a América do fim da guerra, a peça ainda sobra para o nosso público. Co-

munica. Sugere. Ilustra. Conta à boca-grande o que, diariamente é repetido no coro da boca-pequena. Tem a força de não desprezar as palavras fortes. Nem sequer as interditas. «A Rainha do Ferro-Velho» anda para aí a chamar algumas coisas pelo seu nome. Sobre outras, abre em cada espectador, uma perspectiva de esperança. Diz que o mundo é assim, mas, um dia, há-de deixar de o ser. E o homem da plateia gosta de ouvir isto, mesmo que, pelo seu lado, faça tudo ao invés...

«Ora, ora» — dizem, e têm razão, os que vão lá e apenas se riem. Mas mesmo esses recebem, cara-a-cara, duma linguagem que não desconhecem, um cartão com uma frase, que sempre lhes vai dizendo alguma coisa: «to it may concerned». (Não é bem isto, mas é quase: «a quem possa interessar.» E, depois disto, que mal está em que se riem para diante — ou mesmo para os lados.

Doutro modo, todos gostam de ver uma grande fortuna trocada por miúdos. E, troco-por-troco, o ricoço ferro-velho é um homem que só tem dinheiro, que é o que, muitas vezes, tem quem não tem

mais nada. Como já tinha dado por isso o repórter (Rui de Carvalho), acabam por o saber a sua «boneca» (Laura Alves) e, numa visão mais sombria, o advogado que se aventou à burla (Canto e Castro). Que preciosos papéis! Que notável desempenho!

Mas tenhamos uma palavra de respeito pelo protagonista (Tomás de Macedo). Sem a sua criação (talvez, a melhor de sempre, desde que, do Cinema se passou para o Teatro) as outras figuras ficaram vazias ou, pelo menos, despropositadas. Para não ir mais longe: sem a violência que o Tomás imprime à «taraxia» do segundo quadro, Laura não podia ter humanizado tanto a sua figura de humilhada. Nem ter dado abertura para a cena do Canto e Castro — aquela mesmo em que ele atira sobre si próprio a última pedrada na peça. Digamos: no chargo.

Para não enganar ninguém, não queríamos apenas falar do texto e da interpretação, mas, a verdade, é que a encenação não vai além do débito de palavras, então, para quê, perder, com isso, ainda outras palavras?

TAVARES da SILVA

TRUFFAUT

NO ABC CINECLUBE

Mais uma sessão do ABC Cineclub de Lisboa, a 737ª, está marcada para amanhã (18 e 40) no Cinema Lys. Será exibido o clássico de François Truffaut, «Os quatrocentos golpes».

Teatro Capitólio

Tel 320879

Últimas representações

HOJE AS 21.45 HORAS

O original português

de Nuno Moniz Pereira

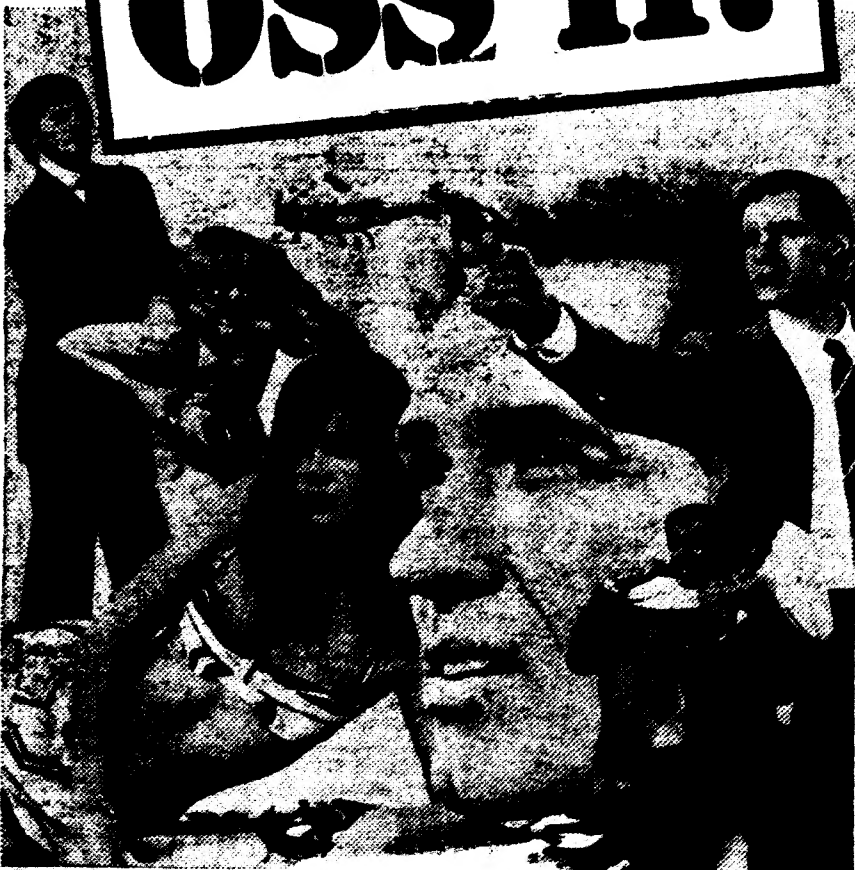
A ESFERA FACETADA

M/ 17 anos

Domingo-Tarde às 16 horas

O VERDADEIRO, O AUTÊNTICO OSS 117 VOLTA NUM GRANDE FILME DE ESPIONAGEM!

NADA DE ROSAS PARA OSS 117



UMA AVALANCHE DE SITUAÇÕES «PERIGOSAS» E «DIFÍCEIS» RESOLVIDAS POR PROCESSOS «ENERGICOS» E «INÉDITOS»

John Gabin • Curd Jurgens

Margaret Lee • Robert Hossein

REALIZAÇÃO DE ANDRÉ HUNEBELLE

FILMES LUSOMUNDO

HOJE

ESTREIA

«SUSPENSE»

ADULTOS
TECHNICOLOR

POLITEAMA

estudio
444

APRESENTA EM
3.ª SEMANA

O SALTO



UMA EXTRAORDINÁRIA
REALIZAÇÃO DE
CHRISTIAN DE CHALONGE



PRÉMIO
DA OCIC

Adultos



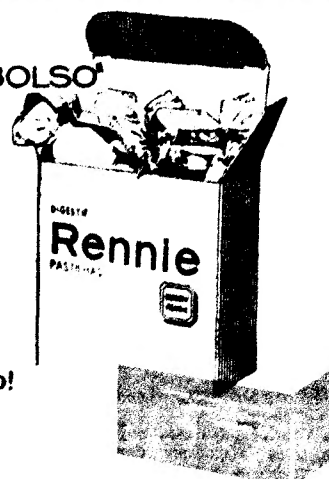
Depressa, tome Rennie!

O SEU EXTINTOR DE BOLSO



Indigestão, azia, excesso de ácidos...
Você sente o estômago a arder!
Depressa! Uma pastilha Rennie
e apague imediatamente esse ardor!
Rennie não precisa de água
e tem agradável sabor!
Uma segunda Rennie,
dissolvida lentamente na boca,
assegura-lhe um alívio mais duradouro!

Rennie
Força digestiva!



ATRÁS DO REPOSTEIRO

• O empresário José Miguel pensa organizar uma grande companhia de revistas para a próxima época de Inverno. Do elenco farão parte, entre outros, os artistas Anabela, Baduró, Carlos Coe-

- lho, José de Castro, etc. Os artistas Eunice Muñoz e Fernando Gusmão principiam dentro de dias a ensaiar uma nova peça.
- É muito provável o ingresso no teatro da mulher do jovem actor Vasco Morgado Junior.
- Ultimamente os preparativos para a estreia de nova peça no Teatro da Estufa Fria.
- O artista Fernando Farinha tem como acompanhante o violista Nicolau Neves e o guitarrista Manuel Mendes.
- Já regressou da Dinamarca a artista Terena Tarouca.
- A artista Isaura Alice de Carvalho também participa no festival a levar a efeito no Estádio José Alvalade por ocasião das «Vinte e quatro horas de Lisboa», em ciclismo.
- Encontra-se a actuar no «Timpans» a cantadeira Tina Santos.
- Foi posto á venda um novo disco do artista Jorge Lima.

Novo CASINO ESTORIL

apresenta



MAORI HAKAS

famoso conjunto neozelandês



PINN JON ilusão e fantasia

TEREZA SILVA CARVALHO

directamente da Broadway

ÇA C'EST L'AMOUR



produção de

PIERRE FRANCK PERRY MC CANN

SEGUNDO GALARZA e seu conjunto

FERRER TRINDADE e sua orquestra

JIRINA'S COMBO

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

LADY CHINCHILLA

só no wonder bar

No CINEMA, às 17 e às 21.30

O BOM, O MAU E O VILÃO (M, 17 anos)

O «Wonder Bar» está hoje reservado para um jantar das Indústrias Múltiplas Previdente (Conferência Cívica). Os clientes habituais serão servidos no Grande Salão-Restaurante

CASA DE COMÉDIA

(Janelas Verdes)

As 22 h. STRIMBERG

DANÇA DA MORTE

(Trad. R. Alberty)

CARMEN DOLORES

AUGUSTO FIGUEIREDO

ALVARO BENAMOR

Direção: Jorge Listopad

Cenário: António Botelho

Marcações pelo telefone 677299

TEATRO DA TRINDADE

(F. N. A. T.)

Hoje, dia 15, às 21.30

Última récita da ópera

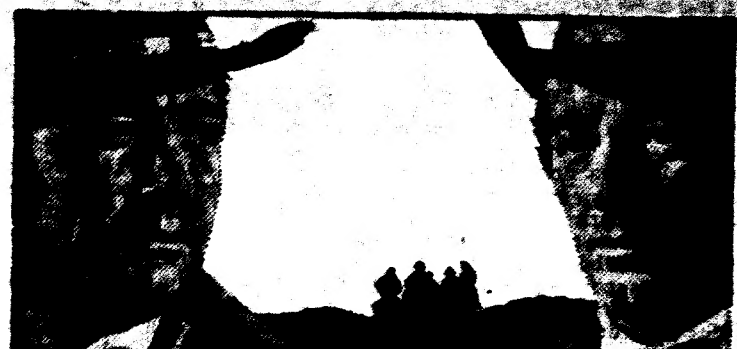
TRAVIATA

de VERDI

Pela Companhia Portuguesa de Ópera

Maiores de 12 anos

Dia 17-4. Récita da ópera «Bodas de Figaro», de Mozart



DEAN MARTIN

O jogador que não temia belas nem mulheres!

ROBERT MITCHUM

O prégador que desafiava o céu e o inferno!

A PARAMOUNT APRESENTA UMA PRODUÇÃO DE **NAL WALLIS**

PREÇO DE 5 JOGADORES

(FIVE CARD STUD)

SENHORES DE 12 ANOS

INGER STEVENS · RODDY McDOWALL · REXE · HENRY HATHAWAY

MARGUERITE ROBERTS

PO · EDWARD · MARGARET · HENRY · E LON · FILME · PARAMOUNT

AMANHÃ GRANDE ESTREIA NO **EDEN**

A ATENÇÃO DO PÚBLICO

Em complemento deste programa, a Gerência deste Cinema orgulha-se de apresentar o documentário colorido

APOLLO 8 - JORNADA À VOLTA DA LUA

Espantosa viagem dos cosmonautas Frank Borman, William Anders e James Lovell e as extraordinárias imagens obtidas na sua maravilhosa verdade, só conseguidas pelas câmaras cinematográficas.

Este documentário é um rigoroso exclusivo da PARAMOUNT, por direitos cedidos pelo U. S. Information Service.

Em uma vez cinco Generais "dentro" ... e um magalo fora ... O problema era tirar os generais de "dentro" para fora ... e evitar as armadilhas lançadas por uma bela condessa!

PAUL NEWMAN

SYLVA KOSCINA

JOHN BOSLEY · ANDREW DUCAN · JOHN WILLIAMS

WERNER PETERS · JAMES GREGORY

Realização de JACK SMYTH

TECHNICOLOR SCOPE

"GUERRA" SECRETA DE HARRY FRANK

UNIVERSAL FILMES LUSOMUNDO

Maiores de 12 anos

Amanhã GRANDE ESTREIA

CINEMA **MUNDIAL**



Artes plásticas

Miguel Arruda
nas Belas Artes

A inauguração da exposição de esculturas de Miguel Arruda, na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes, anuncia-se para amanhã, é transferida para sábado, às 18 horas.

Esposa Pinto na Galeria 111
Amanhã, às 18 horas, na po Grande, será inaugurada uma exposição de trabalhos do pintor Esposa Pinto.
Exposição de Máscaras e Gravuras
VISEU, 15. — No sábado, às 18 horas, nos salões da Biblioteca Municipal (Casa

Amarela), será inaugurada Livraria-Galeria 111, no Cam-uma exposição de máscaras e gravuras, da autoria do casal brasileiro Vasco Prado-Zaróvia Bettiol, que, de passagem por esta cidade, aqui nos revelaram os seus trabalhos artísticos cheios de interesse.

RECINTOS DE DIVERSÕES

* O pianista Eugénio Pepe deve deslocar-se ainda este ano ao Brasil.

* Estreou-se na Tipóia a cantadeira Beatrix da Conceição.

* Deve verificar-se, no próximo dia 24, a estreia, em Buenos Aires, do artista Tristão da Silva.

* Continua a actuar na Sanzala a cançonetista Lenita Gentil.

* A artista brasileira Dercy Gonçalves pensa apresentar em breve nas principais cidades do País um «show» com que habitualmente se apresenta na TV brasileira.

PRÉMIO D. JOÃO II

Está aberto o prazo para entrega das obras concorrentes ao Prémio D. João II, relativo ao biénio de 1968-69, instituído pela Agência-Geral de Ultramar e que se destina a galardoar o melhor estudo sobre o tema «Unidade Nacional».

O valor do prémio é de 50 000 escudos, podendo concorrer os autores que apresentem obras impressas (19 exemplares) ou dactilografadas (três exemplares), escritas em Português, com um mínimo de 200 páginas, de 25 linhas cada, excluindo-se da contagem transcrições ou

O prazo encerra-se em 30 de Setembro

A CRIAÇÃO DA «CASA DO ESCUTA»

Antigos escutas e amigos do Escutismo são convidados a colaborar com o Corpo Nacional de Escutas na sua campanha pró-Casa do Escuta.

Qualquer ajuda ou sugestão poderá ser enviada para: Chefe do Agrupamento XLVII do C. N. E., Largo do Chiado, 15, Porta A — Lisboa.

HOMENAGEM À MEMÓRIA DE UM VIANENSE

VIANA DO CASTELO, 15. — Um grupo de individualidades prestou homenagem à memória do dr. Armando da Silva Rangel, numa homenagem ao seu túmulo, no Cemitério Municipal, onde foram colocadas flores.

Usou da palavra o sr. dr. António Ribeiro da Silva, que fez o elogio do ilustre vianense.

P.ª Homenagens

A um dirigente regionalista

Por iniciativa da Casa da Comarca de Arganil, foi ali homenageado com um almoço, o seu antigo dirigente, sr. dr. Leonel J. Carvalho, a quem foi entregue a medalha de prata da colectividade, pelos serviços prestados.

**ESTA NOITE...
DESCONTRAIA-SE!... E MARQUE ENCONTRO NO SÃO JORGE
COM UMA SEDUTORA... OUSADA... E DIVERTIDA AVENTURA!!!**

A SENHORA CAMPBELL

A FILHA

O PAI!

O PAI!!

O PAI!!!



SERÁ ?

SERÁ ??

SERÁ ???

MELVIN FRANK
apresenta

BOA NOITE SENHORA Campbell

(BUONA SERA, Mrs CAMPBELL)

com

GINA LOLLOBRIGIDA

SHELLEY WINTERS · PHIL SILVERS · PETER LAWFORD · TELLY SAVALAS

WALTER BRADDOCK

e com **LEE GRANT · JANET MARGOLIN · MARIAN MOSES · PHILIPPE LEROY**

Prod. execut. e C. O. ERICKSON
argum. de MELVIN FRANK, DENNIS NORDEN · SHELDON KELLER

**APRESENTA HOJE ÀS 21.30 UMA COMÉDIA
QUE VAI DAR QUE FALAR!**



ADULTOS

TECHNICOLOR United Artists

Em complemento: A notável realização de HECTOR J. LENEUX
«A FROTA BRANCA», «THE WHITE SHIP»
Produção: «THE NATIONAL FILM BOARD OF CANADA»

Maria Vitória

HOJE ÀS 20,45
E ÀS 23 HORAS

• A SENSACIONAL REVISTA

• **MÃOS À OBRA!**

O TRIUNFO de UM GRANDE
ELENCO, com

**SALVADOR · VIANA
MARIEMA**

MAX · ANITA · DORA ·

VITOR MENDES · HELENA CARDINALI ·

MARIANO FRANCO · VITOR

ESPADINHA e a atrocção

MAY AVRIL com ALBERTO GRAZIANO

• DOMINGO, 20h45, às 16h



MARIEMA
na «Secundária»

O filme seleccionado para inauguração da mais moderna casa de espectáculos de Lisboa

4.ª SEMANA DE GRANDE ÊXITO DE
UM FILME EXCEPCIONAL

**JOGOS
PERIGOSOS**

JAMES CAGNEY · KATHARINE ROSS



UNIVERSAL
— SONORO FILME

Av. Frei Miguel Contreiras

Tel. 720000

**SIMONE
SIGNORET**

ADULTOS

TECHNICOLOR

VIDA MUSICAL

A Orquestra de Viena inaugura o Festival Gulbenkian de Música

A Orquestra Filarmónica de Viena (o mais famoso equipamento sinfónico europeu e um dos melhores de todo o mundo) — vem inaugurar o XIII Festival Gulbenkian de Música em Lisboa, efectuando dois concertos, amanhã e no sábado, às 21 e 30, no Coliseu dos Recreios. Dirigida pelo maestro italiano Claudio Abbado, a Orquestra interpretará obras de Handel, Webern, Berlioz e Brahms na primeira noite, e de Schubert, Alban Berg e Beethoven, na segunda.

Para se fazer uma ideia da importância de que se reveste a apresentação da Orquestra de Viena, bastará referir que esta goza actualmente de um prestígio impecável, de-

vido não apenas à extensão da sua interpretação mas também à sua tradição cultural. Pode, na verdade, dizer-se que a história deste agrupamento é inseparável da própria história da música europeia, de meados do século XIX até aos nossos dias. Fundada em 1812, a Filarmónica de Viena tem tido sucessivamente, como regentes titulares ou convidados, alguns dos nomes mais célebres da música: compositores como Wagner, Verdi, Gustav Mahler e Richard Strauss, maestros como Hans Richter, Clemens Krauss, Wilhelm Furtwängler, Karl Böhm, Bruno Walter e Herbert von Karajan.



As esperanças do cinema inglês para o Festival de Cannes estão postas no filme «77», de Lindsay Anderson, que está a fazer sucesso em Londres. A acção decorre, inteiramente, num internato masculino

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama	No São Jorge
Título em Português — «Na da de Rosas 088 117»	Título em português — «Boa Noite Senhora Campbell»
Realização — André Hune-belle	Título original — «Buona se-ra Mrs. Campbell»
Interpretes — John Gavin, Margaret Lee, Robert Hos-sain e Curt Jurgens	Produção — Italiana
Género — Aventura	Realização — Melvin Frank
Distribuição — Filmes Luso-Mundo	Interpretes — Gina Lollobrigida, Shelley Winters, Phil Silvers e Peter Lawford
Processo — Normal a preto e branco	Género — Comédia
Classificação — 17 anos	Distribuição — Rank Filmes
	Processo — Technicolor
	Classificação — 17 anos

ACTUALIDADE religiosa

Trinta especialistas na Comissão Teológica Internacional do Vaticano

No seu último discurso ao Consistório, o Papa Paulo VI anunciou a constituição da comissão teológica internacional que fora recomendada pelo Conselho e, em particular, pelo Sínodo Episcopal de 1967.

«A Santa Sé, disse o Papa, poderá beneficiar deste modo do concurso especial de teólogos especialistas, escolhidos nas diversas partes do mundo, e a aproveitar intercâmbios mais amplos e variados, para o aprofundamento e a salvaguarda da fé, quer dizer para a aplicação e a manutenção da verdade revelada».

Este organismo, acrescentou Paulo VI, terá de «enfrentar o estado actual de coisas, aumentando as investigações e os estudos teológicos (especialmente no respeitante às novas questões que o desenvolvimento das ciências e as tendências da mentalidade moderna apresentam), assim como de compreender, com rectidão e da melhor maneira, a doutrina católica».

As notícias provenientes da Cidade do Vaticano ainda não deram a lista completa dos teólogos escolhidos, mas «La Croix» de 30 de Abril cita os nomes dos trinta teólogos que dela serão membros e que representam dezoito países.

- Eis a lista oficiosa:
- Cinco franceses: os padres Bouyer, oratoriano; Congar, dominicano; Feuillet, supliciano; Le Guillou, dominicano; Lubac, jesuita;
 - Quatro alemães: os padres Rachner, jesuita; Ratzinger, Schnackeburg (Oeste) e Schuermann (Leste);
 - Três latino-americanos: os padres Gera (Argentina), Medina (Chile) e Roxo Mascarenhas (Brasil);
 - Dois americanos: os padres Ahern e Burghardt, jesuitas;
 - Dois suíços: os padres Urs von Balthazar e Feiner;
 - Dois belgas: mons. Delaye e Philips;
 - Dois holandeses: os padres Leccramawant e Maltha, dominicanos;
 - Dois italianos: os padres Carlo Colombo e Vaggini, beneditinos;
 - Dois asiáticos: os padres Khalife, maronita (Libano) e Nemesgyi, jesuita (Japão);
 - Um africano: mons. Tshibagu (Congo-Kinshasa), reitor da Universidade Lovanium;
 - Um austríaco: o padre Lakner, jesuita;
 - Um canadiano: o padre Lonergan, jesuita;
 - Um espanhol: o padre Gonzalez de Cardenal;
 - Um japonês: o padre Sagi-Bunta, capuchinho;
 - Um polaco: o padre Olejnik.
- O nome do presidente desta comissão não é conhecido; sabe-se, no en-

tanto, que o nome do padre Carlo Colombo (italiano) figurava à cabeça da lista original e é reputado como um dos «teólogos» do Papa. Mas é possível que seja ao cardeal Daniélou que caiba esta função de animador.

A França e a Alemanha têm maior número de teólogos. Alguns lamentarão a ausência do padre Chenu, cuja irradiação é muito notada. Os padres Congar e de Lubac encontram, naturalmente, um lugar nesta lista. Notemos, por outro lado, que o padre Le Guillou dirige actualmente o Instituto Superior de Estudos Ecológicos (Instituto Católico de Paris) enquanto ao padre André Feuillet, supliciano, especialista de Sagrada Escritura, recorda-se que dirigiu a publicação duma obra de introdução à Bíblia, na altura (1958) severamente criticada pelo Vaticano, pois Roma pedira algumas modificações para que o livro deixasse de ser proibido como manual nos seminários.

Se o padre Rahner se encontra na lista, o mesmo não acontece para o abade Hanns Küng (Suíça), nem com o padre Schillebeeckx, teólogo do episcopado holandês. Quanto ao padre Maltha, é conhecido pelas suas opiniões conservadoras e intervém frequentemente nas sessões do concílio pastoral holandês, tomando uma posição conservadora.

A representação do «terceiro mundo» é relativamente ampla. Salienta-se, por fim, que a Itália ocupa um lugar discreto, porquanto a comissão só inclui dois teólogos deste país.

H. F.

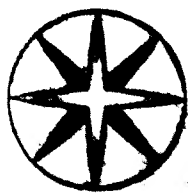
EXCLUSIVO
«LE MONDE»
— «DIÁRIO DE LISBOA»

VOU ESTÁ PROIBIDO DE VIAGAR NESTE BOEING 707

É SÓ PARA CARGA

OS CARGUEIROS DA VARIG SÃO ARMAZENS QUE VOAM

A VARIG TEM BOEINGS 707, OS GRANDES JACTOS DAS LINHAS INTERNACIONAIS, A TRANSPORTAR APENAS CARGA. UM SERVIÇO EXCLUSIVO. DESDE O 1º DE MAIO DE 1969. 45 TONELADAS DE CAPACIDADE POR AVIÃO. NAS ROTAS DA EUROPA, DA AMÉRICA DO SUL, ATÉ PARA O JAPÃO. CARGA PALLETIZADA, ACOMODAÇÃO PERFEITA, PERFEITO PLANEJAMENTO. CARGA AÉREA: VARIG. INFORME-SE. CONSULTE O SEU AGENTE DE CARGA.



VARIG

Linhas Aéreas Brasileiras

VARIEDADES

Hoje, às 21.45 h.

Adultos

Laura Alves

NA CÉLEBRE PEÇA

A RAINHA DO FERRO-VELHO

com RUI DE CARVALHO no elenco (por ordem de entrada em cena: Rui de Carvalho, Angela Ribeiro, Carlos José Teixeira, João Mário, Leonor Alves, Carlos e Carlos, Vasco Morgado Jr., Aldo Pinto, Joaquim Almeida, Mariana Maia e no protagonismo Teófilo de Menezes)

9 ÚNICOS DIAS



VIVER ATÉ UM DIA...

Seguro de Vida por Medida

10 anos de experiência conduziram-nos a 50 anos de progresso. O SEGURO DE VIDA POR MEDIDA IMPÉRIO marcará uma nova era na sua maneira de pensar acerca de seguros de vida.

Poder dar aos filhos a educação que para eles ambiciona, ser o apoio sólido dos que dependem de si, ter uma velhice sem preocupações económicas... já não serão mais incertezas.

A Companhia de Seguros Império, através do SEGURO DE VIDA POR MEDIDA, pode estudar um seguro à medida do seu caso e substituir por segurança as incertezas que hoje o assaltam.

Com o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA a Império interessa-se pelo seu caso pessoal e quer criar **exclusivamente para si** UM NOVO SEGURO DE VIDA adaptado às suas necessidades e à sua capacidade económica.

Recorte, preencha e envie hoje mesmo o CUPÃO (abaixo). Receberá, completamente GRÁTIS e sem qualquer compromisso, uma edição ilustrada com explicações e exemplos sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.



À COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
Rua Garrett, 62—Lisboa 2

Queiram enviar-me a vossa publicação explicativa sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

NOME _____
ENDEREÇO _____



AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

Actualidade internacional

Nova guerra no Médio Oriente? (1)

O presidente Nasser afirmou já que, a bem ou a mal, os territórios ocupados por Israel desde a guerra dos seis dias, serão recuperados pelo Egipto. De facto, com o agravamento da situação em todas

as frentes—Canal de Suez, Golan e Jordânia—tudo parece indicar que uma nova e talvez mais violenta confrontação está iminente. Só um acordo dos quatro grandes poderia evitar que essa confronta-

ção se verificasse. Mas isso é cada vez mais vago. Para melhor se compreender o que se tem passado no Médio Oriente desde a última guerra, publicamos hoje uma cronologia dos principais eventos.

VINTE E DOIS MESES DE «IMPASSE»

1967

— 5-10 de JUNHO: guerra de seis dias. No final de uma campanha relâmpago contra a R. A. U., a Jordânia e a Síria, as forças israelitas ocupam o Sinai, a Cisjordânia e os montes Golan. O cessar-fogo incondicional, pedido por votação unânime do Conselho de Segurança das Nações Unidas, em 6, é aceite em 7 pela Jordânia, em 8 pela R. A. U. e em 9 pela Síria. A U. R. S. S. rompe as relações diplomáticas com Israel, seguida pela Checoslováquia, Bulgária, Polónia, Hungria e Jugoslávia.

— 19 de JUNHO-21 de JULHO: sessão da Assembleia Geral da O. N. U. convocada a pedido da U. R. S. S. Nenhuma das quatro moções apresentadas obteve a maioria requerida de dois terços. A Assembleia adia os trabalhos «sine die» sem resultado, com excepção de uma resolução condenando a anexação de Jerusalém por Israel (efectuada em 27 de Junho).

— 10 de JULHO: o Conselho de Segurança autoriza o estacionamento de observadores da O. N. U. nas duas margens do Canal de Suez.

— Chegada de doze navios de guerra soviéticos a Port-Said. Início da penetração naval soviética no Mediterrâneo.

— 28 de AGOSTO: conferência em Cartum de oito chefes de Estado e de representantes de mais cinco países árabes, com excepção da Síria. A conferên-

cia decide o recomeço dos fornecimentos de petróleo aos países ocidentais e a concessão à R. A. U. e à Jordânia, pelos principais países produtores, de auxílio financeiro. Os participantes comprometem-se a não reconhecer, não negociar e não concluir a paz com Israel. Na Jordânia ocupada, a organização palestina El Fatah retoma, no fim de Setembro, as suas actividades terroristas.

— 22 de NOVEMBRO: o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprova por unanimidade a resolução britânica como programa de solução do conflito. No dia seguinte, U Thant designa Gunnar Jarring, embaixador da Suécia em Moscovo, como seu enviado especial ao Médio Oriente, encarregado de pôr em execução esse programa.

— DEZEMBRO: instalado em 10, em Nicósia (Chipre), Jarring tenta em vão resolver o problema do embargo dos quinze navios bloqueados no Canal de Suez.

1968

— FEVEREIRO-MARÇO: Jarring tenta decidir os árabes e israelitas a delegar representantes ao seu quartel-general de Nicósia, a fim de entabular conversações. O projecto, que Israel aceita em 26 de Fevereiro, cai em 8 de Março perante a hostilidade da R. A. U.

— 22 de NOVEMBRO: o Governo egípcio dá a saber que receberia favoravelmente uma conferência das quatro grandes nações para uma solução da crise.

— 4-12 de DEZEMBRO: Scranton, enviado especial do presidente eleito Nixon, efectua uma viagem de informação ao Médio Oriente.

— 11 de DEZEMBRO: o Conselho de Ministros franceses pronuncia-se novamente por uma concertação das quatro grandes nações.

— 21-24 de DEZEMBRO: viagem de Gromyko ao Cairo. No seu regresso a U. R. S. S. fará chegar aos Governos interessados um memorando propondo um calendário para a solução da crise.

— 26 de DEZEMBRO: o atentado perpetrado em Atenas contra um avião «Boeing» da companhia israelita El-Al e o «raid» sobre o aeroporto de Beirute (28 de Dezembro), que Israel efectua como represália, reavivam a tensão.

1969

— 6 de JANEIRO: a França impõe o embargo a todos os fornecimentos de armas com destino a Israel.

— 7 de FEVEREIRO: os representantes das quatro grandes nações na O. N. U. começam uma série de conversações bilaterais destinadas a preparar a concertação a quatro.

— 3 de ABRIL: primeira reunião em Nova York dos representantes dos Quatro.

Possíveis represálias egípcias contra Israel

CAIRO, 15 — (A. N. I.) — O Governo egípcio estudou as possíveis medidas de represália a adoptar contra Israel na sequência da tentativa feita ontem por tropas israelitas de atravessar o Canal de Suez em barcos de borracha — afirma-se em círculos diplomáticos ocidentais do Cairo.

Contudo, segundo os mesmos círculos, espera-se que o Governo de Nasser actue muito cautelosamente.

As forças egípcias repeliram os israelitas transportados em três barcos de borracha quando tentavam cruzar o Canal de Suez para atacarem áreas residenciais, perto de Port Said — disse um informador militar egípcio.

Acrescentou que um dos barcos foi afundado e outro atingido, ignorando-se porém se os israelitas tiveram baixas.

Entretanto, dois jornais do Cairo, «Al Gomhouria» e «Al Khabar», dizem que Israel está a concentrar «enormes efectivos» de tropas para ataques contra as forças árabes na área do Canal de Suez, na Jordânia e na Síria, e ainda contra bases dos guerrilheiros.

Os mesmos jornais acrescentam que esses ataques serão desferidos «num futuro próximo».

ATENTADOS NO 21.º ANIVERSÁRIO DE ISRAEL

TEL-AVIV, 15 — (R.) — Ficaram hoje feridas pelo menos 36 pessoas na parte de Gaza ocupada pelos israelitas e em Jerusalém, em consequência de terem

PROSSEGUE A GREVE NO «FIGARO»

PARIS, 15 — (F. P.) — Os jornalistas do «Figaro», reunidos ontem à noite em assembleia geral, decidiram prosseguir a greve.

Os jornalistas entendem não ter recebido dos proprietários do jornal as garantias que reclamavam e consideram inaceitáveis as últimas propostas que lhes foram feitas. Hoje, haverá uma nova assembleia dos redactores, para estudar a situação.

PELÉ VAI PAGAR AO FISCO 1200 CONTOS

SAO PAULO, 15 — (F. P.) — O brasileiro Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido por Pelé, é um dos maiores contribuintes do Brasil. Este ano, deverá pagar ao fisco 160 000 cruzéis, ou seja 1200 contos aproximadamente.

Esta quantia é aplicada não só sobre o que Pelé ganha no futebol, mas também sobre os lucros dos seus contratos de publicidade, de actor de televisão e dos diversos negócios que possui.

RETIRADA UNILATERAL EM BREVE

(Continuação da 1.ª página)

O plano, que Nixon descreveu como «uma oferta de paz generosa e razoável», fez com que o presidente fornecesse, até à data, o maior número de elementos do seu anunciado plano para reduzir os efectivos norte-americanos no Vietnam do Sul — com ou sem acordo de Hanói — logo que os sul-vietnamitas pudessem assumir um maior papel na luta.

Pontes afectas à Casa Branca declararam mais tarde que Nixon planeava fazer regressar 550 000 soldados norte-americanos que se encontram no Vietnam, quando julgasse que o pudessem fazer com segurança.

Essas fontes afirmaram ainda que uma evacuação unilateral de tropas — modesta provavelmente de início — começaria dentro em breve.

«Mercado Comum» dos engenheiros

BRUXELAS, 15 — (F. P.) — A Comissão Europeia, entre várias propostas que transmitiu aos Seis, sugeriu que se realizasse o «Mercado Comum dos engenheiros» e, de uma maneira mais geral, se aplicasse o direito de estabelecimento e de livre prestação de serviços às actividades de investigação, criação, consulta e aplicação do domínio técnico.

A Comissão convidou os Seis a suprimirem as «restrições» que impedem os engenheiros e técnicos de exercer as suas actividades num dos países da comunidade. Propôs também disposições transitórias, na esperança do reconhecimento mútuo dos diplomas.

«IMORALIDADE» RACIAL

CIDADE DO CABO, 15 — (F. P.) — No ano passado, mais de 900 pessoas, tanto de raça branca, como negra, foram alvo de procedimento judicial por terem cometido infracções à «lei da imoralidade», que, na África do Sul, regulamenta as relações sexuais entre pessoas de raça diferente.

O ministro da Justiça, P. C. Pelsler, que revelou estes dados no Parlamento, acrescentou que 452 daquelas pessoas tinham sido absolvidas e que a maioria dos inculpa- dos eram homens brancos e mulheres africanas. A lei sul-africana prevê pena de vários meses de prisão para as pessoas reconhecidas culpadas.

«SE FOR ELEITO...»

PARIS, 15 — (F. P.) — Se for eleito, Pierre Mendès-France será o meu primeiro-ministro. Decidimos formar equipas — declarou Gaston Defferre, candidato à eleição presidencial, falando, esta manhã, numa conferência de imprensa.

A SURDEZ

A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado. Se não cure bem consulte um especialista MICROSCOP, com especialização.

LISBOA: Av. Alameda da Real, 75-1.º, 2.º.
PORTO: Praça do Saldanha, 3

OS CINCO PONTOS DA F. N. L.

Declaração do «Comité» Central da Frente, de 3 de Novembro de 1968, para «concentrar uma solução correcta para o problema vietnamita».

1 — O Vietnam do Sul está resolvido a lutar pela realização dos seus direitos sagrados: independência, democracia, paz, neutralidade e prosperidade, reunificação pacífica da Pátria;

2 — Os imperialistas americanos devem pôr fim à sua guerra de agressão no Vietnam, retirar do Vietnam do Sul todas as tropas americanas e satélites e todo o material de guerra respectivo, liquidar todas as bases militares americanas no Vietnam do Sul.

3 — Formação de um Governo de ampla coligação nacional e democrática e organizar eleições gerais livres no Vietnam do Sul.

4 — Reunificação gradual do Vietnam por meios pacíficos, tendo por base discussões e acordos entre ambas as zonas.

5 — O Vietnam do Sul praticará uma política exterior de paz e neutralidade.

OS QUATRO PONTOS DA R. D. V.

Posição de Hanói afirmada em 8 de Abril de 1965 e desde então por várias vezes difundida:

1 — Reafirmação dos direitos fundamentais do povo vietnamita: paz, independência, soberania, unidade e integridade territoriais. Conforme aos acordos de Genebra, os E.U.A. devem retirar militarmente do Vietnam do Sul e pôr fim aos seus actos de guerra contra a R.D.V.

2 — Enquanto o Vietnam não for pacificamente reunificado, ambas as zonas devem abster-se de qualquer aliança com países estrangeiros, de estabelecer bases ou de admitir tropas de outro país.

3 — Os assuntos do Vietnam do Sul devem ser resolvidos pelo povo da zona, sem intervenção estrangeira.

4 — A reunificação do Vietnam por meios pacíficos compete a ambas as zonas, sem interferência estrangeira.

DECLARAÇÃO DA F. N. L.

PARIS, 15 — (F. P.) — «Os Estados Unidos continuam a agarrar-se à antiga proposta de retirada mútua das tropas. Agora apresentamos de forma diferente apesar de já a termos rejeitado muitas vezes», — afirma uma declaração oficial publicada hoje de manhã pela delegação da Frente Nacional de Libertação do Vietnam do Sul nas conversações de Paris.

Livros brasileiros para Portugal

SAO PAULO, 15 — (A. N. I.) — Um carregamento de 201 quilos de livros, destinado a livrarias portuguesas e no valor de 601 dólares, foi embarcado ontem em Santos pelo navio «Pasteur» — informa o «Diário de São Paulo». Entre esses livros figuram dicionários e obras de matemática e de orientação pedagógica.

DESEMPANAGEM
 TODOS OS DIAS DA SEMANA,
 DAS 8 AS 2 HORAS
ELECTRICIDADE E MECÂNICA
escape
 R. CASTILHO, 72-A. TELS. 56 16 16 56 16 16 LISBOA



Barbara Hutton, a milionária norte-americana mundialmente conhecida pelo seu dinheiro e pelos seus maridos, vai divorciar-se do actual consorte, o príncipe Dean Vinh de Champasak, com quem se casou há quatro anos. Eles em 1965, fotografados nos dias grandes da felicidade

TERCEIRO DIA DE VIOLÊNCIA NA CAPITAL MALAIA

KUALA LUMPUR, 16 — (R.) — Saqueadores percorriam hoje algumas partes desta capital, onde a onda de violência entrou no terceiro dia.

Fontes de confiança disseram que foram ouvidos tiros na cidade e que um avião voou baixo, transmitindo, por um altifalante, apelos aos habitantes para se abrigarem.

Todos os telefones no centro da capital pareciam estar cortados e era difícil apurar o que estava a acontecer.

Registraram-se de novo desordens quando milhares de pessoas apareceram nas ruas para comprar víveres durante um abrandamento de duas horas do recolher obrigatório permanente, imposto 36 horas antes.

Um informador da Polícia disse que algumas pessoas se aproveitaram da

situação para causar novas desordens.

Fontes fidedignas disseram que reforços estavam a ser enviados com urgência para Kuala Lumpur de outras partes do país.

No meio de notícias de que as forças de segurança estavam a dispersar as pes-

soas das ruas, disparando para o ar, Rádio Malásia pediu aos habitantes para se manterem afastados das vias principais e dos bairros malaios e chineses onde ocorreram grandes estragos e se registaram os piores recontros e o mais elevado número de mortos.

TRINTA E DUAS EXECUÇÕES NO IRAQUE DESDE O INÍCIO DO ANO

BAGDAD, 15 — (F. P.) — A execução de dez espíes a soldo dos Estados Unidos e do Irão foi anunciada por Rádio Bagdad na sua emissão dedicada aos «títulos dos jornais da manhã», entre outras notícias relativas ao aniversário da criação de Israel, à reac-

ção da R.A.U. às declarações do ministro israelita Abba Eban, etc.

A estação não deu pormenores quanto à nacionalidade das pessoas executadas ou ao local da execução.

Em 12 do corrente, o Tribunal da Revolução condenou à morte oito membros de uma rede de espionagem que operava no Iraque a favor do Irão, de Israel e dos Estados Unidos. Foram todos executados esta manhã, juntamente com mais dois condenados em anteriores julgamentos, entre os quais o advogado Abdel Hadi Bajjari, reconhecido culpado de participação na rede de espionagem descoberta em Janeiro.

Desde o princípio do ano houve já 32 execuções no Iraque. Em 27 de Janeiro foram enforcados 14 membros de uma rede de espionagem, entre os quais nove judeus. Seguiram-se oito execuções em 20 de Fevereiro e mais dez esta manhã.

Ao ser anunciada, há três dias, a condenação à morte de oito indivíduos a soldo do Irão, a Imprensa de Bagdad atacou violentamente o Governo de Teerão que dá todo o seu apoio — disse — aos espíes que trabalham por conta de Israel e dos serviços de informação americanos.

NIXON E A POBREZA

Saindo a pouco e pouco da atitude de espera, que observava escrupulosamente desde a sua instalação na Casa Branca, Richard Nixon vem agora declarar guerra à pobreza. Numa mensagem especial enviada ao Congresso, o presidente acaba de pedir créditos suplementares, no montante de um bilhão de dólares, para salvar a honra da democracia americana e arrancar a subnutrição — mais do que a fome, porque nos Estados Unidos ninguém morre literalmente de fome — dezasseis milhões de americanos. Até agora, apenas sete milhões de pessoas beneficiavam de auxílio, cuja extensão o chefe do executivo solicita.

O programa que merece a atenção de Nixon é, acima de tudo, assistencial. Consiste na atribuição, às famílias mais carecidas, de penhas de alimentação gratuitas ou a preço reduzido (food stamps), cujos cupões os comerciantes utilizam para ser reembolsados pelo Governo Federal. Se o projecto de Nixon for aprovado pelos parlamentares, esses cupões passarão não só a ser, na maioria dos casos, gratuitos, como ainda serão distribuídos por um número maior de famílias.

Que a administração republicana actualmente no Poder avante em 16 milhões o número de

americanos necessitados de uma tal assistência, pode causar surpresa ao europeu, habituado a pensar em termos de sociedade de abundância, e mesmo de dissipação, sempre que ouve as palavras Estados Unidos da América.

Além-Atlântico a mensagem do presidente terá surpreendido apenas os mais impenitentes optimistas. Desde a presidência de John Kennedy que o americano deixou de poder ignorar essa «contra América», a América da pobreza, que Johnson desejava sepultar para sempre antes de se próprio enterrar-se nos arrozais do Vietnam, a América dos «ghettos» das cidades industrializadas do Norte, das zonas rurais subdesenvolvidas do Sul. Os negros famintos, claro, os maiores batalhões de deserdados de homens deixados à deriva, destes «mal alimentados», «mal alojados», «mal ensinados». Mas não são os únicos. Os portorriquenhos de Nova York e de Chicago só raramente escapam a esta miséria, tal como os «pobres brancos» do Sul ou dos Apalaches, uma forte proporção de velhos sem distinção de raça, a maioria da população indiana, e grande número de americano-mexicanos de Texas, do Arizona e da Califórnia do Sul.

Mas o programa pro-

posto por Nixon constitui apenas parte dos esforços necessários para vencer a pobreza nos Estados Unidos. Na própria natureza deste projecto fixam-se os seus limites: trata-se apenas de distribuir excedentes agrícolas que os Estados Unidos já não têm a esperança de escoar desde que o Mercado Comum deixou de ser tão acolhedor e grande número de outros países supre mais largamente as suas próprias necessidades alimentares. Mas assistir não é integrar, alimentar gratuitamente não é fazer participar. Ora, se existe inegavelmente um problema alimentar nos Estados Unidos, o problema psicológico não é menos importante. É significativo o facto de os negros já não raciocinarem em termos de assistência, mas sim em termos de reparação de preconceitos suportados ainda num passado muito recente. O mesmo, mas em muito menor escala, vale para os brancos deserdados que não souberam encontrar o seu lugar ao sol numa sociedade que raramente perdoa aqueles que ficam à margem.

Éis um dado essencial do problema da pobreza numa sociedade industrial muito avançada e, ainda por cima, étnicamente dividida.

Exclusivo «Le Monde» - «Diário de Lisboa»

Reservas em hotéis europeus por meio de um ordenador

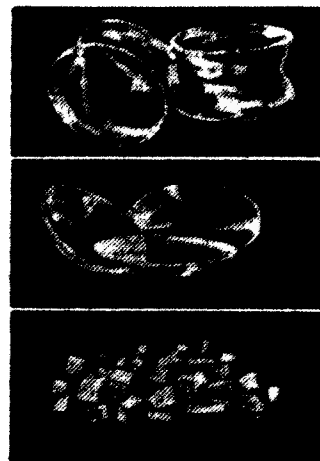
PARIS, 15 — (F. P.) — Após várias entrevistas que decorreram nos últimos meses, as organizações hoteleiras nacionais da Alemanha Ocidental, da França e da Suíça chegaram a acordo para criar um sistema comum centralizado de reserva de quartos de hotel por meio de um ordenador.

Este sistema tornar-se-á operacional no próximo ano e será a síntese dos estudos comuns de diversas sociedades hoteleiras. Os três países assinaram já um protocolo de acordo, ao qual outros países europeus poderão aderir.

O sistema hoteleiro europeu de reserva electrónica permitirá estabelecer ligações rápidas e seguras com os sistemas paralelos de transportes aéreos, ferroviários, rodoviários, marítimos e outros serviços do turismo, como as agências de viagem interessadas em tal acção.

Gracias a este sistema, cada um poderá, a partir do próximo ano, reservar o seu quarto num hotel europeu, organizar a sua viagem segundo os seus desejos, obter em poucos instantes todas as informações azeas que lhe forem necessárias, vindas de todos os pontos do Globo.

COM CRYSTAL TIPS...



...HÁ SEMPRE GELO!

HOTÉIS · HOSPITAIS · LABORATÓRIOS
RESTAURANTES · BARES · ETC.

resolveram o problema da obtenção de gelo, em especial nos meses quentes, através das máquinas CRYSTAL TIPS, que nos seus vários modelos produzem de 13 a 204 Kg, diários, de gelo da melhor qualidade e em três formatos diferentes

exposição em:

MANUEL J. MONTEIRO & C. Lda
r. da assunção 43, LISBOA 2
tel. 36001/4 324254/5

Diário do Porto

COMETIDAS FRAUDES (MONTANTE DE 1600 CONTOS) NUMA FIRMA DO PORTO

PORTO, 15 — A Polícia Judiciária enviou ao tribunal competente o processo, acompanhando os detidos (estes sem admissão de caução), implicados numa fraude praticada na firma Sociedade Importadora de Cafés, Lda., desta cidade.

Depois de apresentada a respectiva queixa pelo sócio-gerente daquela empresa, a Polícia Judiciária procedeu a averiguações, no

decorrer das quais prendeu os implicados na mesma: grs. Jorge Jesus Rodrigues, encarregado geral da torrefacção, Rua Nova do Seixo, e Manuel Moreira Bastos, de Covelo (Gondomar), fornecedor de lenhas.

O último fazia os fornecimentos e, de acordo com o encarregado, os mesmos eram facturados em quantidades superiores às que davam entrada na torrefacção, depois de o primeiro apor nas facturas respectivas. Assim, por este processo, lesaram a firma, durante um período de três anos, em mais de 1600 contos, importâncias que eram divididas pelos dois arguidos.

«BOSSA-JAZZ TRÊS» NO CLUBE DOS PUBLICITÁRIOS

Hoje, às 21 e 30, no Clube Português dos Publicitários realiza-se uma sessão de convívio com o trio «Bossa-Jazz Três».

Este trio, constituído por Marcos Resende (piano), Bernardo Moreira (contrabaixo) e Paulo Gil (bateria), formou-se em Dezembro de 1967 e já actuou no Festival de Música Moderna no Porto, em sessões de divulgação nas Associações Universitárias e no Festival Internacional de Jazz de Coimbra. Em 1969 a sua actividade tem-se manifestado sobretudo em sessões de divulgação de jazz. Para os publicitários, hoje, o trio «Bossa-Jazz Três» tocará mas falará também sobre a música a que apaixonadamente se dedica.

Um serviço médico na fábrica da INTAR

Na presença de numerosos empregados e operários, a administração da INTAR — Empresa Industrial de Tabacos — inaugurou na sua fábrica de Cabo Ruivo um modelar serviço médico que se destina a assistir, da melhor maneira, aos seus trabalhadores.

Presenças à cerimónia o presidente do Conselho de Administração da Empresa, prof. dr. Fernando Emygdio da Silva, e os administradores engs. José Frederico Ulrich, marquês de Mendia, António Burnay Bello e Diogo de Sottomayor, além do médico dr. Vasco Moraes e do director da fábrica, eng.º Vasco Cruz.

O prof. Fernando Emygdio da Silva proferiu algumas palavras sobre o significado do acto e o interesse que a administração votou relativamente ao apetrechamento e à instalação deste serviço, a que ele próprio toda a vida tem dedicado especial carinho, lembrando até que foi um estudo sobre medicina no trabalho que serviu de base ao seu exame de formatura.

Depois do corte da simbólica fita, a administração visitou demonstradamente as instalações do serviço, sendo esclarecida, em todos os pormenores pelo médico da empresa. Seguiu-se igual e interessada visita de todo o pessoal que, naturalmente, manifestou grande regozijo pelo excelente benefício.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua dedicação especial em combates eléctricos.

Espectáculo de revista

A revista «Ela é que sabe!», foi apresentada ontem, à noite no Teatro Sá da Bandeira.

O espectáculo, que já obtivera assinalado êxito na capital, agradou sem reservas, pois o público, que encheu aquele teatro, aplaudiu todos os números.

Farmácias de serviço

ANACLETO DE BARROS, Rua do Loureiro, 104 (Tel. 3-5075) • CAMAREIRA, R. do Marquês, 90 (Tel. 5-2583) • CANAVARRO, R. da Restauração, 53 (Tel. 6-0754) • CONFIANÇA, R. de Santa Catarina, 960 (Tel. 2-2884) • COSTA CABRAL, R. de Costa Cabral, 1832 (Tel. 4-0780) • FIGUEIREDO, Rua de Cedofeita, 25 (Tel. 2-1620) • FONTE DA MOIRA, R. de Tanger, 1463 (Tel. 68-1444) • MONTE DOS BURROS, R. do M. dos Burros, 802 (Tel. 6-2279) • MONTE CATIVO, Rua do Monte Cativo, 444 (Tel. 4-1687) • NOVA AVENIDA, Av. Fernando Magalhães, 692 (Tel. 5-2250) • PADRÃO, L. do Padrão, 342 (Tel. 5-2149) • PARENTE, R. das Flores, 114 (Tel. 2-1611) • POMBEIRO, Campo das Murtas de Póvoa, 152 (Tel. 3-1295) • SA DA BANDEIRA, R. de Sá da Bandeira, 236 (Tel. 3-6687) • NACIONAL, R. Senhora da Luz, 56 — Foz (Tel. 68-0833).

Espectáculos para esta noite

TEATROS
ANTÓNIO PEDRO — As 21 e 45: «A Desconhecida de Arroz» (17 anos)
SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: «Ela é que sabe!» (17 anos)

CINEMAS
SAO JOAO — As 21 e 30: «Sinfonia para um inimigo» (17 anos)
COLISEU — As 21 e 30: «Jogo perverso» (17 anos)
RIVOLI — As 21 e 30: «Testa de pontos» (17 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «E tudo o que levais» (17 anos)
BATALHA — As 21 e 30: «A p.d. cinema» (17 anos)
OLIMPIA — As 21 e 30: «Amor Rosa» (12 anos)
AGUIA DE OURO — As 21 e 30: «Conspiração Internacional» (17 anos)
ESTUDIO — As 21 e 30: «Dia de câmeras» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21 e 30: «Cavalos e Silvas» (12 anos)
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Estrada da Vida» (17 anos)
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Toupeiras humanas» (17 anos)
RIVOLI — As 21 e 30: «O Ofício de matar» (17 anos)
MUNALVARES — As 21 e 30: «A beira do pânico» (17 anos)

Amanhã

CINEMAS
SAO JOAO — As 15 e 30: «Sinfonia para um inimigo» (17 anos)
COLISEU — As 15 e 30: «Jogo perverso» (17 anos)
ESTUDIO — As 15 e 30: «A mente do Diabo» (17 anos)
RIVOLI — As 15 e 30: «Testa de pontos» (17 anos)
TRINDADE — As 15 e 30: «E tudo o que levais» (17 anos)
BATALHA — As 15 e 30: «A p.d. cinema» (17 anos)
AGUIA DE OURO — As 15 e 30: «Conspiração Internacional» (17 anos)
OLIMPIA — As 15 e 30: «O grande patifeiro» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — As 15 e 30: «Cavalos e Silvas» (12 anos)
VALE FORMOSO — As 15 e 30: «Estrada da Vida» (17 anos)

Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral

A assembleia geral ordinária da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral vai reunir-se, no próximo dia 28, às 21 horas, na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 81, para discutir e votar o relatório e contas de gerência do exercício de 1968, bem como o parecer do conselho fiscal e proceder às eleições para a mesa da assembleia geral, direcção e conselho fiscal para o biénio de 1969-1970.

SOB O SIGNO DA MEDIOCRIDADE

(Continuação da 4.ª página)

fia, do que em consequência de valor intrínseco.

De John Lennon-Ono e Yoko já falei — agora resta dizer algumas palavras acerca de «Violação», programa que a Beatle produziu, em Londres, para a TV austríaca. Falta saber por que Viena, onde há alguns realizadores de televisão de alta valia, decidiu apresentar este filme televisivo — será imaginando que o nome e a fama do seu autor seriam bastantes para atrair uma «crónica»? Com efeito, não se trata, sequer, de uma emissão para diversão, como o requer, implicitamente, o âmbito do Concurso de Montreux. Um pouco de «cinema-vérité», mas péssimo, com ideias por vezes ininteligíveis e imagens do pior que se viu em todo o certame: um cameraman e um operador de som seguem uma jovem, de um cemitério, onde a encontraram, por acaso, deambulando e falando com os seus botões, até ao apartamento onde Beatle a encerrou durante os dois dias que durou a filmagem. A jovem — uma foragida húngara — começa por se divertir com a situação (ela não sabe que estão fazendo com ela um filme para a TV, e menos para apresentar num Festival), mas, a pouco e pouco, enfurece-se. Em movimento perene, tenta escapar-se ao «olho» perscrutador, implacável da camera. Impossível. Trata-se, todo o filme, de uma tentativa perversa de «violação» da esfera íntima de uma pessoa — pois a jovem só depois de tudo terminado se revelou o fim da experiência. Yoko Ono, a sr.ª Lennon, teve a ideia, e o sr. Ono a reproduziu em imagens. Filme recheado de simbolismo, por vezes tão hermético que ninguém o entende, talvez mesmo nem os seus criadores. Parece que se tratava de demonstrar que todos nós estamos sujeitos, constantemente, a pressões exteriores a que é impossível escapar: filme «amoral», conforme a autora «espiritual», o confessor.

MUITO DINHEIRO E POUCO BOM GOSTO...

Os Beatles, aliás, estiveram presentes em «Hippie happy yeah» da TV germanica. Traição, traição, devem ter exclamado os quatro britânicos ao ver o «show» — este, cujas primeiras sequências estão

prenhes de fantasia e de bom humor, degenera em 45 minutos de cenas de péssimo gosto, de monotonia nauseante; o colorido, incrível; os motivos, inacreditáveis; o próprio Karel Gott dava pena ouvir numa canção beatleniana. Programa que prova, à sociedade, que a qualidade, em TV, não depende de técnica, ou de dinheiro, mas sim do bom ou mau gosto do realizador: e quem dirigiu «Hippie happy yeah» devia estar, sem dúvida, com soluços. Mau, igualmente, o segundo programa alemão, que projectou «Paris aktuell». E este demonstra que não basta apresentar estrelas a granel, para condimentar um bom programa, nem mesmo se essas vedetas são todas de primeiro plano: Adamo, Alexandra, Mary-France Boyer, Jean-Claude Brisaly, Gilles Dreu, Frères Jacques, Gina Lollobrigida, Elsa Martinelli, Mireille Mathieu, Michèle Morgan, Jean Claude Pascal, Romy Schneider, Laurent Terzieff, etc., etc., apareceram nesta emissão, que custando milhões, não vale um chavo. Uma hora de projecção, hora que se arrasta — com as vedetas fazendo o possível por salvar a coisa; mas era impossível, embora o tema, a moda, fosse aliciante. Malogro, igualmente o «show» «Zizi Jeanmaire», da ORTF. Zizi esteve em Montreux para apresentar a sua emissão, mas nem a sua presença gentil salvou o programa. A primeira vez, aliás, que a França apresenta um mau programa, aqui em Montreux: talvez consequência das circunstâncias e dos homens, quem sabe?

DE ESPANHA ATÉ A SUÉCIA PANORAMA DESOLADOR...

Há um ano, a Espanha apresentou «História da Frivolidade», emissão de um valor excepcional, que conquistou, então, merecidamente, a «Rosa de Ouro». Agora, a última moda, conseguiu uma de bronze, mas com bem menos mérito, embora a emissão seja agradável de seguir: realizado pelo romeno-espanhol Valedio Lazarov, especialmente para Montreux, a última moda peca por prometer demasiado, e chegar ao seu final com grande parte da promessa por cumprir, telexivamente falando. O argumento é absurdo e de um humor por vezes um pouco pesado: uma jovem decide caminhar de mãos no chão e pés para o ar, e assim passar o mun-

do ao revés. Ideia original, que provoca toda a casta de peripécias, algumas «erúasies» por Lazarov, outras francamente não, a ponto que se foram filmadas para fazer rir, não conseguem o seu objectivo.

Gregos e russos apresentaram danças folclóricas, e nada mais. Nem sequer pretensões. Quanto à emissão holandesa, em que pontificou Lisbeth Lith (lembrem-se dela, um dos quatro primeiros prémios do Festival de Madrid?) agradou, e muito. Trata-se de outro «one woman show», repleto de belas imagens e de canções de bom gosto. O programa em que Lisbeth brilha — ela combina o encanto de uma Monica Vitt com uma voz à Barbra Streisand — teve boa recepção ao ser apresentado, e viria a conquistar uma simples menção do júri. Bem realizado, agradável de ver, francamente bom, merecia melhor galardão. Tanto mais que os dois «shows» seguintes, ambos vindos dos Estados Unidos foram uma decepção mais, e iguais a tantos outros vistos e revistos, dia após dia, em todos os televisores, mundo afora.

A Hungria, que decepção! A Checo-eslováquia, idem idem. A TV belga, nem tem meios, nem ideias, ao que parece. E a sua emissão é das piores apresentadas num Festival que não prima pelo seu alto nível. Os dinamarqueses, deveriam ter escolhido melhor o programa, pois a música de Sousa tem vigor e merece melhor homenagem do que a que lhe foi prestada. Os noruegueses, esses, prestaram homenagem, ou tentaram fazê-lo, sem o conseguir, a Gershwin, aproveitando, e mal, algumas das suas melodias. Os jugoslavos, com alguns «ballads» interessantes, mas vistos e revistos. Os finlandeses, nórdicos e loiros, trouxeram a Montreux a suíça — negra claro — Miriam Makeba. Título do programa: «We will win» (Venceremos). Cantou e falou. Canções xaroposamente românticas, declarações vigorosamente anti-racistas. Canta melhor do que fala, com maior coerência. Miriam Makeba foi também aproveitada pelos suecos, no seu programa, mas teve pouca sorte com o dia da sua apresentação, pois a atenção de todos estava virada para dois tópicos, unicamente, o «ano» dos franceses a De Gaulle e o programa «Hair», visto, a noite anterior, em Montreux.



COMPUTADORES AO TELEFONE — O diálogo pelo telefone vai deixar de ser um privilégio do homem, tornando-se extensivo aos computadores. E parece que tal vitória da técnica está para muito breve: na Feira Industrial de Hannover, foi apresentada um conjunto de equipamento de dados que responde a perguntas formuladas pelo telefone. O processo é, porém, complicado: um locutor fornece ao computador as palavras necessárias que são transformadas por um codificador vocal em impulsos eléctricos em seguida armazenados; o computador procura depois as palavras e o «vocodador» (voice coder) transforma-as novamente em oscilações acústicas. Para transmitir informações pelo telefone ao computador é necessário modulator que se vê, na gravura, à esquerda, tal como pode ser utilizado em redes particulares.

NOVOS DIRIGENTES DO GRÉMIO DA PANIFICAÇÃO DE LISBOA

No Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa, o sr. dr. Mário Emanuel Pais de Sousa, delegado do Instituto Nacional do Pão, junto daquele organismo, deu ontem posse aos membros do novo conselho-geral, recentemente designados por sufrágio da indústria da área, depois de que preferiu palavras de elogio e agradecimento para o conselho cessante, salientando o nome do seu presidente, sr. João Marques Fernandes.

O conselho reuniu-se, logo após a posse, e escolheu a mesa que ficou constituída pelos srs. dr. Luís Gomes Gaudier, António da Silva Gomes Gaudier e Domingos José Carlos Borges.

Finalmente, procedeu-se à eleição das firmas que por sua vez indicaram os seus representantes para se constituir a nova direcção do Grémio. As firmas escolhidas foram: Sociedades de Padarias de Santarém, Limitada (SOPASAL); Sociedade Fabril de Panificação (SOFAPA), de Lisboa; e Sociedade de Panificadores Reunidos de Lisboa (SOPAREL) — para os cargos efectivos.

Para suplentes: União de Padarias, de Tomar; Sociedade Panificadora do Levante, de Lisboa; e Panificação Unida de Belém, Lda. (PANIBEL), também de Lisboa.

MORREU CZEIZLER

Em Budapeste, faleceu o antigo treinador do Benfica, Lajos Czeizler, que há tempos se encontrava gravemente enfermo, e entre os seus deixara numerosos amigos.

ora diga-nos...

— Gosta de fazer perguntas?

Há tanto tempo fazemos as mais variadas perguntas nesta rubrica, e com a maior sem-cerimónia pelos hábitos alheios, não nos temos interessado pelas qualidades bibliotecárias dos outros!... É uma lacuna, que é boa altura de preencher. Ainda que para isso corramos o risco de fazer uma pergunta estúpida, a que nos respondam com modos menos diligentes...

● A sr.^a D. Maria Diva Cruz foi a primeira interpelada. Respondeu-nos assim:

— Quando são precisas...

— Esta que lhe estou a fazer, é-o?

— Se me perguntasse qualquer coisa, eu responderia-lhe, se pudesse.

— Mas eu já perguntei!

— Pois perguntou...

— Então?

— Então, respondo-lhe. Quer fazer mais perguntas?



● O sr. Álvaro Magalhães da Silva, actualmente na vida militar, mas montador de «off-sets» na vida civil, retrucou desta maneira a nossa questão:



— Gosto... Quando tenho resposta, acertada.

— Mesmo das perguntas estúpidas?

— Das estúpidas, não.

— Por exemplo?

— Elas são tantas! Sei lá...

— É curioso?

— Um pouco. A minha maneira, entenda-se. Muito à minha maneira.

— À James Bond.

● O sr. Alexandre Duarte Lopes, confesso, fechou o inquérito da forma que segue:

— Bom, gosto... De vez em quando é preciso fazer perguntas.

— Especifique, homem!

— Aos homens dos barcos, por exemplo, quando quero saber por onde passam — é preciso perguntar, não é?

— E. Gosta de investigar coisas, de averiguar...

— Depende. Há coisas que me interessam, outras não me interessam absolutamente nada.



Necrologia

FUNERAIS

D. Ester Pessoa de Castro Carvalho de Mendonça

Da casa mortuária da igreja dos Anjos para o cemitério do Alto de São João, realizou-se ontem à tarde o funeral da sr.^a D. Ester Pessoa de Castro Carvalho de Mendonça.

A extinta era casada com o sr. capitão da Aeronáutica José Manuel de Mendonça, mãe da sr.^a D. Maria Ester de Castro e Carvalho de Mendonça Pereira Coutinho, irmã do sr. José Fernandes Castro Carvalho, avó de Maria da Graça Mendonça Pereira Coutinho e de António Miguel Mendonça Pereira Coutinho e cunhada das sr.^{as} D. Lurdes, D. Celeste e D.

Arminda Mendonça e do sr. Luís de Mendonça.

Atropelamento grave

O sr. Domingos Pires Belo, de 65 anos, reformado da Guarda-Fiscal, residente na Rua do Vigário, 68, 2.^o foi atropelado por um automóvel na Avenida Fontes Pereira de Melo. Com graves contusões e fractura de perna ficou internado na sala de observações do Hospital do S. José.

ALMADA NA RÁDIO

O concelho de Almada está constantemente a ser elevado e propagandeado através do seu mais antigo e mais válido programa radiofónico que lhe é dedicado inteiramente. Ondearte e António Madeira são duas legendas que todos os almadenses de bom senso nunca poderão esquecer pelo muito que já fizeram em benefício da sua terra em matéria de propaganda turística, comercial e industrial. Varranda Almadense é uma das rubricas da Ondearte que se ouvem com agrado e particular interesse através da qual se diz ao País inteiro as actualidades de maior relevância passadas e vividas no concelho da vila de Cristo-Rei. Ondearte apresenta logo às 19 e 30 horas uma oportuna entrevista com o dr. Malheiro do Vale director da Escola Comercial e Industrial Emídio Navarro, de Almada para a qual chamamos a atenção de todos os interessados.

Estudo de tráfego

encomendado

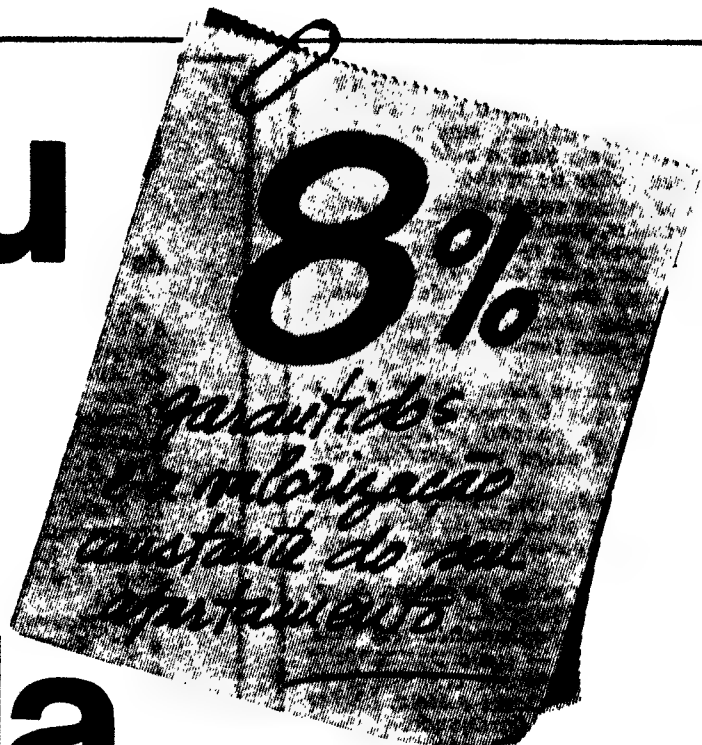
pela TAP à Lusotecnica

No seguimento de uma política que tem por objectivo o aperfeiçoamento dos seus serviços, acompanhando as crescentes necessidades de aumento de tráfego, a TAP encomendou à Lusotecnica um estudo sobre tráfego aéreo.

Este estudo visa a previsão do desenvolvimento do tráfego em algumas das rotas daquela companhia, por forma a que os vários problemas daí resultantes possam ser devidamente solucionados.

A Lusotecnica — Consultores Técnicos Industriais é associada da GIU de Londres, uma das maiores e mais respeitadas consultoras mundiais para estudos económicos e de transportes.

O seu capital pode ser ainda mais rentável



Conheça o empreendimento turístico da Praia de Alvor e obtenha a melhor colocação para o seu capital. Apartamentos desde 230 a 990 contos.

TORRALTA

Informações:

Lisboa—Av. Duque de Loulé, 66-A, Telef. 51748 e 54479

Algarve—Hotel Golfinho, Praia de D. Ana, Telef. 302, Lagos

Praia de Alvor, Telef. 1324 e 428 de Portimão

CARTA DE AVEIRO

MAS NÃO PONHA
O MEU NOME
NO JORNAL!

por URBANO TAVARES RODRIGUES

Não vou falar-vos da mensagem corajosa e limpa que Ferreira de Castro enviou ao II Congresso Republicano, que nesta cidade vai inaugurar-se, e que honra a inteligência e a dignidade de um povo. Não vou, tão-pouco, referir-me às excelentes teses de Joel Serrão e Rui Grácio («A Educação na Democratização do País») ou de José Tengerinha e Augusto da Costa Dias («A Situação do Escritor em Portugal»). Quero tão-só nesta nota veloz traduzir o que de serenamente vibrante, de firmemente e solidamente determinado se apresenta na cidade onde o Congresso decorre e que visivelmente dele se orgulha.

Há cartazes estimulantes em muitas das lojas, e até nas paredes. Nos restaurantes, na Praça da República, nos hotéis, nos estâncios de tabaco, o assunto não é outro. Que congresso? Até os turistas estrangeiros o perguntam. «Pois não sabe? Um congresso político. Aveiro é uma terra democrática».

Nesta noite suave, que em certas ruas tem um cheiro a limão e a baunilha, reúnem-se grupos de jovens com uma centelha de entusiasmo novo no olhar. Alguns deles tinham oito anos em 1957, quando da realização do primeiro Congresso Republicano de Aveiro. Falam depressa, têm uma luz de esperança no sorriso.

Qual a razão deste apelo que os congressistas a todo o momento encontram na população de Aveiro? Obviamente o nível de vida, mais alto do que na maioria dos outros distritos adveniente da construção naval, das indústrias têxteis e metalúrgicas, calçado, papel e lacteínos, das conservas e do incremento do artesanato. A consciência cívica e o sentimento da classe despertam tanto mais viva e fortemente quanto mais uma região se desenvolve.

Além disso, a tradição também conta. E no distrito de Aveiro esta palavra tradição não significa forçosamente passadismo rançoso, mas perpetuidade do espírito liberal pelo qual a cidade já deu o seu sangue e o seu poder de sonho.

Ao acaso dos meus passos vagabundos, divagando pela hora crepuscular, conversei há poucas horas com quatro aveirenses. E, respeitando um seu curioso desejo, não irei além da transcrição de meia dúzia de palavras sinceras que deles colhi.

— Que espera o senhor deste Congresso?
E, inquirindo eu, por meu turno: «E você?», disse-me o primeiro:

— Eu já nada espero. Estou velho. Gastei a vida a moer e remoer esperanças. E a esperança é coisa que se gasta. Mas, enfim, quando sentimos este ardor nos jovens tudo é outra vez possível. Até a liberdade! Será?

E, à despedida, recomendou-me timidamente, tal e qual como a rapariga de olhos cor de ouro, como o comerciante e como o operário a quem interroguei:

— Mas não ponha o meu nome no jornal. Sabe, eu por coisas... Já sofri o bastante...

Não quero encerrar este apontamento sem uma palavra de reconhecimento — como português e como democrata — para os grandes organizadores do Congresso: Alvaro Neves, Costa e Melo, Carlos Candal, Flávio Sargo e João Sarabando.

E, sobretudo, sem aqui evocar, com profunda emoção, o amigo querido, o ensaísta culto e subtil, o homem invulgarmente lúcido e generoso, que foi Mário Sacramento, cuja morte deixou dolorosamente vago o cargo de secretário geral do II Congresso Republicano de Aveiro.

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL E DE PROBABIDADE E DE COMPETÊNCIA

Ourivesaria da GUIA

EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO

RUA D. DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)



O GRANDE AUSENTE — Retrato de Mário Sacramento, feito pelo artista Jorge Trindade, que figura no palco do Teatro Aveirense, ao fundo

A sessão de abertura
do Congresso Republicano

(Continuação da 1.ª página)

Ao lado de um retrato gigantesco do dr. Mário Sacramento, colocado ao fundo do palco, estava uma faixa branca com a palavra «DEMOCRACIA», escrita em grandes caracteres. No lado oposto figura uma esfera armilar.

A ALOCUÇÃO
DO SECRETÁRIO
DO CONGRESSO

Aberta a sessão, o dr. Alvaro Selga Neves, secretário do Congresso, proferiu uma alocução em que, depois de recordar o I Congresso Republicano de Aveiro, que decorreu em 6 de Outubro de 1957, evocou a memória de Mário Sacramento — o companheiro, o irmão, o amigo do povo.

Definiu, depois, os objectivos do Congresso como eminentemente patrióticos, pois visam a discussão e

esclarecimento dos graves e inadiáveis problemas que afligem e martirizam esta pátria doentes.

O dr. Alvaro Selga Neves disse, a seguir: — Encerremos de frente a nossa situação. Reparemos no nosso subdesenvolvimento e inquiramos das causas que o provocam já que as não podemos buscar, precisamente por esse passado, de que nós republicanos tanto nos orgulhamos, em razões de irreversível stávilismo. Meditemos nos fundamentos do agravamento da crise que nos últimos anos tem afectado mais largos sectores da vida económica nacional. Olhemos, sem cruzarmos os braços, para esse espectáculo que é o fenómeno emigratório no nosso País, autêntico êxodo que entre 1905 e 1968 nos levou anualmente mais de 100 000 homens.

E o secretário do Congresso, após perguntar «Tão o Estado Novo democratizade

o ensino e oferecendo ao povo os necessários processos e meios para divulgação da cultura?», afirmou:

— Cabe aqui uma palavra de carinho aos estudantes da Universidade de Coimbra que, brava e coerentemente, sem desalecimentos mas com a prudência de pessoas de grande maturidade intelectual e paquica, têm prosseguido na sua luta reivindicativa, feita de solidariedade e de esperança e que não amorem diante da polícia de choque ou dos cães policiais.

Referindo-se à «velocidade e inocuidade da concepção de República das hostes do Estado Novo», o dr. Selga Neves disse que os republicanos e democratas portugueses opõem-lhes «um conceito renovado, dinâmico e actualizado».

O secretário do Congresso agradeceu a todos os autores de teses e congressistas se sentem, que nos vieram trazer, de que um dia será livre e digna a Pátria de todos nós. Teve, ainda, pala-

avras de agradecimento para os órgãos de Informação.

Agradeceu, por fim, as presenças dos mrs. coronel Helder Ribeiro (que convidou para presidir à sessão) e prof. Rodrigues Lapa.

PALAVRAS DO COR.
HELDER RIBEIRO AO
ASSUMIR A PRESIDÊNCIA

Depois da alocução do secretário do Congresso, dr. Selga Neves, o antigo ministro de República, coronel Helder Ribeiro, que presidia à sessão inaugural começou por recordar os nomes de três democratas ultimamente falecidos, os mrs. António Luís Gomes, Manuel das Neves e Mário Sacramento, para se referir, depois, aos democratas portugueses que morreram nos últimos anos, tendo pedido um minuto de silêncio em sua memória.

O coronel Helder Ribeiro aludiu, em seguida, a todos (Continua na página seguinte)

PREPARANDO O DIÁLOGO
por RAUL REGO

Antes de subir o pano, o ambiente de Aveiro é de expectativa serena. Neste momento é, com certeza, Aveiro a cidade portuguesa com mais condições de diálogo; e quando todos andamos irritados uns com os outros, sem falarmos francamente, porque não queremos uns ou porque não podem outros, não deixa de ser motivo de esperança no convívio de todos, o facto de se ir realizar o II Congresso Republicano na mesma cidade em que ainda há dias soavam aplausos de um sector e vivas, na cerimónia de posse da Comissão Distrital da União Nacional. Pois não é o facto quase inédito, entre nós, onde até os locais frequentados por uns se tornam tabu para outros, e onde as ideias dos homens e sua crenças se aferem pelos cafés que frequentam?

A cidade de Aveiro vive uma contida euforia. Calma, sem manifestações exteriores, nas horas que precedem a abertura do Congresso onde os democratas de todas as províncias portuguesas vão apresen-

tar perante todos os portugueses uma série de problemas que a todos interessam, por verdadeiramente nacionais. Como tal deveriam ser debatidos em comum, e em completa liberdade de expressão e naquela confiança mútua que vem da fé no carácter das pessoas com quem se fala, ainda quando se não comunga nas suas ideias.

São as tradições altas da liberal Aveiro, de onde saiu a voz mais edulada do parlamentarismo português e de onde se ergueu o primeiro brado contra o absolutismo, oito escasos anos após a instauração do regime liberal entre nós, que vêm à superfície. Os aveirenses de 1828 tiveram de oferecer a cabeça à corda do algóis; mas suas cinzas, em ânfora preciosa, são, nesta Aveiro de dinamismo e confiança, mais do que um símbolo. São, realmente, o penhor da grandeza de alma dos bisnetos dos mártires da Praça Nova.

Um desses descendentes, acompanhando-lo há bem poucas semanas ao campo santo do seu antepassado,

do. E não degenerara em nada Mário Sacramento, obreiro desta jornada, antes da qual se lhe apagou a luz dos olhos, dos que morreram de preferência a viver como servos.

O idealismo de ontem e a generosidade desses homens, palpitavam em Mário Sacramento, como nos seus companheiros da caminhada angustiosa. E são as caras erguidas, os peitos leais, olhar firme e claro desses companheiros que encontramos nesta Travessa do Governo Civil, onde temos o cortiço de tanta e tanta movimentação na terra portuguesa. Chamam-se eles Alvaro Neves, Carlos Candal, Costa e Melo, João Sarabando, Flávio Sargo, tantos mais.

É sob o signo da esperança que se vivem estas horas, antes de se dar a resposta do II Congresso Republicano, no Teatro Aveirense, de palavras há dias proferidas noutra sala de espectáculos desta mesma Aveiro. É o diálogo português, que esperamos seja, realmente, amplo e livre.

Palavras do chefe do distrito de Aveiro ao «Diário de Lisboa»

Pouco antes da abertura do Congresso Republicano, contactámos com o governador civil de Aveiro, sr. dr. Francisco Valle Guimarães, a quem se deveu a autorização do I Congresso, em 1958, e que agora repetia a sua atitude «clara e confiante» que o civismo dos ilus-

tres componentes das comissões promotora e executiva inspira.

O dr. Valle Guimarães atendeu-nos na sua casa de São Jacinto, quando ultimava preparativos de partida para a Madeira, para onde saiu pouco mais ou menos à mesma

hora a que se registou a sessão de abertura do Congresso.

— Não posso fazer declarações neste momento, estou cheio de pressa...

Perante a nossa insistência, contudo, o governador civil declarou:

— Qualquer afirmação minha nesta altura seria mero platonismo. Quero pronunciar-me apenas no final do Congresso. Nessa ocasião se poderemos falar com base numa realidade que por enquanto não podemos ainda, por falta de dados, abordar.

Os organizadores do Congresso

Dr. Manuel
da Costa e Melo

As quatro figuras do Secretariado do II Congresso Republicano de Aveiro arcam com o grande trabalho da organização de uma assembleia destas.

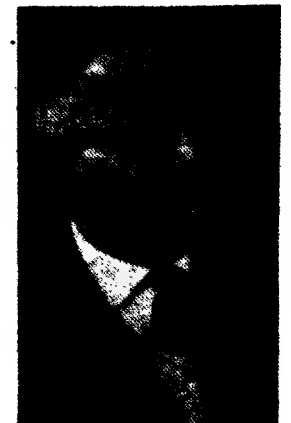
Três advogados e um jornalista tomam aquele trabalho do secretário-geral que há doze anos foi o do médico Mário Sacramento.

Destacamos hoje o dr. Manuel da Costa e Melo, de posição política há muito definida no campo socialista. Natural do distrito, de Agueda, de 55 anos, conhece bem os problemas de toda a região por a ter vivido desde sempre.

Estudou em Coimbra e, logo que formado em Direito, marcou lugar de relevo no foro e nas comarcas do centro do país, em particular Aveiro e Agueda. Em toda a sua vida profissional e actividade política se tem inter-

meado, uma vez que os tribunais penais e civis são familiares, poucos sendo os processos políticos do centro do País em que não tenha tido intervenção.

Firme nas suas cren-



Dr. Manuel da Costa e Melo

ças republicanas e socialistas, o dr. Manuel da Costa e Melo tem tomado posição na primeira fila dos combatentes da democracia e do seu trabalho

no grupo organizador do II Congresso Republicano de Aveiro tem sido realmente notável.

Dr. Alvaro
de Selga Neves

Figura marcante na vida, social, intelectual e política de Aveiro, o distinto advogado dr. Alvaro de Selga Neves herdou um nome que tem sabido manter com galhardia. Nele se continua realmente a obra de doutrinação e defesa da República do dr. Manuel das Neves. E muitas vezes pai e filho se irmanaram na mesma luta, nos mesmos anseios de esperança.

Aos 50 anos é das personalidades de mais prestígio de toda a região e foi um dos motores do grande movimento que levou à realização do II Congresso Republicano de Aveiro. Tanto nas reuniões preparatórias, como nos trabalhos do secretariado, o dr. Alvaro Neves foi a figura pendular e decidida a vencer todos os obstáculos, e só mere-



Dr. Alvaro de Selga Neves

cuja voz se conjugaram realmente toda a tradição liberal e todo o forte que er aveirense. Por ele falaram os liberais dispostos a todos os sacrifícios desde o levantamento que deu e levou da morte da Praça Nova, no Porto.

PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL FORAM MONTADOS 40 MIL VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

Comemorando este acontecimento a GENERAL MOTORS DE PORTUGAL decidiu oferecer-lhe a 40.000 — UM OPEL RECORD COUPE

Condição: Aquisição entre 15 de Maio e 31 de Junho de 1969, em qualquer dos concessionários das marcas Opel, Buick, Chevrolet, GMC, Oldsmobile, Pontiac.

O 40 000 E PARA SI

OPEL VAUXHALL BEDFORD

ALVARO TAVARES
LEMAUTO-UNIAO DE AUTOMÓVEIS, S.A.R.L.
STAND JUSTINO
COSTA & SILVA, LDA.
FERNANDO DIOGO SIMÃO
SOC. DE REPRESENTAÇÕES ETHOS, S.A.R.L.
AUTO INDUSTRIAL, S.A.R.L.
LUS DOMINGOS & IMAÇOS, LDA.
AUTO INDUSTRIAL, S.A.R.L.
COMBINA
AUTO COVILHA
ANTUNES & GUERNA, LDA.
ACNAUTO, LDA.
FABRIL, LDA.
MANUEL CORDE
AUTO INDUSTRIAL, S.A.R.L.

LISBOA
LISBOA
LISBOA
MADEIRA
OLIVEIRA DE AZEMéis
PONTE DO SON
PORTIMAO
PORTO
PORTO
SANTAREM
SANTAREM
TOMAR
TORRES VEDRAS
VILA REAL
VISEU
VISEU

AUTO INDUSTRIAL, S.A.R.L.
LIGAR, S.A.R.L.
SOMEL, S.A.R.L.
F. DE ORNELAS CUNHA
SARAZEM JUSTINO
RODRIGUES & FIGUEIRA, LDA.
FABRIL, LDA.
ANTONIO BARDINHA, LDA. (MOTORES, S.A.R.L.)
MOTOMEC, S.A.R.L.
MENDALUTO, SOC. COMERCIAL DE AUTOM., LDA.
BATEIRA, LDA.
GUAUTO, AUT. E CAMIÕES DO RIBATEJO, LDA.
AUTO ACCESSORIES, LDA.
FONSECAS, COMERCIO E REPRESENTAÇÕES, S.A.R.L.
MORRIS DE CARVALHO & SOTELHO, LDA.
AUTO JUSTINO SANTOS, LDA.
LEMOES & IMAÇO, LDA.

visite JÁ o SEU concessionário GM

JOIAS

Antigos e modernos. Compra cobrindo todas as ofertas.

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253

T. 56.654

Conta infantil
BANCO DO ALENTEJO

Despedir não é grandeza. Colocar as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Pasta Medicinal Couto

Evita e trata doenças da boca

PORQUE É MEDICINAL

CHOCOLATES TAGIERS
BARREIRO - LISBOA - QUELHA

O CONGRESSO REPUBLICANO DE AVEIRO

(Continuação da pág. anterior)

os democratas portugueses espantados pelo mundo e fez votos pelo seu breve regresso à Pátria.

Agradecendo, depois, o convite que lhe foi dirigido para presidir à sessão inaugural recordou ser um dos poucos sobreviventes da Assembleia Constituinte cuja

A MENSAGEM DE FERREIRA DE CASTRO

A estudante universitária D. Clara Sacramento leu, então, a seguinte mensagem do escritor Ferreira de Castro: «Meus amigos: Encontramos o aumento de Portugal na data em que se efectuou o Segundo Congresso Republicano. Aqui estou, porém, a dizer-vos que a vossa iniciativa merece calorosos louvores pelos problemas que vai estudar e pelo carácter nacional, partindo do nosso distrito de Aveiro, que é um dos grandes símbolos da liberdade. E, acima de tudo, por esse Congresso corresponder ao desejo da maioria dos portugueses, entre os quais se encontram tantos, tantos, que ilustram altamente a nossa terra, com os seus méritos em todos os campos do espírito, inclusive os das letras e das ciências. Méritos que em muitos casos não puderam colocar-se inteiramente ao serviço de uma colectividade que tanto os precisa; não puderam porque, para o fazer, teriam de praticar abjurações e adições incompatíveis com a sua dignidade de cidadãos e a sua mentalidade de homens livres. Uns, emigraram para longe, emprestando as qualidades intelectuais que os notabilizaram a países que talvez precisassem menos delas do que o nosso; outros, vivem apenas como tolerados, como indesejáveis, neste Portugal onde ninguém, absolutamente ninguém, pode afirmar que os direitos são iguais para todos os portugueses. E para demonstrá-lo, basta um só exemplo, basta perguntar-se aqueles que desejam um povo livre, senhor dos seus destinos, podem dispor, para defender as suas ideias, da mesma liberdade de que dispõem aqueles que as combatem.

Sabeis que não tenho nenhuma ambição política e que, se a tivesse, não faltarão condições temperamentais para a efectivar. Sabeis que sou apenas um simples escritor que ama os seus semelhantes e muitas vezes não consegue dominar a sua velha timidez, esse defeito sempre latente. Um escritor que nunca desejou nem deseja para ele coisa alguma do Estado, salvo a constituição da liberdade que legitimamente nos tiraram, numa violência que impediu a quase totalidade dos intelectuais portugueses de realizar plenamente a sua obra, assim se limitando ou mesmo sufocando o espírito da nação e o legado mais representativo da nossa época que poderíamos deixar ao futuro.

Sabeis também, decerto, que as minhas aspirações por uma sociedade nova e justa ultrapassam as características da nossa primeira república e de outras semelhantes que existem no mundo. Mas esse regime republicano, apesar de todas as dificuldades que lhe criaram, apesar de tão combatido por aqueles que julgavam ameaçados nos seus imensos privilégios, lutou sempre por manter a Liberdade.

E é sabido que quando a

importância na República sublinhou.

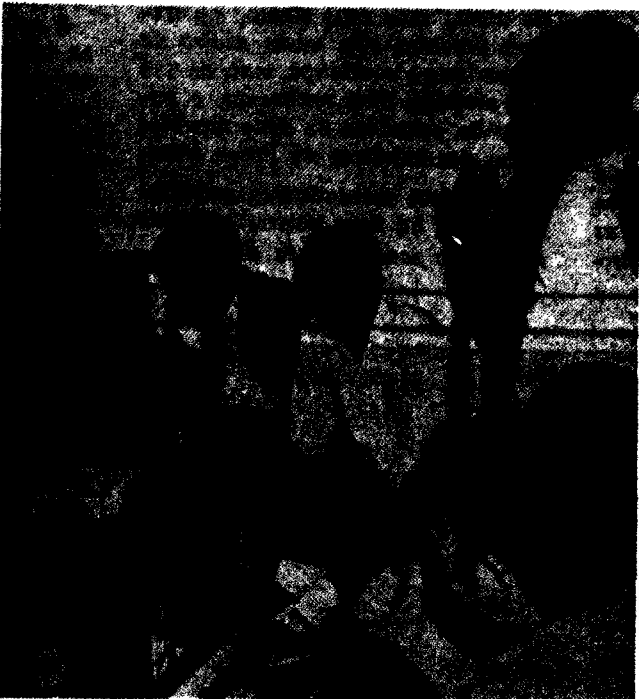
O coronel Helder Rubeiro disse ainda que era a terceira vez que vinha a Aveiro, sendo a primeira com o ministro Correia Barreto para condecorar a cidade.

A terminar, o antigo ministro da República exaltou os ideais democráticos e fez votos para que o País evoluísse no sentido da democracia.

Liberdade nos permite expor, em plena luz, as nossas ideias, as nossas discordâncias ou os nossos anseios, os grandes ódios colectivos delixam de se gerar, porque o ódio, ave nocturna, nasce de sombras humilhadas, de negras opressões e alimenta-se de sucessivos recalamentos. Ora é justamente uma socie-

se fecha para mim, se vai abrindo, cada vez mais luminoso promissor para os outros, sobretudo para os que chegaram depois de nós.

Faço votos para que haja, durante Congresso, muito sol na nossa Aveiro. Certamente os congressistas ocupar-se-ão de temas muito melhor estruturados do que estas pobres palavras que lhes endereo e que talvez se tenham mesmo afastado um pouco das normas estabelecidas no programa. Se assim aconteceu, foi por que não sei ver, nem sentir de outra maneira a nossa época e os seus problemas. Não sei ver o mundo de ontem e de hoje, sem o meu cérebro e o meu coração de sejearem a Humanidade redimida de todas as injustiças — um mundo justo e fraterno para todos, todos os homens!»



O Congresso interessa à juventude democrática. Aqui temos um grupo de jovens tratando dos problemas que interessam à mocidade, a toda a sociedade portuguesa

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos EDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 832, de 30 de Julho de 1936, está patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIAO ELECTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia de Monte da Caparica, concelho de Almada, de uma linha mista provisória a 6 kV, com 475 m, parte aérea com 375 m e parte subterrânea com 100 m, do apoio n.º 6 de linha para a Amoreira ao posto de transformação da SONAP — Sociedade Nacional de Petróleos no Porto Brandão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Replicação de Licenciamento, em 12 de Maio de 1969.

Pelo Engenheiro-Chefe Joaquim Gonçalves dos Santos

«QUE A REPÚBLICA, EVOLUCIONANDO, SAIBA SUBSISTIR» — VOTOS DO ENG. CUNHA LEAL

Subiu nesse momento ao palco o sr. dr. Artur Cunha Leal, para ler a mensagem que seu pai, o antigo presidente de Ministério, eng.º Cunha Leal, enviou ao II Congresso Republicano, de Aveiro, impedido por doença de estar presente naquela grande acontecimento. Eis os termos da mensagem:

«Nestes magros dias de euforia e simultaneamente de reflexão, quisera encontrar-me na grata companhia de camaradas que, quais os presentes, desde sempre, conceberam o regime republicano como promissor de transformações sócio-políticas, susceptíveis de propiciar à arquivalha Pátria portuguesa disciplina espiritual, progresso material e justiça distributiva. Não quis o Destino que se efectivasse este meu violento anelo. Com esta crueldade dos Fados fui eu o único a perder, já que a minha presença pouco ou nada poderia acrescentar ao brilho do complexo das vossas concepções sobre a marcha evolutiva da nossa sociedade, sem vulneração de princípios éticos da mentalidade internacional, sem sonhos hiperbólicos de grandeza, que acabam por se transformar em causas seguras de esgotamento vital, sem lambujens de vaidade que desandam em caricaturas de velhos pobres a fingirem de novos ricos.

O que é que, radicalmente, nos separa dos rancorosos senhores que, há 43 longos e eternos anos, conseguiram estabelecer um domínio implacável sobre a nossa pobre colectividade nacional? O que é que impossibilita a transmutação duma velha e pegajosa União Nacional numa nova e florescente União? São, fundamentalmente, três os motivos: 1.º) a desoladora privação das liberdades individuais que, na intimidade da consciência, nos reduz aos nossos próprios olhos a entidades amorfas, sem vislumbres de coragem moral; 2.º) o estabelecimento do regime corporativo, que imprime ao destino das classes trabalhadoras a modalidade duma escravidão, por mala que a irradiação craniana do sr. ministro das Corporações tente incutir-lhe uma caracterização diferente; 3.º) a radical negação do princípio da liberdade aos Povos quando a sua marcha evolutiva o constata com benefício para as próprias entidades libertadas, após um período de preparação que se tenta tornar o mais curto possível, em proveito de colonizadores e colonizadores.

Estou convencido de que as teses presentes a este Congresso Republicano — positivamente acentuam esta adjectivação a sua essência fundamental — hão-de caracterizar a objectividade de que importa revesti-lo e de que as conclusões votandas a hão-de pôr em luminosa evidência. E, por isso, dirijo a todos os seus membros, sem excepção, as minhas calorosas saudações. Elas evoluam-se do mais recondito da minha alma — esta alma em que o desgaste de um pouco mais de 80 anos não conseguiu extinguir a vibratidade que sempre a caracterizou.

A fé republicana que nela se infiltrou desde o alvore da minha mocidade nem sequer a morte a conseguirá extinguir. Dela se evolverá qual-

quer coisa que os meus Filhos, Netos e Bisnetos saberão guardar — eles também — na intimidade dos seus seres.

Que a República, embora evoluindo, saiba subsistir com as características fundamentais do seu modo de ser são os meus ardentes votos. Saudações minhas efusivas — repito — para quantos, como V. Ex.ª, saibam ser nesta hora crucial os intérpretes colectivos d'un sentimento consagrado exclusivamente em 5 de Outubro de 1910 pela mais generosa e idealista de todas as Revoluções de homens de pé descalço e de alma revestida de ouro!

Viva a República!

«A PROMOÇÃO DA MULHER E O IDEAL REPUBLICANO», COMUNICAÇÃO DA DR.ª ELINA GUIMARÃES

Lida a saudação do eng.º Cunha Leal, foi apresentada a primeira comunicação ao Congresso, precisamente de uma mulher, a sr.ª dr.ª Elina Guimarães, nomeada colaboradora, que falou da promoção da mulher e do ideal republicano.

Começando por falar do «muito que a República fez pela mulher», da acção da «Liga das Mulheres Republicanas» e de Adelaide Cabete, a dr.ª Elina Guimarães recordou que «logo um mês após a proclamação da República foi promulgada a lei do divórcio, onde, pela primeira vez na história jurídica portuguesa, os dois cônjuges eram considerados iguais em face da lei».

Disse, mais adiante, que em Dezembro de 1910, foram promulgadas as Leis da Família, que proclamavam a «igualdade jurídica entre os cônjuges, princípio este que colocava o matrimónio num aspecto completamente diferente, embora continuassem as restrições de detalhe da legislação anterior».

«Também foi de justiça o alargamento da investigação da paternidade, que vinha em socorro da mulher numa situação difícil, cuja responsabilidade não lhe cabia a ela sómente.

«Ao mesmo tempo, protegia-se o trabalho feminino e abriam-se à mulher as carreiras do funcionalismo público».

A autora da tese aludia, depois, às novas perspectivas surgidas para o sexo feminino, acentuando a certa altura:

«A frequência feminina, de escassas unidades no ensino superior e de dezenas no ensino secundário, subiu à casa das dezenas e das centenas nos dois ramos de ensino, até atingir os milhares. A presença de Carolina Michaélis de Vasconcelos na cátedra universitária abriu às inteligências femininas brilhantes horizontes. Em todos os ramos surgiram os valores femininos.

«Em 1914, o grande português que foi o dr. José Maria Barbosa de Magalhães, meu saudoso mestre, de quem Aveiro se orgulha de ser pátria, num relatório sobre o ensino superior, assinalava a presença de algumas em numero crescente, o que considerava factor certo de progresso e civilização.

«Seria injusto, e por isso indigno dos nossos ideais,

CONGRESSO REPUBLICANO

não dizer que a República poderia, ainda assim, ter feito mais pela mulher. E igualmente injusto seria não verificar que a posição desta na sociedade tem vindo a melhorar».

Depois de recordar que, com o Código Civil de 1967, foi restabelecido o poder marital, retrocesso tão ofensivo para os homens como para as mulheres, a dr.ª Elina Guimarães apresentou as seguintes «Conclusões» do seu trabalho:

«A par das medidas legislativas, urge estudar a fundo e em profundidade todos os problemas femininos. É também necessário mentalizar a mulher sobre a sua actual situação e seus direitos e deveres, fazer compreender ao homem a vantagem de ter junto de si uma companheira que seja colaboradora e alivie o fardo da vida moderna.

«Devem-se estudar as questões de ensino e de trabalho que se relacionam com a vida feminina e fiscalizar a execução das medidas legais sobre trabalho que lhe são favoráveis.

«Cumpra honrar a posição da mulher na família de forma que nas eleições feitas pelas famílias ela vote ao lado do marido.

«Deve-se modificar a lei civil, de forma a que o casamento volte a ser baseado na igualdade e dar à mãe os direitos que até a natureza justifica.

«São estes os votos duma mulher que já foi educada na República e no espírito da República. E que a ele se mantém fiel».

A PARTICIPAÇÃO DE UM GRUPO DE JOVENS NO CONGRESSO

Para encerramento da sessão inaugural, foi apresentada em segunda a comunicação dos jovens democratas de Aveiro. Começa por evocar a figura do saudoso Mário Sacramento, que sempre acompanhou e compreendeu a juventude.

Afirma-se, a certa altura, na comunicação:

«Nos dias de hoje, a juventude, marcada por uma herança de ódio e violência, procura a paz, o amor, a liberdade. Por isso, torna-se necessário referir os problemas que a ferem verdadeiramente: a emigração, que a força a abandonar o País oferecendo a outros o contributo do seu trabalho e da sua inteligência; a carência de habitação, a escassez de espaço que impedem o repouso justo de quem trabalha; o elevado custo de vida, incompatível com os salários auferidos pela maior parte da população activa; uma assistência deficiente, ou mesmo inexistente, que não a

Continua na página seguinte

O CONGRESSO REPUBLICANO DE AVEIRO

(Continuação da pág. anterior)

liberdade de preocupações e privações constantes; um sistema de ensino medieval, unicamente acessível às camadas populacionais privilegiadas; e ainda a situação militar em que o País se encontra actualmente, obrigando uma

juventude a consumir-se numa guerra sobre a qual nunca lhe foi dada a oportunidade de emitir uma opinião. traz consigo as trágicas implicações de gerações sucessivas deformadas na sua mentalidade, no seu carácter, nos seus deveres e nos seus direitos para com uma sociedade.

O prof. Rodrigues Lapa assume a presidência das sessões de trabalho

A sessão da tarde (primeira de estudos) foi presidida pela prestigiosa figura do mestre e cidadão exemplar, prof. Rodrigues Lapa, que a abriu com um discurso em que, depois de prestar a sua homenagem ao adversário político ao governador civil de Aveiro, que classificou de «homem singular», afirmou:

— Estamos aqui empenhados em discutir e criticar certos princípios, sistemas e modos de vida que nos foram impostos e que não podemos de boa mente aceitar. Evocou, seguidamente, Mário Sacramento — «sombra tutelar deste Congresso» —, e prosseguiu:

— Posto isto, quero dizer-lhes que não estou inteiramente conforme com a designação, por demais restrita e algo abstracta, que se deu ao nosso Congresso. A não ser que, pela palavra «republicano», se entenda o protesto contra a invasão maciça de elementos que infectam o regime e constituem nele uma dupla traição à República e à Monarquia. Effectivamente, estamos assistindo a uma como que ressurreição dos estilos do Portugal da realeza decadente: a revivência das touradas e do fado severino, o salameleque das recepções e o luxo dos banquetes oficiais, o deslumbramento beato de missas e procissões, tudo isto, e até o lápis azul sobre fundo branco da Censura nos representa, sem disfarce algum, o Portugal de antanho, encastado, como um diamante de valia, na pobre República de hoje. Por este lado, o qualificativo de «republicano» tem absoluta razão de ser. Digamolo sem rubor: este género de República que nos querem impor, servida e desvirtuada por ruins monárquicos, parece-nos uma pílula de mau gosto, uma verdadeira mistificação.

Mais adiante, e depois de salientar a facto de se encontrarem representadas no Congresso várias correntes de oposição ao regime vigente, o prof. Rodrigues Lapa disse:

— Todos cabemos sob a mesma bandeira; e para trazer esta aspiração a um mundo melhor, a uma sociedade sem escravos nem senhores, só vejo uma palavra, Democracia, ou, se o quiserem, Social-Democracia, entendida como o governo do povo, pelo povo e para o povo. Não tenhamos medo desta palavra, a que os nossos adversários tentam cavilosamente dar um sentido pejorativo, afastando-o das nossas reuniões. O povo, apesar da miséria e ignoran-

cia em que o têm mantido, é ainda capaz de grandes coisas, e conhece por instinto donde lhe vem a salvação. Nunca teve os governantes que merece, — disse alguém a respeito dele. T-lo-á um dia, estou certo disso.

Disse, mais adiante, o presidente da sessão:

— É uma vergonha para todos nós, e muito mais para os nossos adversários, vermos, há mais de 41 anos, estampada nos jornais esta legenda inconcebível: «Visado pela Comissão de Censuras. Pois não é verdade que um regime político que se vê obrigado a manter por tanto tempo a proibição das liberdades, está declarando todos os dias que não convenceu a grande maioria da Nação. Pois não é verdade que necessitamos de uma lei de imprensa que nos dêem estar há muito tempo em estudo? Que vem a significar tudo isto?

E o prof. Rodrigues Lapa terminou:

— Meus caros correligionários: com todas as limitações que nos são impostas, vamos realizar o nosso Congresso. Que ele seja a inequívoca afirmação, nesta cidade de tão gloriosas tradições liberais, da nossa intransigente fidelidade aos princípios da Democracia. E que ele se infunde e conclua sob o signo da Unidade, da Firmeza e da Esperança! Viva Portugal! Viva a República! Viva a Democracia!

CURSO DE DECORAÇÃO NA CASA DA IMPRENSA

Cerca de 50 alunos de ambos os sexos frequentam, na Casa da Imprensa, o Curso de Decoração do Lar, que ali está a ser ministrado pela professora D. Joana d'Arc Paiva Teóphilo.

O curso terminará em fins de Junho.

RAPAZ ATROPELADO POR UMA BICICLETA

VISEU, 15. — Foi atropelado por uma bicicleta, na estrada de Povungue, o pequeno Manuel Martins da Costa, de 9 anos, filho do sr. Amaro Pereira da Costa e da sr. D. Graziela do Espírito Santo, daquela localidade.

O ciclista, parece que o sr. José Oliveira Monteiro, de 19 anos, levava na bicicleta outro indivíduo. O pequeno, muito ferido, foi levado ao Hospital da Misericórdia.

A EDUCAÇÃO NA DEMOCRATIZAÇÃO — TESE DOS DRS. RUI GRÁCIO E JOEL SERRÃO

Os dres. Rui Grácio e Joel Serrão apresentaram uma tese intitulada «A educação na democratização do País».

A tese começa por definir o conceito de democracia, após o que empreende uma análise das coordenadas da história portuguesa desde o liberalismo. «Foi sob o signo da ambiguidade que a experiência liberal despontou entre nós.

«Consciente do seu pequeno peso no conjunto das forças nacionais e da impossibilidade de chegar à massa ignara, apática, vivendo num tempo histórico transecto, a burguesia, para impor a sua situação, viu-se obrigada a associar-se ao Exército, que foi, deste modo, promovido a árbitro da situação nacional» — afirma-se nesta altura.

Analisada, seguidamente, a «ambiguidade da experiência liberal portuguesa», a exposição refere os baixos índices de cultura e consciência cívica, durante o período constitucional, lembrando que se «queremos uma democracia, temos de nos educar a todos para ela, começando por orlar as condições de bases».

O trabalho apresentado pelos dres. Rui Grácio e Joel Serrão incide, depois, sobre os aspectos da relação entre democracia e educação — as duas necessárias uma à outra.

A terminar, depois de um exaustivo estudo das condições do ensino no País, o documento afirma: «A democratização do País é tarefa árdua que o tempo põe, imperativamente, à nossa responsabilidade na promoção humana dos Portugueses, ou seja, na abertura do futuro. Porque, é preciso repetilo sem descanso, uma democracia é obra de homens em via de libertação, e para quem a sua liberdade é impossível sem a promoção da dos males. E se não se aprender a ensinar liberdade, poderemos correr, uma vez mais, o risco de vê-la cair, onde ela se erga, às mãos daqueles para quem ela representa o obstáculo maior à institucionalização da injustiça».

PORTUGAL NO CONJUNTO DAS NAÇÕES IBÉRICAS — PELO DR. JOSÉ RODRIGUES

O dr. José Rodrigues, da Anadia, no seu trabalho sobre «Portugal no conjunto das nações ibéricas», concluiu:

«Cumpre-nos, para finalizar, expor as razões do nosso assento quando no início desta comunicação afirmamos que uma das leis que modela o espírito colectivo das nações da península é a que pode formular-se nestes termos: aspiração de liberdade civil e tendência para a realização da Democracia».

A evolução social dos povos peninsulares processou-se sob dupla influência da tradição aristocrática dos invasores germânicos e da tradição democrática dos romanos que os precederam.

Não há dúvida, pois, que a aspiração de liberdade civil e a tendência para a realização da Democracia, constituem uma lei histórica da psicologia colectiva de todas

as nações peninsulares, desde a sua formação na Idade Média.

Concluindo: o povo português foi sempre contrário a qualquer forma de união ibérica.

Contudo, pretende as melhores relações com todas as nações peninsulares, distinguindo, porém, a Galiza, das suas estreitas afinidades étnicas e culturais com Portugal.

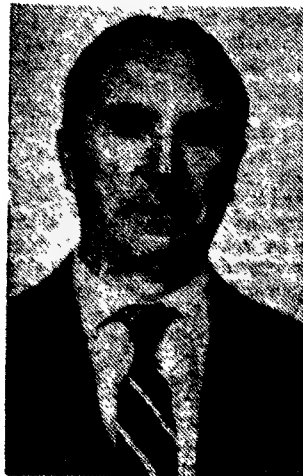
A reivindicação das liberdades civis e políticas é uma constante da evolução histórica do povo português.

A PROMOÇÃO DESPORTIVA É UM DOS ASPECTOS DA PROMOÇÃO SOCIAL DO POVO PORTUGUÊS — OU 20 SUGESTÕES PARA O FOMENTO DO DESPORTO NACIONAL, PELO PROF. JOSÉ ESTEVES

Coube depois ao prof. José Esteves apresentar a sua tese intitulada «A promoção desportiva é um dos aspectos da promoção social do povo português». Começou por acentuar que a promoção desportiva é um dos vários aspectos da promoção social, estabelecendo as diferenças entre promoção desportiva e espectáculo desportivo.

Depois de ter analisado a estrutura do nosso desporto e as suas consequências, apresentou 20 soluções para os principais problemas expostos. Essas soluções são: a aplicação integral das verbas do toloboia na actividade ginnodesportiva das crianças; a elaboração de um estatuto das colectividades de utilidade pública; a criação de institutos superiores de educação física e de animação cultural, em Lisboa, Porto e Coimbra; a criação de vários institutos regionais de educação física para a formação de técnicos e dirigentes; o estudo urbanístico dos parques desportivos; planos de fomento; oração em todos os distritos do País de associações regionais de desportos; admissão livre de equipas não profissionais nalguns campeonatos; criação de actividades de Verão; criação de um serviço de educação física nas Forças Armadas; reorganização da Direcção-Geral dos Desportos; auxílio ao movimento escotista português; aumento do parque campista nacional; criação de um organismo que superintendesse em tudo o

(Continua na página seguinte)



PROF. MANUEL RODRIGUES LAPA



CORONEL HELDER RIBEIRO

FIGURAS DO CONGRESSO

Coronel Helder Ribeiro

Grande figura da República, o coronel Helder Ribeiro mantém, aos oitenta e cinco anos, a energia no ideal democrático que o animou na juventude.

Natural de Lisboa, estudou na Politécnica e na Escola do Exército, fazendo, depois, o curso de Estado-Maior. Foi da comissão revolucionária do 5 de Outubro. Bateu-se na Primeira Grande Guerra, em França, tendo abandonado a sua carreira de deputado para ir para a frente de batalha. A Torre e Espada mereceu-a em combate.

Várias vezes ministro, professor da Escola do Exército, Helder Ribeiro foi dos chefes da revolta do Porto, em 3 de Fevereiro de 1927. Já antes, em Junho de 1926, estiveram preso na fragata «D. Fernando». Em 1931, foi demitido do Exército, tendo sido

reintegrado na situação de reforma, em 1936.

Em 1945, presidiu, no Porto, no Cinema Olímpia, à primeira sessão do Movimento de Unidade Democrática, e a sua decisão mantém-se sempre na primeira fila dos combatentes da República. Ainda, em 31 de Janeiro deste ano, presidiu, no Coliseu do Porto, à grande sessão comemorativa do aniversário da revolta de 1891.

Lutador de rara fibra, o coronel Helder Ribeiro, que amanhã preside à sessão de abertura do II Congresso Republicano de Aveiro, constitui um vivo exemplo do combatente que não abate, qualquer que sejam as dificuldades. Pode servir de modelo da sua geração, a que fez a República generosa, tolerante e aberta a todos os portugueses.

Prof. Manuel Rodrigues Lapa

Universitário de prestígio internacional e que desde 1935 se viu forçado a abandonar a Faculdade em que se doutorara e de que, ainda assistente, era figura marcante, o prof. Manuel Rodrigues Lapa assumiu a presidência efectiva do II Congresso Republicano de Aveiro por direito próprio.

Natural de Anadia, no seu activo em prol da democracia conta-se uma vida que poderia ter sido das mais fecundas no campo do ensino e na projecção intelectual de trabalhos de raro valor. Mas em Rodrigues Lapa se continua também aquela peca nacional de desperdiçar e inutilizar os nossos reais valores, os que bem poderiam contribuir para a elevação do nível mental e moral da Nação.

Os livros de Manuel Rodrigues Lapa continuam a ser consultados e a servir de guia a muitos estudantes da Faculdade de que ele saiu há trinta e quatro anos. E, fora da Universidade portuguesa, deu-nos obras, como esse «Cançãoiro Galego-Português» que só tem par nas obras de Carolina Michaelis. O Brasil irmão aproveitou-lhe os méritos e durante anos foi em terra brasileira que o seu ensino irradiou e que os seus livros foram impressos.

Intelectual e homem de carácter, bem pode o prof. Rodrigues Lapa exemplificar aquele tipo que o seu amigo Sá de Miranda, há quatro séculos, chamava o «homem de um só parecer e de uma só fé». E também ele «homem da sorte não é».

PEQUENAS NOTAS DO CONGRESSO

* Mensagens de personalidades que se encontram fora do País estão a ser recebidas, em grande número, em Aveiro. Sabe-se, por exemplo, que duas delas são assinadas pelos dres. Ramos da Costa e Rui Luis Gomes. Não serão, no entanto, divulgadas.

* Está em Aveiro o conhecido universitário e socialista espanhol prof. Raúl Morodo, da Faculdade de Economia de Madrid. É observador e representa o sector socialista espanhol.

* Uma equipa da Televisão Alemã filma alguns acontecimentos integrados no Congresso, para um programa, a transmitir de Munique, sobre a política portuguesa após a nomeação de Marcello Caetano.

* A comunicação do coronel Helder Ribeiro, na sessão inaugural, era a cada passo interrompida por vibrantes salva de palmas. O público (mais de 1200 pessoas) enchia literalmente o Teatro Aveirense, onde, ainda há dias, decorreu a cerimónia da posse da comissão distrital da União Nacional.

O CONGRESSO REPUBLICANO DE AVEIRO

(Continuação da pág. anterior)

que dissesse respeito às actividades normais de clubes e federações; realização de experiências pedagógicas-desportivas e gímnicas-desportivas; existência de ginásios e campos de ar livre; auto-suficiência financeira do desporto nacional; regulamentação e moralização do desporto nacional; realização anual de um congresso de juventude e desportos.

TOMAZ DA FONSECA VIVO — UM INTELLECTUAL COM BANDEIRA AO SERVIÇO DO POVO — TESE DE FERNANDO MOUGA, JOSÉ SI-MÕES DINIS E AUGUSTO CÉSAR ANJO

A tese a seguir apresentada pelos Drs. Fernando Moga, Simões Dinis e César Anjo, trata o perfil da obra de Tomás da Fonseca, terminando por dizer:

«Vimos com ele (Tomás da Fonseca) entusiastas, homens simples das aldeias e das cidades, intelectuais, que tiveram a coragem de fazer; vimos com ele a caminho do futuro, a caminho de uma Portugal democrático. Não esperando o passivamente, mas lutando hoje e amanhã, dia a dia, sem desalencamentos, pelo triunfo da democracia. É a continuação do combate que Tomás da Fonseca travou em muita frequência, sem uma paragem durante 70 anos. E assim adquire dimensão nacional a consagração que a sua dignidade cívica e intelectual impõe.»

A TERRA E O SEU EMIGRANTE — TESE DO DR. JOSÉ ALBERTO RODRIGUES

O dr. José Alberto Rodrigues, de Vila Pouca de Aguiar apresentou a sua comunicação «A Terra e o seu Emigrante». Depois de analisar largamente o tema, concluiu: «A recusa dos direitos cívicos aos camponeses e a miséria económica que lhe criaram fizeram-lhe apagar o fogo sagrado que os alimentava desde sempre e os prendia ao lugar onde nasceram e onde queriam morrer. Fugiram para outras nações e o resto continua a fugir em correntes maciças intermináveis.»

«Escarneceu-se de todas as representações, nada se fazendo em benefício deles e da terra onde trabalhavam. Só a grande força moral de todos poderá levar a reconhecer-se a chama que as necessidades do Poder extinguíram.»

A FUNÇÃO FORMATIVA DA IMPRENSA — TESE DE MANUELA DE AZEVEDO

A nossa camarada de Imprensa D. Manuela d'Azevedo, ao apresentar a sua tese «O jornal, o jornalista e a função formativa da Imprensa», propôs as seguintes medidas:

«Cumprimento da lei interpretativa do art. 1.º do Dec. 12008, de 30 de Julho de 1926, que diz sem sombra de equívoco: «A todos é lícito manifestar livremente o pensamento por meio da imprensa, independentemente de censura ou censura e sem necessidade de autorização ou habilitação prévia; que o respeito à interpretação na doutrina expressa neste artigo seja simples introdução à reforma e liberalização da imprensa; que seja com esta

reforma abolida a censura à imprensa sem que, com isto, librem o jornal e o jornalista de responsabilidades morais inerentes ao exercício da profissão; que destas condições e reclamações fique bem claro o papel de uma imprensa que só pode ser dignificada quando livremente se vota ao esclarecimento da opinião pública e, consequentemente, à formação do espírito crítico esclarecido do povo; que se signifique ao Poder, por intermédio dos órgãos citados, que lutar por uma imprensa livre e digna é criar instrumentos fiscalizadores e seladores da dignidade e liberdade de todos.»

A SITUAÇÃO DO ESCRITOR EM PORTUGAL — COMUNICAÇÃO DE JOSÉ TENGARRINHA E AUGUSTO DA COSTA DIAS

«O processo cultural português destas quatro décadas desenvolve-se à margem ou mesmo contra as instâncias oficiais — esta é uma das primeiras afirmações da tese dos Drs. José Tengarrinha e Augusto da Costa Dias, sobre «A situação do escritor em Portugal». O documento constitui uma exposição detalhada das condições de vida do escritor em Portugal, incluindo a análise da sua posição perante o público, a falta de instituições culturais de apoio à sua actividade, a estrutura do ensino, etc.

A tese faz comparações entre o período da República e o período do Estado Novo. 1926, grosso modo, é uma data de viragem na cultura portuguesa, dentro do ciclo inaugurado no século XIX. Os instrumentos e os meios de cultura evoluem no sentido de um mais estreito contacto do Estado e da Igreja oficial que lhe serve de suporte ideológico — declara-se.

«Ao falar dos meios de expressão à cultura, a tese denuncia os vários aspectos em que ela se exerce, nomeadamente no campo da censura a publicações e limitações dos meios difusores independentes, além da escolha política dos quadros culturais. O documento cita várias episódios ilustrativos, terminando da seguinte forma:

«A cultura portuguesa, os seus problemas, os problemas mais vastos de todo um povo em que se radica, exigem que os escritores se dediquem sobre eles com lucidez cada vez maior, usando soluções que correspondam às necessidades e aos anseios da comunidade a que pertencem.»

«DO SIGILO DA CORRESPONDÊNCIA» — TESE DO DR. ANTÓNIO MACEDO

Na comunicação apresentada ao Congresso, pelo sr. dr. António Macedo, acerca do «Sigilo da Correspondência», fixam-se as coordenadas legais que comandam, disciplinam e delimitam a actualização das autoridades judiciais e policiais e a dos funcionários dos serviços dependentes da Administração-Geral dos Correios e Telégrafos.

A traços largos, e em resumo, afirma o dr. António Macedo:

«Em seguimento dos normativos constitucionais da monarquia liberal, que proibiam ser inviolável o segredo das cartas, responsabilizando a Administração dos Correios pelas infracções que se verificassem, a Constituição Política da Re-

pública Portuguesa, de 1911, estatuiu também a inviolabilidade do segredo ou sigilo da correspondência, que a Constituição de 1933 manteve, com a ressalva dos «termos em que a lei determinar» — como «liberdade, direito e garantia individual dos cidadãos portugueses».

Porém, nenhuma autoridade estranha aos serviços dos correios e telégrafos poderá neles intervir, e mesmo nos casos em que as diligências ou providências legalmente requisitadas e consentidas sejam de efectuar deverão elas ser exclusivamente executadas pelos empregados (privativos) dos correios e telégrafos, pelo modo prescrito nos regulamentos.»

De contrário, incorrerão uns e outros (os que requisitam, ordenam ou executam as diligências, com inobservância dos dispositivos legais) em sanções administrativas, disciplinares ou penais, conforme os casos e sempre que, por qualquer forma — indevida ou irregular — haja violação das correspondências ou, como é óbvio, se retenham ou se quebrem, obstante à sua normal circulação.

O dr. António Macedo, depois de fazer várias considerações, legalistas e doutrinárias, e de ilustrar a sua comunicação com o exame de um caso concreto, termina por emitir o voto de que, pela prevalência da ordem jurídica, se cumpra a lei — salvaguarda, por hipótese, do princípio constitucional que estatui como direito e garantia dos cidadãos portugueses «o sigilo da correspondência, nos termos que a lei determinar.»

A DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO EM PORTUGAL — COMUNICAÇÃO DO DR. SANTOS SIMÕES

O dr. Santos Simões, ao apresentar a sua tese sobre «A Democratização do Ensino», começou por afirmar que a reforma de uma sociedade subdesenvolvida só será possível através de reformas muito profundas da sua estrutura sócio-económica. Aludiu seguidamente às condições de democratização do ensino, afirmando que elas

são, basicamente duas: professores e rede escolar. Analisou detalhadamente a situação do ensino português, apresentando números e dados estatísticos. Apreciou a estrutura deficiente do ensino infantil. «Só em 67 concelhos existem estabelecimentos oficiais, liceus ou escolas técnicas; em 154 concelhos apenas se ministra o ensino secundário particular; em 82 concelhos não há ensino secundário — declarou. Criticou, depois, as recentes reformas do ensino primário, afirmando: «Todas as nossas instituições escolares somadas estão muito aquém das efectivas necessidades do País, com vistas a uma real democratização do ensino em Portugal.» A terminar, pediu: um ensino livre numa escola livre; um ensino para todos; numa escola para todos, numa nação de todos; num país livre.

IMPORTANTES TESES A APRESENTAR NA Sessão DESTA NOITE

As 21 e 22, então sob a presidência do prof. Orlando de Carvalho, prossegue nova sessão de trabalhos do Congresso, em que serão apresentadas as seguintes teses: «A Modernidade e a Ordem Jurídica Portuguesa», pelo dr. Vasco da Gama Fernandes; «As Casas dos Trabalhadores nos Centros Urbanos», pelo eng. D. Virgílio Moura e pelo arquitecto Lobo Vital; «Bases para uma Lei Eleitoral de Expressão Democrática», pelo dr. Costa e Melo; «Alguns Problemas Concretos da Cultura Portuguesa», pela revista «Vértice»; «Direitos de Informação e de Comunicação», pelo dr. Abranches Ferrão; «Economia Portuguesa—Sua Evolução e Perspectivas», pelo dr. Gilberto Lindim Ramos.

A MODERNIDADE E A ORDEM JURÍDICA PORTUGUESA

— TESE DO DR. VASCO DA GAMA FERNANDES

O dr. Vasco da Gama Fernandes, na sua tese «A Modernidade e a Ordem Jurídica Portuguesa», começou por afirmar que «uma Democracia não há dogmas, pois ela exclui a estratificação das ideias ou a sua sacralização.

Diz-se, a certa altura, ter a certeza de que não haverá nem um congressista que despreze os ensinamentos da modernidade, acrescentando mais adiante:

«Ao promulgar-se a Constituição Política da República, escrita, pensada e discutida pelos homens que derrubaram a Monarquia, o notável instrumento, coluna vertebral do regime nascente, interpretava as fontes do conhecimento filosófico do tempo e traduzia, com nobre leção, as conquistas jurídicas e políticas da época que era a sua. Entretanto, a evolução da História e da Cultura, o desabar das reestruturas modernas, a presença das problemáticas sociais e o desenvolvimento da técnica, criaram um tipo civilizacional, o estilo de vida de que nos fala o senhor Fidalgo de Figueiredo e que os poetas da estirpe de Garcia Lorca sintetizaram na necessidade de preservar e defender os grandes pensamentos. Sem prescindir da pureza das ideias, neste caso da pureza da Liberdade, a Ciência política foi criando novos temas sociológicos, económicos, morais e intelectuais que importa inserir nas concretizações do presente e do futuro.»

O dr. Vasco da Gama Fernandes afirmou, mais adiante:

«A modernidade é a nossa época: com ela construímos a Pátria para todos os portugueses sob a égide de uma Democracia Republicana, respeitadora das ideias estranhas, mas firme nas tarefas que preservem as estruturas do regime e, ao mesmo tempo a integridade numa ordem social e política actualizada e conforme com as revelações históricas vindas até nós.»

Por último, o autor da tese apresentou as seguintes conclusões:

1—A modernidade exige que a Ordem Jurídica Portuguesa contemporânea preserve tudo o que possa representar arbitrio, impunidade e irresponsabilidade. Deste modo, 2—As Leis de excepção terão que ser revogadas, e com elas os Tribunais do mesmo teor, a repressão indiscriminada e sem recurso, as decisões dogmáticas. 3—Como regime filosófico



CONGRESSO REPUBLICANO

e político, e sempre ao serviço da modernidade, a Ordem Jurídica Portuguesa Contemporânea deverá pugnar pela livre expressão do pensamento e pelo império da Lei, pela independência total do Poder Judicial, que jamais poderá estar à mercê de escolhas sectárias.

4—Como poderes do Estado, impõe-se a harmonia existencial dum Poder Legislativo, altamente fiscalizador, e dum Poder Executivo responsável perante aquele.

5—A experiência histórica aconselha o exercício estável do Poder Executivo, mas sempre sujeito às deliberações e aos votos da fiscalização nas suas diversas modalidades.

6—A mesma experiência histórica aconselha a inserção no Estatuto Político da Nação, ou em Leis complementares, dos princípios da sócio-economia e da educação modernas.

7—Toda a orientação da modernidade é no sentido de combater o negativismo, a injustiça social, a fiscalidade desajustada, os monopólios e todas as formas de exploração.

8—Paralelamente impõe-se a criação de condições que permitam, gratuitamente, o acesso às fontes da inteligência e da Cultura.

9—Como escopo de todas estas iniciativas, a modernidade também reclama uma Ordem Jurídica que saiba defender a Democracia dos ataques e das imitações que se proponham diminuir ou pervertê-la, com o primado dos Tribunais ordinários para a vigília e a punição das infracções.

10—Tendo como o pressuposto a necessidade de uma convivência internacional, a modernidade também exige a criação de um clima de paz universal, para o que são de respeitar, como Leis Internas, os Tratados e Convenções subscritos por Portugal.

11—Finalmente, a modernidade não se compadece com a ignorância, ou qualquer solução autoritária, para que, assim, a Ordem Jurídica Portuguesa represente o que há de essencial numa Democracia evolutiva e científica.»



O Grupo de Estudos Antigos de Lisboa, participou e foi iniciado de um compromisso e amigo Artur Manuel, tendo sido o seu fundador em 14 de Maio de 1908. — Artur Manuel.

TELEGRAMAS E SAUDAÇÕES AO CONGRESSO DE AVEIRO

Durante a tarde e noite de ontem continuaram a afluír ao secretariado do congresso inúmeras mensagens de saudação e aplauso a esta manifestação. Dentre elas destacamos os telegramas de Utra Machado, Lisboa; Tarso Gomes, Braga; Eduardo Fernandes, Lisboa; Manuel Jerónimo Rodrigues de Sousa, Alentejo; Manuel Augusto Florêncio, Alentejo; dr. Veloso de Pinho e Veiga Pires, Porto; José Moedas Melo Garrido, em nome dos profissionais de Imprensa de Beja; dr. António Sousa Gomes, Ponta Delgada; dr. Aristides Couto, em nome de republicanos de Vila Real; revisores do «Diário de Lisboa» Rogério Pereira, José Azevedo, Tabuada, João Valente, Artur Cruz, Carlos Lopes; Joaquim Ferreira Oliveira, Miguel Baptista, Manuel Nunes, em nome dos democratas de Alcantara, Lisboa;

Bárbara Rosa Carvalho Pereira, viúva do republicano Carlos Maria Pereira, Tomar; António Eliseu de Macedo, Lisboa; Tomás Oliveira Silva e João Esteves Simões, Soure; João Anunciação Botelho, Beja que asseguram o maior êxito ao II Congresso, ao qual enviam cordiais saudações; arq.º Lúcio Estrela Santos, Porto; Eduardo Rosas Nobre, em nome dos republicanos do concelho de Sátão; Carvalho Duarte, Lisboa; dr. Luís Sales, Lisboa; dr. Adolfo da Palma Carlos, Lisboa; Joaquim Nunes dos Santos, Lisboa; democratas do Lago (4 assinaturas); Abílio Sobral, Barcelos; Domingos Correia, Lisboa; um grupo de engenheiros-agrónomos, Lisboa; José Cipriano das Chagas, Campo Maior; Guilherme da Palma Carlos, Lisboa; Américo Gomes, Guarda; Carlos Aragão, Seia;

eng.º Albertino Pires Antunes, Lisboa; Ricardo Júlio Pais Gomes, Lisboa; Aldino Pais, Nelas; Otindo Figueiredo, Lisboa.

Por outro lado e por carta, contendo palavras de entusiasmo ao 2.º congresso, e fazendo votos pelo seu completo êxito, dirigiram-se ao secretariado: Armando de Oliveira Soares de Albuquerque, Macielra de Cambrá; Adão da Cruz Moreira Dias, Bernandinho; dr. Manuel Machado da Luz, Lisboa; dr. Manuel Carlos Adrega, Lisboa; tenente José Simões Pinto, Amaral; Manuel Simões Pinto, Coimbra; dr. Olívio França, Porto; mensagens dos democratas torrijanos (Forças Novas), com 22 assinaturas; mensagens dos republicanos de Mortágua (77 assinaturas).

Regulamento do Grande Prémio de Publicidade «Diário de Lisboa»

1. O «Grande Prémio de Publicidade Diário de Lisboa» propõe-se distinguir os anúncios publicados em 1968 nos jornais e revistas portuguesas que, pelas suas qualidades artísticas e gráficas, e pelo impacto da sua mensagem publicitária, forem julgados como sendo os melhores.

2. Podem concorrer todas as Agências de Publicidade legalmente constituídas e os Serviços de Publicidade de Empresas, desde que umas e outras exerçam a sua actividade em Portugal.

§ único — Não serão aceites a concurso anúncios criados no estrangeiro ou adaptações, e aqueles que se provar estarem nessas condições serão desclassificados em qualquer momento.

3. Cada Agência ou Serviço de Publicidade pode concorrer com um número ilimitado de anúncios de sua criação, devendo estes ser entregues no «Diário de Lisboa» — Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa, ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 31 DE MAIO.

a) De cada anúncio a preto e branco deverá ser enviada uma prova em papel «couché», no formato máximo de 42x30 cm, montadas em cartolina cinzenta-clara com as dimensões de 50x32 cm. As folhas de cartolina deverão conter, no canto inferior direito, a menção, de uma forma discreta, do nome da Agência ou Serviço de Publicidade.

b) Juntamente com as provas do anúncio, a Agência ou Serviço de Publicidade deverá indicar um dos dias em que o referido anúncio tenha sido publicada no jornal ou revista.

c) De cada anúncio de cor deverão ser enviadas duas páginas do jornal ou revista reproduzindo o anúncio, seguindo-se no restante o prescrito nas alíneas anteriores.

4. Todos os trabalhos serão submetidos a JÚRI, cuja constituição é a seguinte: Igrejas Caeiro, presidente do Clube dos Publicitários; Luís Filipe de Abreu, professor da Escola Superior de Belas-Artes; Sebastião

Rodrigues, artista gráfico; Vitor da Silva, professor da Escola de Artes Decorativas António Arroio, e Jorge da Oliveira, técnico de publicidade.

5. O material enviado pelas Agências e Serviços de Publicidade não será restituído e fará parte dos arquivos do «Grande Prémio de Publicidade». O «Diário de Lisboa» reserva-se o direito de fazer dele o uso que entender (exposição, reprodução no próprio jornal, em catálogos, revistas, livros, etc.) sem que os seus autores ou produtores tenham por isso direito a qualquer compensação, devendo no entanto ser sempre citado, junto a cada trabalho, o nome da Agência ou Serviço de Publicidade onde o anúncio foi criado.

6. Os prémios, a atribuir de acordo com a decisão do júri, serão entregues no próximo mês de Junho em data a designar e são os seguintes:

GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE DIÁRIO DE LISBOA (anúncios a preto e branco): troféu destinado à Agência ou Serviço de Publicidade. O «Diário de Lisboa» atribuirá ainda esc. 20 000\$00 para os criativos que intervierem no trabalho premiado, a distribuir pela entidade premiada.

1.º **PRÉMIO DE PUBLICIDADE** (anúncios a preto e branco): placa destinada à Agência ou Serviço de Publicidade e a importância de esc. 10 000\$00 atribuída da forma indicada acima.

2.º **PRÉMIO DE PUBLICIDADE** (anúncios a preto e branco): troféu destinado à Agência ou Serviço de Publicidade e a importância de esc. 5000\$00 atribuída da forma indicada acima.

PRÉMIO ESPECIAL (anúncios de cor): troféu destinado à Agência ou Serviço de Publicidade.

PRÉMIO ANUNCIANTE: miniatura do troféu destinada ao cliente da Agência de Publicidade que obtiver o **GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE**.

7. É obrigatória a atribuição pelo júri de todos os prémios.

8. Qualquer dúvida suscitada pela aplicação deste Regulamento será resolvida pelo júri, cujas decisões são soberanas e insusceptíveis de recurso, com ressalva do disposto no § único do artigo 2.º

PRÉMIO ESPECIAL EM COLABORAÇÃO COM A «INTERTUR» E A «AIR FRANCE» — UMA VIAGEM DE AVIÃO E OITO DIAS DE ESTADIA EM NOVA IORQUE

Além dos prémios indicados no regulamento, à Agência ou Serviço de publicidade que obtiver o Grande Prémio, será oferecida pelo nosso jornal, uma viagem de ida-e-volta a Nova Iorque, com hotel pago, durante uma semana de estadia na grande metrópole americana.

Este prémio especial, que conta com a colaboração da «Intertur—Organização Mun-

dial de Intercâmbio Turístico Lt», e com a da «Air France», a juntar aos que o regulamento anuncia, será mais uma aliciante e um estímulo para a classe publicitária.

Nova Iorque é uma das capitais da publicidade e o beneficiado com esta viagem, a indicar pela entidade contemplada, poderá tomar contacto com algumas das mais perfeitas organizações da sua especialidade.

LIVROS NOVOS

«DOCUMENTAÇÃO AVULSA MOÇAMBI-CANA DO ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO», sumariação pelo DR. FRANCISCO SANTANA

Santana, saiu agora, com as características do primeiro.

«BOLETIM DA FILMOTECA ULTRAMARINA PORTUGUESA»

A FilMOTECA Ultramarina Portuguesa tem prestado serviços valiosos aos investigadores da nossa história ultramarina. A série de volumes publicados e em que se encontra o sumário desses documentos têm o interesse grande de dar aos que por esses assuntos se interessam revelações úteis.

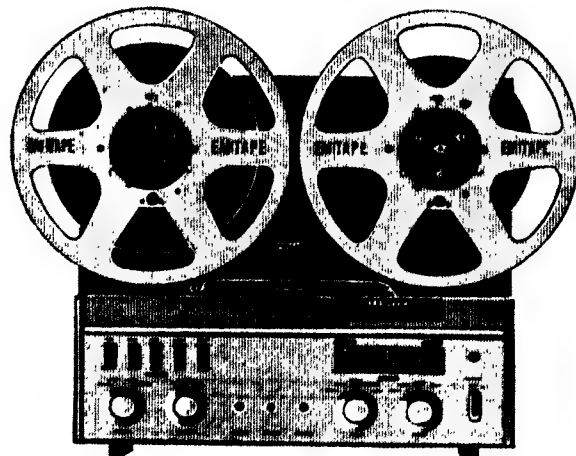
No volume agora saído do «Boletim da FilMOTECA Portuguesa» inclui-se os Livros das Monções desde 1687 a 1685, ou sejam do n.º 37 ao n.º 49. São os números 35, 36 e 37 do boletim.

«OS EMIGRANTES DO MAYFLOWER», por ROBERT N. WEBB

Teve repercussão na história da América e do mundo essa emigração do «Mayflower» que levou umas dezenas de casais para o novo mundo e nele influiu poderosamente.

A literatura, o cinema e o teatro, tomaram conta do episódio e tanto os artistas plásticos como os demais continuam ainda a versar esse tema. Em tradução de Isaura Cordeira dos Santos, a Livraria Civilização dá-nos agora este livro, ilustrado, da colecção «Histórias para a Juventude» de Robert N. Webb.

Novo! O SENSACIONAL
REVOX A 77
PARA ESTÚDIOS E CADEIAS DE ALTA FIDELIDADE



CONHECE ALGUM GRAVADOR QUE REÚNA TODAS ESTAS CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS?

- Resposta: 30 a 20.000 ciclos a 7 1/2% distorção e pontas máximas 2%;
- ruído de fundo: -84 db (norma de estudo);
- Utilização de bobinas tipo profissional NAB de 25,5 cm de diâmetro;
- 3 motores — tracção directa ao eixo;
- Bloco de alimentação estabilizada eletronicamente;
- Igualização NAB e IEC;
- 2 velocidades controladas eletronicamente;
- Funções mecânicas comandadas por rolos;
- Motor de tracção com servo-regulação eletrónica de velocidades;
- Circuitos de tipo «plug in»;
- 2 volímetros incorporados para regulação dos níveis de entrada e saída;
- Célula foto-elétrica para paragem no fim de fita;
- Mecânica telecomandável;
- Possibilidades de travagem (eco, multiplay, duoplay, etc.);
- Cabeça de reprodução independente;
- Bateria para auscultadores estéreo;
- TOTALMENTE TRANSISTORIZADO

Pede uma demonstração aos PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A.R.L.
RUA NOVA DO ALMADA, 88, 97 LISBOA

No Norte: VADECA — R. DE ST. ANTÓNIO, 210 — PORTO

Instalações da P. S. P. de Ilhavo

ILHAVO, 15 — Prosseguem, embora em ritmo lento, as obras de adaptação, num grande edifício da Rua Arcangelo Bihano, desta vila, para o aquartelamento duma força de Polícia de Segurança Pública que em

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Faz a sua demonstração pública em condições excepcionais.

breve virá para esta vila. O edifício foi visitado pelo comandante-geral, fez-se um projecto e logo se iniciaram as obras indicadas e necessárias. Far-se-á uma garagem, estão já construídas duas prisões e num anexo instalar-se-á a Subdelegação de Saúde.

Calcula-se que em fins de Junho tudo estará pronto e teremos então, na vila, uma força de dez praças da P. S. P.

D. ISABEL MARIA PAIS DA CUNHA

SANTAR, 15. — Rodeada de seus filhos, festejou agora o seu 86.º aniversário a veneranda senhora D. Isabel Maria Pais da Cunha, viúva do antigo magistrado dr. Manuel Caminho Coelho do Amaral Reis, na sua casa do Sôto, perto de Santar. Nesse lar, recheado de antiguidades e objectos de valor,

vive a veneranda senhora rodeada do respeito de todos os que com ela contactam e de todo o seu pessoal. Recebeu de vários pontos do País e, em especial, de Lisboa, afectuosos cumprimentos de parabéns.

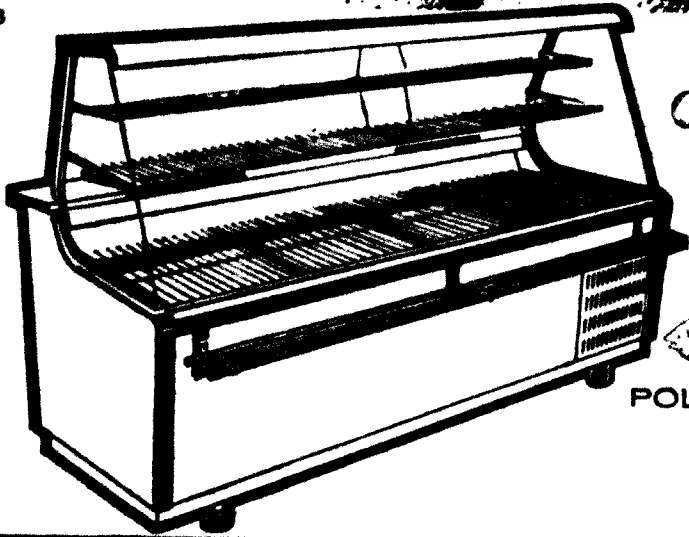
Em ALHANDRA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria do Carmo Barros (Barral), Av. Major Joaquim José Paiva, 18, A.º.

VIDA SOCIAL



VENDER É PÔR À VISTA

PRAXIS



Exponha os seus artigos nas
vitrines que atraem os olhos e
venda duas vezes mais.

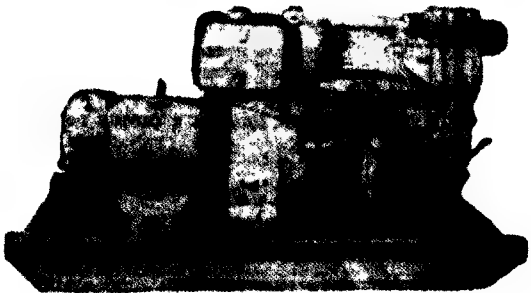


POLAR — vitrines e congeladores para todos os fins.



REFRIGERAÇÃO POLAR LDA.
av. almirante reis, 94c tel 501116-78 - Lisboa
rua genêro cristovão, 120 - Porto

- Máquinas-Ferramentas
- Motores Diesel e fora de borda
- Grupos Electrogêneos, etc.
- Grupos Moto-Bombas para rega



GOLDNER

METALÚRGICA ALENTEJANA

CARLOS ROEDER, LDA.

STAND — RUA DO ARSENAL, 126
ESCRITÓRIO — RUA DO ARSENAL, 148, 1.º E 3.º • LISBOA
TELEFONES 36 18 32/3/4 TELEGRAMAS: «HERDER»

ALUMINIUM SUISSE S. A.

Chapas onduladas de liga de alumínio ALUMAN (AL-Mg)
LONGSPAN, para coberturas, comprimentos até 27 metros
VERTICLAD, para revestimentos de paredes, comprimentos
até 27 metros.

91 000	~~~~~
91 000	~~~~~
92 100	~~~~~
92 100	~~~~~
92 200	~~~~~
92 200	~~~~~
92 300	~~~~~
92 300	~~~~~
92 400	~~~~~
92 400	~~~~~
92 500	~~~~~
92 500	~~~~~

Chapas onduladas em varios perfis, em cor natural e esmal-
tada em outras cores.

Milhares de metros empregados em Portugal
O ALUMAN é uma liga de ALUMINIUM SUISSE S. A.,
de Zurich, com óptimas qualidades de resistência à in-
tempérie e ao ar salino
— PERFIS para Caixilharia de Janelas

Entregas rápidas:

SORVAL

— Soc. Representações Vasconcelos, Lda.
RUA ARTILHARIA UM, 104-4.º ESQ.
— Tel. 651229/20 — LISBOA-I
RUA SANTOS POUSADA, 571 — Tel. 56921 — PORTO

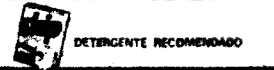


VEJA O QUE
RUTON
CRIOU PARA

SI



AS MAIS
MODERNAS
MÁQUINAS DE
LAVAR ROUPA



EXCURSÃO DA C. P.

Domingo 18 de Maio

Comunica-nos a C. P. de
que realiza no próximo dia
18, em colaboração com a
Empresa Geral de Transpor-
tes, uma excursão de Lisboa
a Abrantes, com circuito por
estrada de Entroncamento a
Barquinha, Constancia,
Abrantes, Alfarralde, Chão
de Codes, Amêndoa, Vila de
Rei, Penedo Furado e Sar-
toal, incluindo a viagem e o
pequeno almoço no comboio
automotor FIAT (1.ª classe
com ar condicionado) e almo-
ço no Hotel de Turismo de
Abrantes

Preço da excursão
completa 215\$00
Só transporte em ca-
minho-de-ferro (com
serviço de pequeno
almoço no comboio
de Lisboa a abran-
tes e volta 82\$50

Bilhetes à venda nas esta-
ções de Lisboa (Rossio) e
Lisboa (Santa Apolónia), nas
Agências de Viagens auto-
rizadas na Empresa Geral de
Transportes (Rua do Arse-
nal, 124) e nos Despachos
Centrais do caminho-de-ferro
em Lisboa, onde são distri-
buídos folhetos descritivos.



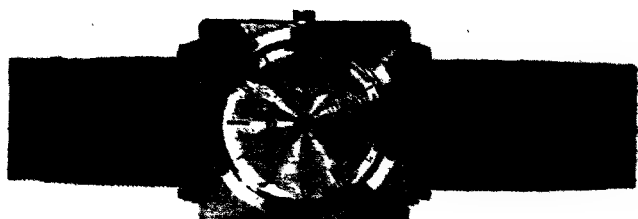
ESTE ANO OFEREÇO
MENSALMENTE
UM TELEVISOR PORTÁTIL

NATIONAL

BASTA CONSUMIR

Tigre

QUEIJO CREME DE GRUYÈRE
DELICIOSA ESPECIALIDADE SUÍÇA



UNIVERSAL GENEVE
le couturier de la montre

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 30
(ao Saldanha)

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias
de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho,
Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal,
Rua do Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bom-
fim e Azeitão, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Sur-Mont-
canto do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

MORADIA

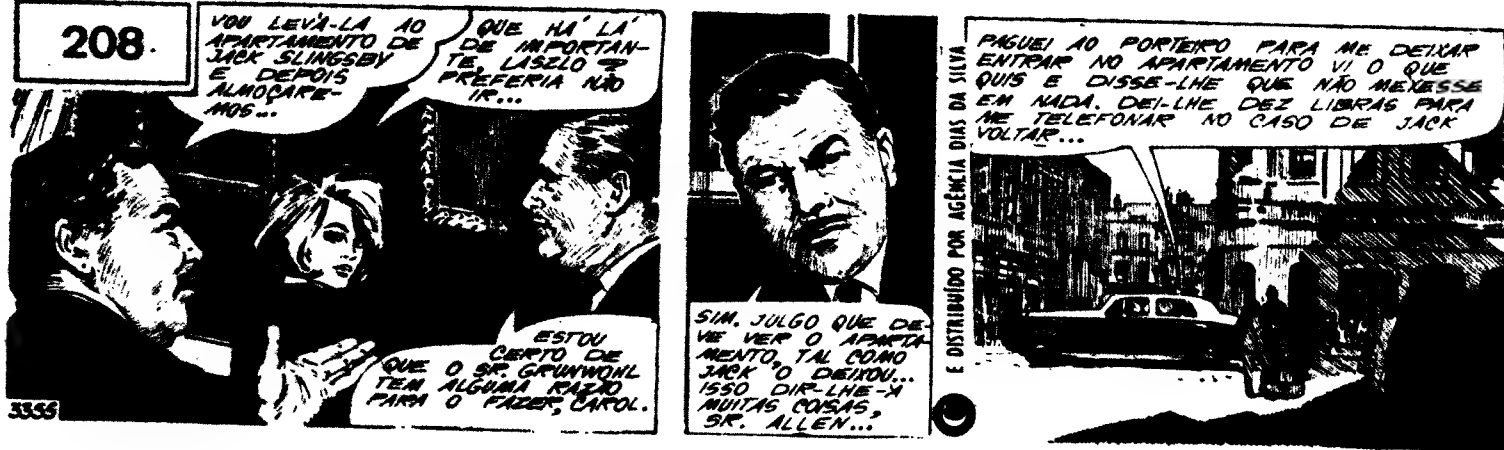
Fox do Arco

Vende-se junto a F. N. A. T.
Rua S. João Deus — Cadeia
de Santa — Telef. 22517

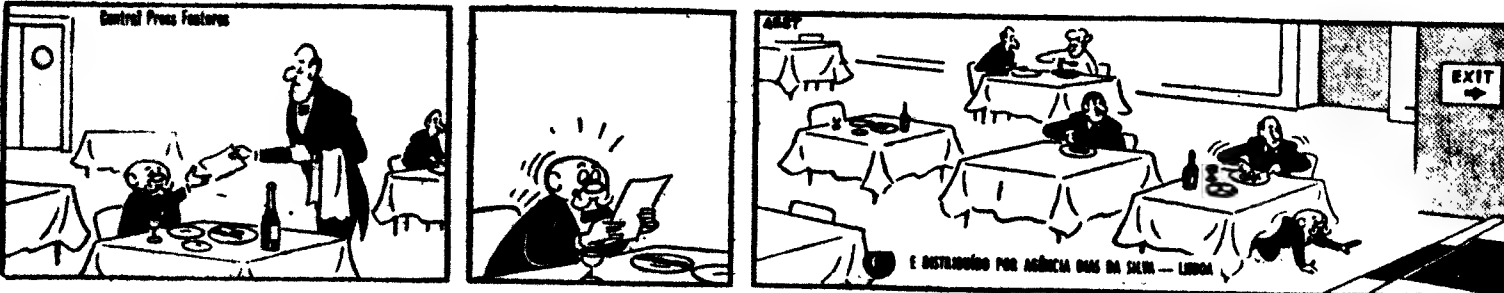
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5177

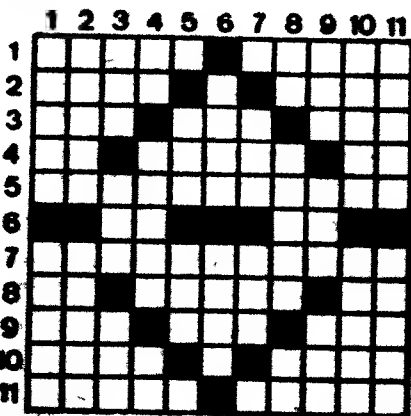
(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9020

HORIZONTAIS: 1 — Funcionar. Bater em (fig.). 2 — Antiga medida de capacidade equivalente a 60 alqueires. Por o. 3 — Sufixo que designa pequenez. Figura que simboliza o povo americano. 4 — Rum. Soma. Deus dos pastores. 5 — Encarquilhados. 6 — Futur. Li. 7 — Estreitanos. 8 — Pato. Equipam. Compaixão. 9 — Fieira. Uma das Cidades Douradas. 10 — Aquele que gagueja. Costumar. 11 — Arvores da América. Mamífero da família dos Triacodactilos existentes nos regiões polares.

VERTICAIS: 1 — Acaninha. Seta. 2 — Observam. Descascar. 3 — Distrito da Índia Portuguesa. Póssaro. Nome de uma letra. 4 — Preposição e artigo definido. Conduzir. para cá. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 5 — Ribeira do distrito de Portalegre. Prefixo que designa três. 6 — Lapsos. Rio da China. 7 — Uma das abreviaturas de matemática. Chefe etíope. 8 — Abreviatura que se usa em música. Limpem com água. Isolado. 9 — Um cento. Caminho para cá. Mágica. 10 — Oculta. Pessoas que se embriagam. 11 — Nome de flores. Ecoara.

Resolva completamente este problema! Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5177

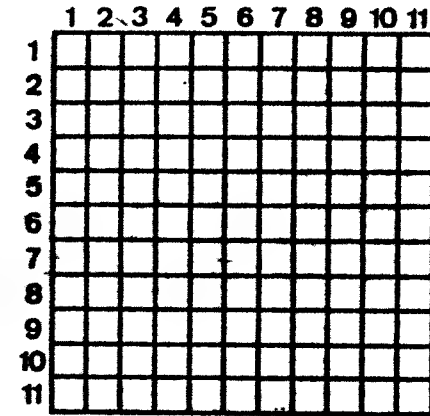
HORIZONTAIS: 1 — Fosse. Ganos. 2 — Alol. MENINO. 3 — Remetora. DL. 4 — To. Ro. ta. 5 — Min. Içara. 6 — Sua. Ova. 7 — Par. ma. Ama. 8 — Al. Rime. Er. 9 — Ri. Nadadura. 10 — Engara. Oral. 11 — Soma. Grama.

VERTICAIS: 1 — FARTO. Paris. 2 — Olo. Salina. 3 — Sam. Muro. CM. 4 — Sioriam. NJO. 5 — Tom. Arara. 6 — Mot. E. Ida. 7 — Gora. Ama. 8 — Ana. COMEDOR. 9 — Ni. Lora. Ura. 10 — Andara. Eram. 11 — Seta. Pato.

Proverbo: MENINO FARTO NÃO É COMEDOR.

HORIZONTAIS: 1 — Nutrido. Imitação. 2 — Gostale muito de. Tratam por tu. 3 — Saudável. Pátria. 4 — Foidas. Rio da América do Sul. 5 — Ente. Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Sadias. 6 — Agito o ar. 7 — Gorjeio. Atio. 8 — Ramalhete. Mãe de Ismael. 9 — Aberta. mochos. 10 — Minerva considerada deusa da guerra. Conduzir. 11 — Quenda. Magnetiza (um corpo).

VERTICAIS: 1 — Louvas. Intestino. 2 — Ribeira da Ásia russa. Brama. Amónia (s. q.). 3 — Nivelar. Sacrificia. 4 — Apelido. Espaço de doze meses. Preposição latina que designa movimento. 5 — Sufixo que designa abundância. Concelho do distrito de Cabo Delgado (Moçambique). Emprego. 6 — Nome de fruto. Prata (s. q.). 7 — Óxido de cálcio. Nome de mulher. Genro de Maomé. 8 — Iniciais de Organização do Tratado do Atlântico Norte. Governanta. Preposição. 9 — Naturais. Figura formada por dois arcos que se cortam superiormente. contam superiormente. 10 — Segua. Nome de mulher. Prefixo de privação. 11 — Os dois. Rezo.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9020

HORIZONTAIS: 1 — Maria. Ocos. 2 — Destopavam. 3 — AC. Sousa. Am. 4 — Res. Lal. Ara. 5 — Ondear. Anis. 6 — Aios. Trío. 7 — An. Trem. 8 — Am. Ora. Ode. 9 — Rm. Fido. In. 10 — Recostara. 11 — Elar. Asara.

VERTICAIS: 1 — Faro. Sarre. 2 — Ceno. Anei. 3 — Ad. Adiam. Cá. 4 — Res. Eon. Fôr. 5 — Isalos. Oia. 6 — Atuar. Trota. 7 — Asi. Tropas. 8 — Opa. Ave. Ora. 9 — Cá. Animo. Ar. 10 — Ouvia. Di. 11 — Samos. Pena.

HA 31 ANOS

O s.d. do d. Lisboa de 15 d. Maio de 1939 pu. n.º 11.

«BRUNELAS, 15 — Anuncia-se que Van Zee-land se encontra actualmente em Espanha, como consultor jurídico e financeiro do grupo de banqueiros franceses, holandeses e suíços que está a negociar com o Governo do generalíssimo Franco as bases para um empréstimo de 20 milhões de libras esterlinas, destinado a reconstrução da Espanha».

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absorção necessária em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social nem como de bom gosto.

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada 64
LISBOA

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria s.
A R. L. — 95, Rua Nova
do Almada 99 — LISBOA

S. João do Estoril

Bom emp. capital

Vendo andar, barato. Fac.
pigam. Tel. 3462620.

da Rua do Ouro
Policlínica

Entrada: Rua do Carmo, 98-2.
Telex: 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medi-
cina — Coração e pulmões —
às 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirur-
gia — Ossos e articulações —
às 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Ri-
m e vias urinárias — às 16 horas
Dr. Romão Loff — Doenças ner-
vosas electrolitárias — às 14
horas
Dr. Carlos Vilas — Doenças das
senhoras e coração — às 18
horas
Dr. A. de Barros Simão — Gar-
ganta, nariz e ouvidos — às
16 horas
Dr. António Ferrão — Doenças
dos olhos — às 14 horas
Dr. Ana Brás Maria — Gine-
cologia — às terças e quintas-
feiras — às 16 horas

UM FOLHETO
DA C. P.
SOBRE CIRCUITOS
TURÍSTICOS

A C. P. acaba de publicar um folheto relativo aos serviços que a rede «EUROPA-BUS» pode proporcionar aos turistas na presente temporada onde consta, além de uma descrição pormenorizada das excursões e circuitos portugueses, a relação de todas as linhas, circuitos e excursões nos outros países.

Peça folheto e esclarecimentos nas secções de informações de Lisboa, Porto e Coimbra, nos despachos centrais e nas agências de viagens.

U M

SERVIÇO PORTUGAL/FRANÇA

Para:

ROUEN

o m. s. «FRANÇOIS BUISSMAN» em 20 do corrente

Para:

ROUEN—HAVRE BORDEUS

o m. s. «ÉVORA» em 26 do corrente

Estes navios recebem carga de transbordo para as Antilhas, América Central e América do Sul (Pacífico).

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL OREY, ANTUNES & CIA LDA.

PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4—TEL. 322271/33255/381287 LISBOA 2—PORTUGAL

Agentes Porto
Sociedade Comercial Orey & Barros Leite, Lda.

FRIGORÍFICOS

SALDAMOS
MODELOS ANTERIORES
PREÇOS MUITO MAIS BAIXOS
GARANTIA DE NOVOS
LARGO DE SANTA BARBARA, 13. 1.º ANDAR

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Lapa, Misericórdia, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhos, Carvalhos, Rotunda da Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 20, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

DE COIMBRA

A urgência da construção de uma barragem no Mondego apoiada pela Câmara de Coimbra

COIMBRA, 15 — Na reunião da Câmara Municipal, que teve a presença de todos os vereadores, o presidente, sr. eng. Araújo Vieira, chamou a atenção para a recente inauguração da barragem «Prof. dr. Marcelo Caetano», e dando-lhe relevo, salientou a parte do discurso proferido pelo sr. ministro das Obras Públicas, que evocou a importância do aproveitamento hidroeléctrico do Mondego, e a urgên-

cia, portanto, da construção de uma barragem, propondo que seja enviada àquele membro do Governo, sr. Rui Sanches, uma mensagem de congratulação da Câmara pelas palavras do ministro relativas a tal problema, o que foi aprovado.

O presidente manifestou ainda a sua satisfação pelo êxito do Curso Itinerante de Hotelaria, que aqui decorreu, e, considerando-o muito valioso para os meios hoteleiro e turístico, pediu a aprovação, que foi unânime, de um voto de agradecimento ao sr. secretário de Estado do Turismo.

Falaram, também, os vereadores sr. dr. D. Maria José Bacelar, procurando solucionar diversos problemas do seu pelouro; António Miranda Veloso, que se referiu às consultas a que procedera no âmbito do problema do horário da recolha do lixo nas ruas Visconde da Luz e Ferreira Borges, concordando os comerciantes desses artérios em que tal recolha seja feita à hora actual, isto é, às 9; dr. Viriato Namora, que assinou o «Estado das artérias» à volta da Sé Velha, e as de lixo e ervas daninhas, o que — disse — dá um efeito de prímite e pouco turístico. Respondeu o presidente que se torna urgente rever o problema com o qual se debate o Serviço de Higiene, pois está com menos de metade do pessoal que tinha há meia dúzia de anos, e esse,

mesmo, falta frequentemente.

Aprovado o projecto de empedramento da Praça da República, foi deliberado conceder subsídios a juntas de freguesia para melhoramentos.

«Formação Profissional»

Na Escola Industrial e Comercial Brotero, prosseguiram as palestras sobre «Formação Profissional», promovido por aquele estabelecimento de ensino com a colaboração do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório, da Direcção de Finanças e da Associação dos Antigos Alunos da Escola Brotero. O sr. dr. Artur Alves de Moura, subdirector de Finanças do Distrito de Coimbra, falou do «Imposto sobre a aplicação de capitais».

Grande movimento de visitantes

A cidade teve elevado número de visitantes, e pode dizer-se que foi ontem, o primeiro dia grande do ano. A maioria das pessoas eram peregrinos no regresso de Fátima, e entre eles muitos espanhóis, franceses, ingleses e americanos.

Durante toda a manhã e parte da tarde, houve sempre, na Praça da Porta Férrea, numerosos autocarros e automóveis, o que acarretou, nos funcionários da Universidade trabalho exaustivo para acompanharem os turistas na sua visita, detendo-se, eles em especial na Biblioteca Joanina e Sala dos Capelos.

Sessão de cinema

Na delegação da F.N.A.T. haverá na segunda-feira, às 21 e 30, uma sessão de cinema para trabalhadores com o filme «D. Camilo na Rússia».

Espectáculos para hoje

BAILADO
GIL VICENTE — As 21 e 30: «Ballet» Nacional Polaco «Mazowsze» (12 anos).

CINEMAS

AVENIDA — As 21 e 30: «Falemos de homens» (17 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «Os três centuriões» (17 anos).
SOUSA BASTOS — As 21 e 30: «Khartoum» (12 a).

Farmácias de serviço

RODRIGUES DA SILVA — Rua Ferreira Borges (Telef. 22011).
SANTA CRUZ — Rua das Padeiras (Tel. 25569).
CORREIA — Rua Visconde da Luz (Tel. 33834).
SÃO JOSÉ — Arcos do Jardim (Telef. 24697).

Delegados de cooperativas de construção vão reunir-se em Coimbra

COIMBRA, 15 — Reunem-se nesta cidade, na segunda-feira, na sede da Sociedade Cooperativa «Tenho uma Casa», representantes das cooperativas de construção do País, para ultimarem conjuntamente, os trabalhos de elaboração de uma exposição sobre sisas e outros impostos, a apresentar às entidades oficiais superiores.

Na sessão estarão presentes os consultores jurídicos, ara. drs. Sérvulo Correia e Manuel Fernandes de Oliveira; um representante, a designar, das cooperativas do Sul; o sr. Miguel Lacerda, em representação das cooperativas do Norte e o presidente da direcção da Soc. Coop. «Tenho uma Casa», sr. dr. Arnaldo Pinto Loureiro.

Os problemas a tratar na importante reunião interessam a muitos milhares de portugueses, para os quais se procura a solução justa de um grave problema.

O «Dia da Mãe»

A Obra das Mães pela Educação Nacional inaugura hoje, no seu Centro Rural de Tovim, uma exposição de trabalhos das alunas que frequentam aquele Centro e o de Couselhas, a qual estará patente ao público de amanhã a domingo, das 10 às 18 horas.

No «Dia da Mãe», no qual se inclui a exposição, haverá em todas as paróquias da diocese missas especialmente dedicadas às mães, no fim das quais será lida a consagração a Nossa Senhora.

Contratenação de funcionários da C. de Seguros Tagus

COVILHA, 15 — Effectuou-se nesta cidade uma festa de confraternização entre os funcionários da Companhia de Seguros Tagus e os seus agentes dos distritos da Guarda e Castelo Branco. Houve um encontro de futebol entre a «velha guarda» do Sporting da Covilhã e a equipa do Grupo Desportivo da Companhia de Seguros Tagus, tendo vencido os veteranos por 4-0.

Seguiu-se um almoço, que reuniu cerca de 230 convivas, tendo assistido, o sr. dr. Ascensão Azevedo, governador civil do distrito, o presidente da Câmara Municipal e outras autoridades locais. Aos brindes falaram os srs. José Teles Dias, José Marques Ferreira e prof. eng. António Gouveia Portela.

Exames finais na Faculdade de Letras

Está marcada a data dos exames finais, provas escritas, da época Junho-Julho, para alunos ordinários e voluntários, da antiga e nova reforma, da Faculdade de Letras. Começam em 2 de Junho.

Os estudantes que desejam comparecer apenas à segunda chamada da prova escrita devem pagar, 50\$00 por cadeira. Na época de Outubro será permitido fazer dois exames, mesmo nos que deles tenham sido excluídos na época de Junho. Os que deixarem exames para a época de Outubro não necessitam, de momento, de cumprir qualquer formalidade, mas apenas de solicitar em princípios de Setembro a admissão a esses exames.



ADRIANO GUEDES

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Martins & Guedes, Lda., participa a todas as pessoas das suas relações que, auferindo a alma do que foi o sempre lembrado seu fundador e gerente, será rezada missa, amanhã, 1.º aniversário do seu falecimento, pelas 11,30 horas, na Basílica da Estrela. Desde já agradecem a quem se dignar assistir ao piedoso acto.



ADRIANO GUEDES

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Sua esposa e filho participam a todas as pessoas das suas relações, que amanhã, 1.º aniversário do falecimento, será rezada missa, pelas 11,30 horas, na Basílica da Estrela. Desde já agradecem a quem se dignar assistir ao piedoso acto.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda	Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4% ...	—	5225	5255	Diamantes Angola ...	1.4855	1.4825	1.4905
Consolidado 3% ...	5405	5405	5425	H. E. Ravul ...	6005	6005	6055
Consolidado 3 1/2% ...	6405	6405	6425	Ita do Príncipe ...	—	—	—
Centenários 4% ...	—	1.5205	—	Mozambique ...	—	1205	235
Obras Tesouro 5% ...	1.0075	1.0065	1.0075	Sonete A ...	3825	3805	3825
Extremo 1.ª Série ...	—	—	7005	Sonete B ...	7455	745	755
Extremo 1.ª Série A ...	—	—	8005	Zombete ...	—	—	1.1005
Extremo 3.ª Série ...	—	—	—	Angola ...	—	—	—
Extremo 3.ª Série A ...	—	—	9205	Diversos	—	7.3505	7.4505
Cautela 3.ª Série ...	—	—	2005	Cala ...	—	2.9005	3.1005
OBRIGAÇÕES	—	—	—	Cm Lavia ...	—	5.0005	5.2005
Agua Lisboa 5% ...	—	—	—	Cm Teto ...	—	—	—
A. P. 1 5% 58 ...	—	—	9705	Col. Navegação ...	1.1805	1.1705	1.1905
A. P. 4 1/2% 65 ...	—	9205	9705	C. U. F. ...	—	—	6405
C. P. 3 7/8% 67 ...	—	—	—	Ind. Alentejo ...	—	2.8005	—
C. U. F. 6% 68 ...	—	1.0115	1.0135	Nac. Navegação ...	—	2.0505	—
C. U. F. 6% 68 ...	1.0085	—	—	Petroquímica ...	—	1.4505	1.5005
G. Elect. 4% 48 ...	—	8305	8605	Port. e Colónias ...	3.5005	3.5005	3.5205
G. Elect. 4 1/2% 51 ...	—	8605	—	Port. Caldas ...	1.1505	1.1455	1.1655
G. Elect. 5% 52 ...	—	9005	—	Port. Pesca ...	—	—	5155
G. Elect. 5% 58 ...	—	9005	9405	Port. Tabacos ...	4.8005	4.8005	4.8505
G. Elect. 5% 59 ...	—	9005	—	Sacer ...	—	—	1.4205
G. Elect. 5% 62 ...	—	9005	—	Siderurg. e Nat. ...	2.4005	2.4005	2.4205
G. Elect. 5% 63 ...	—	9515	9505	Soc. ...	—	8505	9205
G. Elect. 5% 65 ...	—	9255	—	Tabacos de Portugal ...	11.8005	11.8005	11.9005
G. Elect. 5% 67 ...	—	—	—	Tabacaria ...	7565	7565	7585
H. e A. Alentejo 5% ...	—	—	8605	U. F. Azule ...	—	—	—
H. e Cávado 5% ...	—	8555	—	Agua Elect. e Gás	—	—	4005
H. e Cávado 6% ...	—	8555	—	Agua Lisboa 5 ...	4155	4105	4205
H. e Douro 5% ...	—	8555	8655	Agua Lisboa 34 ...	—	—	—
H. e Douro 6% ...	1.0105	1.0085	—	Agua Lisboa 36 ...	1.5405	1.5405	5505
H. e Norte Port. 5% ...	—	—	—	Elect. Barros ...	3825	3825	3825
H. e S. Estrela 6% ...	—	—	1.0105	G. Elect. ...	15455	15455	355
H. e Zêzere 5% 55 ...	—	—	—	H. e Alentejo ...	1.2505	1.2455	1.2505
H. e Zêzere 5% 57 ...	—	—	—	H. e Cávado ...	1.2305	1.2255	1.2355
H. e Zêzere 5% 57 ...	—	—	8555	H. e Douro ...	—	—	—
Lisboa 6% ...	—	0255	0305	H. e Norte Portugal ...	—	—	—
Metropolitano 4% ...	9455	9405	—	H. e S. Estrela ...	—	—	—
Metropolitano 5 3/4% ...	1.0255	0255	—	H. e Zêzere ...	1.3005	1.2955	1.3055
Mozambique 5% ...	—	—	—	Nac. Electrificada ...	—	1.3405	1.3505
Nac. Electr. 5% ...	8555	8505	8605	Termoelectr. Port. ...	—	3755	3955
Nitratos 5% 60 ...	—	—	—	J. E. P. ...	1955	1955	1965
Petroquímica 5% ...	—	—	9205	FUNDOS DE INVESTIMENTO	—	1645	1695
Port. Caldas 5% ...	—	—	9355	Atlântico ...	—	1084	1117
Soc. 5% 54 ...	—	—	9355	D. E. S. ...	—	—	—
Soc. 5% 60 ...	—	—	9355				
Siderurg. e Nat. 2.ª ...	—	—	—				
Siderurg. e Nat. 3.ª ...	—	—	—				
Siderurg. e Nat. 4.ª ...	—	—	—				
Sonete 5% ...	—	8305	—				
T. A. P. 4% ...	—	—	—				
Termoelectr. Port. 5% ...	8505	—	8505				
U. E. P. 3 3/4% ...	—	—	—				
U. E. P. 4% ...	—	—	—				
U. E. P. 4 1/2% ...	—	—	—				
U. E. P. 5% ...	—	825	—				
U. E. P. 5% 60 ...	—	8405	8505				
U. E. P. 5% 63 ...	—	8605	—				

INDICE BORGES & IRMAO

COTACAO DAS ACCOES Base Div. 100

	7/5/69	13/5/69	14/5/69
GENERAL	119,5	117,7	117,9
VIETROP	116,6	115,3	115,3
ULTRAM	141,0	135,3	137,3

PAISES	Compra	Venda
Africa do Sul		
— Banco de 1 e 2 ...	38900	38900
— Banco de 5 e 20 ...	38150	38400
Argentina		
— Banco de 1 e 2 ...	28120	28180
— Banco de 5 e 1000 ...	28140	28180
Canadá — Dollar ...	26120	26170
Chile — Peso ...	7305	7330
Colômbia — Escudo ...	1808	1815
Costa Rica — Colón ...	5880	5880
Espanha — Pesta ...	399,8	411,3
Estados Unidos — Dólar ...	2975	2980
Francia — Franco ...	67120	67120
Grã-Bretanha — Libra ...	104,48	104,65
Irlanda — Escudo ...	4180	4180
Itália — Lira ...	551,5	555
Japão — Yen ...	5610	5625
Países Baixos — Florim ...	6138	6175
Portugal — Escudo ...	2165	2165
Reino Unido — Libra ...	2165	2165
Suécia — Coroa ...	3855	3855
Suevia — Coroa ...	—	—
Swiss — Franco ...	23000	23000
Temple — 1/2 Libra ...	20000	20000
União Soviética — Rublo ...	20070	20070



HOJE PODE VER...

PARADA DA INDÚSTRIA: OS SEGUROS EM PORTUGAL

NESTE PROGRAMA do Gabinete de Divulgação Económica é hoje apresentada, cerca das 21, uma mesa-redonda sobre a indústria seguradora na economia portuguesa. Nela participam dirigentes dos Grémio e Sindicato dos Seguradores e outras personalidades ligadas à actividade seguradora nacional.

AUDITÓRIO MUSICAL

CERCA das 21 e 55, a Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida pelo famoso maestro Herbert von Karajau, interpreta o Concerto n.º 1 do grande compositor Tchaikowsky.

SÉRIE DRAMÁTICA: «ENIGMA»



Romano Brazzi, actor italiano bastante conhecido, está esta noite na série «Enigma»

DESTA SÉRIE a RTP apresenta pelas 22 e 48, o episódio filmado «Não espere pelo amanhã» (Don't wait for tomorrow) com Donnelly Rhodes, Telley Savalas, Juliet Mills e Roesano Brazzi, numa realização de Harvey Hart.

«Numa ilha isolada, passa-se um mistério desconcertante que quase arrasta para a morte um jornalista que tenta desvendá-lo...»

2.º PROGRAMA

CERCA DAS 21 e 50, depois da edição da noite do telejornal, é apresentado, em repetição na rubrica «Expedição», um documentário sobre a vida nómada dos esquimós.

«Um bandido denuncia os seus companheiros e foge para refazer a sua vida. Estes porém, perseguem-no para o matar. E o juiz Garth e a sua filha Betsy, vêem-se, então, envolvidos numa tremenda interrogação:

Devem entregar o delator aos bandidos, para estes o matarem, ou arriscarem a vida para o salvar?

Este episódio, da série «O Maioral», é exibido pelas 22 e 15, foi realizado por David Friedkin e tem como intérpretes, Le J. Cobb, Doug McClene, Gary Clarke e James Druey.

O artista nacional precisa de ter outra ocupação para sobreviver

— diz-nos a angolana Lilly Tchiumba

LILLY TCHIUMBA é legendaria de elegância. Vimo-la há dias no estúdio da R. T. P., actuando num programa de variedades, ao lado de António Calvário, Glória Maria, Mária de Góia, Rosália Lima, Chantal e Damião, atracção permanente vindo especialmente para o programa. Hoje ela está a falar as contradições, mas sempre, será quando o repórter a aborda e surge

com algumas perguntas. A conversa começou:
— Lilly, já não a vimos desde o Festival da Canção.
— Certo. Mas não vamos gostar dele, pois não?
— Hum! Vem cantar «Flor Ballarina»?
— Não! Não lhe digo mais nada.
— Mas eu lhe pergunto. Mas o que pensa dela?
— Assim está bem. Penso que era uma canção com

um ritmo diferente de todas as outras que lá estiveram. Um género balada, parecida com a cantiga, o que a tornou diferente. Senti-me absolutamente à vontade nela, mas posso-lhe dizer que não foi uma canção para Festival. Como nós nunca sabemos qual a reacção, vamos sempre com esperanças e foi assim que a aceitei.

— Concorde então com o desfecho do Grande Prémio TV?

— Bom não vale a pena

Lilly Tchiumba, legendaria de elegância e uma voz de Angola para o Mundo

falar em coisas mortas, pois não?

Até porque o desfecho es-

(Continua na página seguinte)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 45 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 05: Luz no horizonte; 6 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de Pausa, pelo dr Marques Pereira — Programa da Tarde; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 8 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emilia Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Rádio rural — Música só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas líricos; 20 e 40: 24.º episódio do folhetim «O Imortal de Florença»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pelo guitarrista Phil Martel; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de festa: «A Vida do grande D. Quixote de La Mancha e do Grande Sancha Pança», de António José da Silva em adaptação de Leopoldo de Araújo; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: 2.º, 3.º e 4.º actos da ópera «André Chénier» (Giordano); 18: Música do século XIX — Obras de Rudolf Bruck; 19: Crítica literária, pelo dr Bigotte Chorda; 19 e 30: Folclore português — Cantos e danças de Trás-os-Montes; 19 e 25: Música de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música instrumental — Duas danças eslavas op 72 (Dvorak); 20 e 30: Missa n.º 4 em dó maior (Schubert) — solistas, Coro da Academia de Câmara e Orquestra da ópera de Viena sob a direcção de George Banet; 21: Concerto em 6 para violoncelo e orquestra (Haydn) — solista Orquestra Inglesa de Câmara sob a direcção de Benjamin Britten; 21 e 30: Programas da história, pelo dr João Ameal; 21 e 50: Recital pelo pianista António Vitorino de Almeida — obras deste artista; 21 e 20: Poemas sinfónicos — «Os Pinheiros de Roma» (Respighi); 23: A voz do Ocidente; 0 e 15: Fecho

3.º Programa — (Cultural em MP) — 94,3 mc/s — As 23: Música de piano — Obras de compositores brasileiros: Mignone e Villa-Lobos; 23 e 30: Festival da Holanda de 1968 — em gravações cedidas pela Rádio Nederland; 0 e 15: Música Sinfónica; 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espetáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 02: Um conjunto; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando a telefonia toca; 23 e 08: Música tradicional e poléstra religiosa; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 02: A no-

te é nossa; 0 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talsimã. Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: Notícias; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa 6 Gô-Gô; 0 e 02: Ano Fidalidade Philips; 0 e 08: Banda Sonora; 2: FM-67 e fecho

Emissor de Miterer — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Mal-aoce teatral; 19 e 08: Misericórdia; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robôzão; 19 e 45: Um conjunto; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia e dia; 21 e 02: Orquestra 21 e 15: 55-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 08: O Santo; 22 e 15: Cristo para todos as

nações; 22 e 30: Presença colmbrã; 23 e 04: Clube da Juventude; RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 286 kc/s — As 6: Radiograma; 18 Orquestras e canções; 18 e 30: Terço, bênção e missa vespertina da Basílica das Múrtires; 19 e 50: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Toca Filipe de Brás; 21 e 45: Uma voz, um conjunto; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música ligeira variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Península — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30 — Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22 — Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2 — Rádio Europa — Das 14 e 30 às 19 e 30.

PROGRAMA DE HOJE

1.º Programa — As 19 e 30: Telejornal; 9 e 50: Desenhos Animados; 20 e 30: A Criança Penante a Vida; 20 e 45: Vamos Jogar no Tabela; 21: Parada da Indústria; 21 e 55: Auditório Musical; 22 e 40: Série Dramática — Enigma; 23 e 40: Telejornal; Meditação e Fecho.

2.º Programa — As 21 e 50: Telejornal; 21 e 50: Expedição; 22 e 15: O Maioral; 23 e 35: Telejornal e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — 1 Programa — As 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Os mistérios do mar; 20 e 20: Vamos dormir; 20 e 30: Nós, os mulheres; 20 e 45: Sangue na estrada; 21: Cantos TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema — «Trinta Segundos Sobre Táquia» com Spencer Tracy e Van Johnson; 0 e 05: Telejornal e Fecho.

2 Programa — As 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Folhetim «Os companheiros de Jesus» (Transmitido no 1 Programa em 21-67); 22 e 25: Mulher, Música e Modos (1 Programa em 28-4-69); 22 e 45: Concerto «Festival of Performing Arts»; 23 e 35: Telejornal e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

canal da crítica

«NÃO ME FALES SÓ DE PADARIAS...»

1 Edna era viúva de um grande industrial de panificação, mais velho 35 anos do que ela. Ela casara-se porque já estava farta de ser calceirinha. O casamento foi para ela uma desilusão, pois não viajara, coisa que ela gostava tanto de fazer, não tivera um filho e com certeza não plantara uma árvore. Quando o marido bateu a

bota, Edna pensa desfazer-se de todas as padarias — cerca de 110, imaginem! Mas conhece Roy, actor de profissão. Ora aí está um com quem ela vai viajar, ter um filho, plantar a sua arvorezinha...

2 Tal não se deu. Roy desinteressou-se do palco e apaixonou-se pelas padarias. Viajar? É o viajar... Eu que-

ro trabalhar, minha cara, quero ser rico, rico! Edna joga então a grande cartada: diz-lhe que foi ao médico, que este a achou capaz de cumprir cabalmente o seu dever de esposa... Ele responde que há coisas mais importantes do que ter filhos. Edna, em desespero cruel, fica logo a saber que dali não leva nada. Aconselha-lhe o psiquiatra. «Roy não me fales só de padarias, fala-me também de amor!» Roy está mais interessado nos papos secos, nas carcaças, nos pães de forma. Edna cala outra vez na rede. É outra vez «o pássaro na gaiola».

gar. O marido, esse, passa as noites não com ela, mas com um bule de chá. Filhos, não. Alén de que Roy tem um amigo íntimo que lhe dá conselhos. A pobre Edna, Edward não lhe roga a carne, Roy não lhe rola os ossos. Tudo o que ele mais deseja é multiplicar os lucros da padaria em dois anos. Novo caso de multiplicação de pães.

(Continua na página seguinte)



Lilly Tchiumba, legendaria de elegância e uma voz de Angola para o Mundo

falar em coisas mortas, pois não?

Até porque o desfecho es-

(Continua na página seguinte)



ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA

lançou as seguintes obras:

«Reumatismo e Gota», pelo Dr. Fritz Hube.
«Doenças do Fígado e das Vias Biliares», pelo Dr. Hans Weltcamp.
«Prisão de Ventre», pelo Dr. Werner Tiegel.
«Doenças do Coração», pelo Dr. Sanders Fakoni.

PREÇO DE CADA VOLUME — 30\$00

Tratamento pelos meios naturais

A venda nas livrarias e tabacarias e na Editora, R. do Salitre, 149-1. — LISBOA



DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

OBTENDO JUROS OU RENDIMENTOS DE 7 A 10%

**ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA
OU COM RENDIMENTO GARANTIDO DURANTE 12 ANOS POR ESCRITURA PÚBLICA**

INFORMAÇÕES: Rua Conde Redondo, 53-4.º Esq. em Lisboa

Telefones 45843-47843

Delegação do Museu da Marinha em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 15. — Houveram no edifício coberto pelo Hospital Velho próximo da casa onde vi-

veu o navegador quinhentista vianense, Pedro do Campo Tourinho, o sr. almirante Ramos Pereira, que vinha com a esposa e foi acompanhado pelos srs. dr. Araújo Novo, governador civil do distrito; dr. Luís Monteverde, presidente da Câmara, e comandante Miranda Gomes, capitão do porto de Viana do Castelo, para se inteirar da possibilidade de ali ser instalada uma delegação do Museu da Marinha.

Esteve, também, presente o sr. António Pinto (Calafate), descendente de uma velha família de construtores navais de Viana, autor de diversas miniaturas de barcos da antiga frota vianense, as quais vão ser adquiridas para fazerem parte do património da Delegação do Museu, cuja formação está em vista.

Associação das Famílias dos Alunos dos Liceus

Amanhã, às 17 e 30, haverá no liceu local uma sessão para apresentação e aprovação dos estatutos da Associação das Famílias dos Alunos do Liceu de Viana do Castelo.

UMA CRIANÇA ATROPELADA

VAGOS, 15. — O ciclotorista sr. Manuel Joaquim Lancha, de 20 anos, solteiro, agricultor, natural do lugar de Sanchequias, deste concelho, e ali residente, atropelou a pequena Rosa de Oliveira Marques, de 5 anos, filha do sr. Albino Marques e da sr.ª Maria José da Silva, daquela localidade, quando saía de um estabelecimento aonde fora buscar uma garrafa de vinho.

Conduzida ao hospital de fihavo, na ambulância dos Bombeiros Voluntários de Vagos, a pobre criança ficou internada.

O VOO DAS AVES

S. MIGUEL DE ACHA, 15. — O sr. Manuel Folgado capturou um pombo correio. Tem duas anilhas: uma, de alumínio, na perna direita, com a inscrição: «Port-66-584205»; e a outra, na esquerda, de borraça, onde se pode ler: «U-400». Será entregue a quem provar pertencer-lhe.

O JÚRI DA «MAJA INTERNACIONAL»

O júri que no próximo sábado em Saragoça, vai atribuir o título de «Maja Internacional 1968», é composto por:

- ★ António Mingote (Desenhador e caricaturista), de Madrid.
- ★ Maria Cristina Navarro Mirabete («Rainha das Festas de Primavera», de Saragoça).
- ★ Aurora Guillen Antolin («Maja de Aragón 1966»), de Saragoça.
- ★ Pedro Chiscote («Barman» de reputação mundial), de Madrid.
- ★ Rozello Diaz Alonso (Director de NO-DO), de Madrid.
- ★ Philip Bottfeld (Director executivo de certames promocionais), de Nova York.
- ★ José das Neves de Sousa (de «Diário de Lisboa», de Portugal).
- ★ José Eladio Amado de Lema (da «Voz de Asturias», de Oviedo).
- ★ Simone French (de «Evening News», de Londres).
- ★ Vicente Ibañez (Fotógrafo Internacional), de Madrid.
- ★ Manuel Portegas (especialista internacional de Modas), de Madrid.
- ★ António Brunet (Director do «Heraldo de Aragón», de Saragoça).
- ★ Ignacio Bertodano, Marquês de Roncali (Presidente da Associação Goya Internacional), de Saragoça.
- ★ German Lopez Vazquez (subdirector da Ibéria, Linhas Aéreas de Espanha), de Madrid.
- ★ Anselmo Tabeon (Presidente da Comissão de Festas), de Saragoça.

ASSEMBLEIAS GERAIS

SONEFE

A assembleia geral ordinária da SONEFE (Sociedade Nacional de Estado e Financiamento de Empreendimentos Ultramarinos, S. A. R. L.) vai reunir-se no próximo dia 23, às 15 e 30, na

sede da Associação Comercial de Lisboa para discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas, o relatório do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal respeitantes ao exercício de 1968.

ANIVERSÁRIO DOS BOMBEIROS DE BARCARENA

BARCARENA, 15. — Com uma récita, um baile e uma sessão de cinema, a Associação dos Bombeiros Voluntários «Progresso Barcareense», de Barcarena começou a comemorar o seu 80.º aniversário.

As comemorações continuarão no dia 18, com várias cerimónias, entre as quais um concerto pela banda de música da Associação, sob a regência do sr. Manuel Maria Baltasar.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

CANAL DA CRÍTICA

(Cont. da pág. anterior)

Com tudo isto, a peça podia ter alguma humanidade, alguma verdade. Precisava, para isso, de novo autor, de novo tradutor, de novos actores. O tom excessivamente literatizado impedia a naturalidade das situações; o tradutor não remediou o mal — e os actores ainda mais o acentuaram. Houve mesmo frases incompreensíveis, como aquela do Renato: «Tinha tornado o consumidor em produto de qualidade inferior...»

Maria Helena Matos não disse uma frase, uma palavra, convictamente. Tudo nela veio do texto, nada veio de si. Disse palavras, não significou palavras. Os actores deviam aprender com os atletas lançadores de peso que bafejam a esfera antes de a arremessarem.

Paula Renato incrustou-se na facilidade mecânica de dizer que lhe serve para todos os papéis e para todas as situações. Daí uma sensação de trabalho em série, com

subtil aproveitamento do sussurro do espectador.

Dos outros intérpretes, de tão episódicos e insignificativos, não vale a pena falar.

4 Não se diga, porém, que tudo nesta peça foi inútil. Não foi, caramba. Salva-se de uma preciosa lição: isto de teatro não dá nada. As padarias é que sim. Nada de teatro, meninos, toca a fazer pão! Ouven-me daí? Guarnição, Igrejas, Caeiro, Armando Caldas, estão a ver? O melhor que têm a fazer é tornarem-se padeiros. Teatro Maria Matos? Grupo de Teatro 1.º Acto? CETA? Juizinho, meninos! Toca a proceder à rápida reconversão. Troquem o palco pelo forno. Tudo pela padaria, nada pelo teatro. Esse, aliás, o exemplo que as «Noites de Teatro» da Televisão nos dão com frequência: está mesmo a ver-se que, por lá, fazem uma confusão danada entre uma peça — e um pão salgado...

M. C.

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

DECLARAÇÕES

DA ARTISTA LILLY TCHIUMBA

(Continuação da pág. anterior)

tá certo quanto à primeira canção. Foi essa que venceu mais o Grande Prémio pois nada mais apareceu de novo. Tudo o resto foi igual aos outros anos. O que tivemos de mais «chic», tivemos de menos em canções. Gostei muito mais da poesia «Desfolhada» do que da música. Mas falemos de outras coisas.

— Certo! Mas voltamos à «Flor Ballarina». A Lilly habituou-nos às canções de folclore...

— Não continue, pois não foi assim. Devo dizer-lhe que não foi esta a primeira vez que interpretei canções deste género. Aliás, quando comecei, em 1961, não foi com folclore. Só em 1963 é que me dediquei ao folclore angolano pela simples razão de pensar que ele devia ser divulgado.

— E agora?

— Agora penso continuar com o folclore sem pôr de parte a cançoneta.

VII Jornadas Farmacêuticas Portuguesas

Com uma sessão inaugural, presidida pelo sr. ministro das Corporações e Previdência Social, vão realizar-se, de 29 deste mês a 1 de Junho, na Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto, as VII Jornadas Farmacêuticas Portuguesas.

— O que pensa do actual momento artístico. Como o vê a artista Lilly Tchiumba?

— Sei lá o que penso! Está talvez, um pouquinho melhor. Mas continua a não se poder fazer uma vida profissional exclusiva, dado que o artista precisa de ter uma outra ocupação para sobreviver, ou, então, se é mulher e casada ser mantida pelo marido.

— Está satisfeita com aquilo que conseguiu até hoje, na sua carreira?

— De certo modo, embora no íntimo esperasse conseguir um pouco mais. Tenho encontrado algumas dificuldades que, contudo, não me fazem desanimar, antes pelo contrário.

— Até onde pensa poder ir na sua carreira?

— Sei lá... todos os dias estamos a aprender e a ver que nos falta qualquer coisa. Ambicionamos sempre mais, sempre que conseguimos obter o que primeiramente pensáramos. Até que ponto poderemos ir? Não é o Céu o limite?!

— Quando a veremos de novo na R.T.P.?

— Está a ver-me agora! O futuro... depende das condições...

— Projectos imediatos?

— Viajar com contratos. México, Estados Unidos, Itália, mais propriamente Milão onde vou inaugurar uma «bolite», Paris, Madrid e Angola.

— Óptimo.



ICING SUGAR

ADUÇAR ESPECIAL
PARA COBERTURA
DE BOLOS

Preparado pela
FARMACIA DO ULTRAMAR

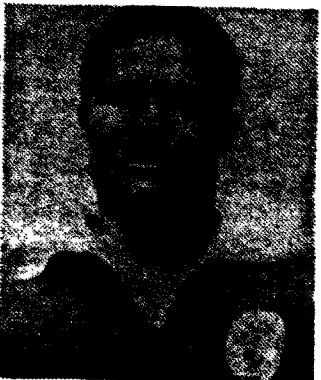
A. S. A., 2-BENFICA, 3

Melhor réplica dos «aviadores» no jogo de ontem à noite

LUANDA, 15 — (Serviço especial para o «Diário de Lisboa») — O Benfica voltou ontem a vencer o A.S.A., agora por 3-2, no encontro da segunda edição da eliminatória da «Taça de Portugal» que veio disputar em Angola.

No entanto, a partida de ontem teve uma feição diferente da anterior. Desprezando cautelas e temores, a turma luandense pôs em execução um futebol solto, atrevido, criando sérios embargos aos benfiquistas que experimentaram apreciáveis dificuldades durante largos períodos do jogo, para travar o acertado labor dos «aviadores». De tal modo este se fez sentir que Otto Glória fez

recuar José Augusto para a zona do meio campo em apoio a Coluna e a Toni.



Exatidão: mais dois golos contra o A. S. A.

No entanto, os benfiquistas, logicamente, constituíram a equipa mais adulta, esclarecida e intencional e as escapadas de Eusébio provocaram o pânico na defensiva adversária. Foi mesmo o moçambicano que marcou os dois primeiros golos da sua equipa, aos 22 e 75 minutos.

Sentindo a injustiça dessa desvantagem o A.S.A. reagiu e, aos 78 minutos, GARRIDO reduziu a diferença e seis minutos depois CRUZ aproveitou um desatendimento da defensiva concarnada e estabeleceu a igualdade. Porém, a dois minutos do final, o Benfica, por intermédio de JOSÉ AUGUSTO, obteve o golo que lhe deu a segunda vitória em Luanda.

Sob a arbitragem de Ismael Baltasar as duas equipas apresentaram:

A.S.A. — Carlos; Faria, Inguila, Garrido e Armindo; Valente e Sousa; Sabu, Gaspar, Juvenal e Dink.

BENFICA — José Henrique; Adolfo, Humberto Coelho, Zeca e Jacinto; Toni e Coluna; José Augusto, Eusébio, Torres e Simões.

Acontecimentos DE ONTEM

CICLISMO

Resultados verificados no festival que ontem à noite a A.C.S. promoveu no Estádio José Alvalade:

Eliminação para populares — 1.º, Rosário dos Santos, do Sporting; 2.º, Rui Santos, do C. A. T. de Loures.

Crítério para amadores — 1.º, Fernando Vieira, do Benfica; 2.º, António Martins, do Benfica.

Australiana para profissionais — 10 voltas — 1.º, equipa do Sporting (Manuel Correia, Emílio D'Onísio e Leonel Miranda), com o tempo de 5 m 59 s; 2.º, equipa do Benfica (Augusto Cardoso, Américo Silva e Fernando Mendes), com 6 m 9 s.

Perseguição para amadores — 5 voltas — 1.º, Benfica (António Martins, Fernando Vieira e Pedro Rodrigues), com 4 m 58 s; 2.º, Sporting (José Valentim, António Lopes e António Duarte), com 5 m 1 s.

1/2 Hora e Americana para profissionais — 1.º, equipa A do Sporting (Emílio D'Onísio e Leonel Miranda), 40 voltas; 2.º, equipa B do Benfica (Augusto Cardoso e Daniel

HÓQUEI EM PATINS UM FESTIVAL EM ILHAVO

Numa jornada de divulgação do hóquei em patins, a Associação de Patinagem de Aveiro, recentemente constituída, promove, no dia 24, no Pavilhão dos Desportos de Ilhavo, um desafio entre as selecções nacionais A e B daquela modalidade.

HOJE À NOITE

TÊNIS DE MESA — Taça de Portugal de seniores: Sporting-Paço de Arcos, na mesa da Recordação de Apolo, às 21 e 30.

Torneio Popular de Lisboa para seniores: Academia 1.º de Junho-Palmelas, Madre de Deus-Vitória e Caixa Económica-Cova da Moura, nas mesas dos primeiros, às 21 e 30.

Campeonato de Lisboa individual de 1.º, 2.º e 3.º séries, nas diversas mesas, às 21 e 30.

VOLEIBOL — Torneio Aberto Feminino de Lisboa: Benfica-C. D. U. L., às 19.15, na Jockey de Olinda.

Campeonato Nacional de I

Divisão (fase de Lisboa): União Sintrense-Lisboa Giniásio, em Sintra, às 22.

No Porto

BELHAR — Torneio do F. C. Porto — Jogos a partir das 21 e 15, na sala do Café Centa.

XADREZ — Torneio das Esperanças — Partidas na sede do Grupo de Xadrez do Porto, a partir das 21 horas.

DIVERSOS — Assembleia geral do Sagueiros — As 21 e 30, para eleição dos novos corpos gerentes, no Clube Feminino Português.

— Na Associação de Ténis de Mesa — As 22 horas, sessão do 2.º Torneio Popular.

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

OS JUNIORES DO BENFICA JOGAM HOJE EM FRANÇA

Já se encontra em França a equipa de juniores do Benfica que a partir de hoje e até depois de amanhã participará num torneio internacional que se realiza em Saint-Ouen.

Apostados como a principal atracção da competição os futebolistas do Benfica vão defrontar outras equipas de prestígio consolidado como a italiana do Cagliari, a do Racing, de Bruxelas e a jugoslava de Radnick.

A comitiva encarnada que tem sido alvo das maiores atenções quer dos organizadores do torneio como da numerosa colónia portuguesa é chefiada pelo dirigente Fausto Pires, e integra o treinador Artur dos Santos, o massagista Palhinhas e os jogadores Louro, Fernando, Leal, Lino, Martins, Nenê, Pinheiro, Centro Faria, Armando Vieira, Sá Gomes, Silva, Moraes, Olegário, Queirós, Raul Moreira, Baptista, Sarina e Roquete.

Verifica-se que os reservistas Pinheiro, Nenê e Vitor Martins foram integrados na caravana, uma vez que não puderam acompanhar a equipa os juniores Jacinto e Carolino, convocados para os trabalhos da selecção nacional da categoria que vai disputar em Leipzig, o torneio internacional da U. E. F. A.

Programa para esta noite:

As 20 h, Racing White-Olympique Lyonnais.

As 21 h, Andoniënne-Benfica.

As 22 h, Olympique Marselha-Radnick.

O programa de amanhã constitui uma autêntica maratona.

Senão veja-se:

As 10 h, Red Star-Olympique Lyonnais.

As 11 h, Cagliari-Racing White.

As 13 e 30 h, Olympique Marselha-Andoniënne.

(Continua na página seguinte)



O dr. José Maria Gaspar presidiu ao jantar de homenagem a Domingos Claudino. El-lo no meio da palavra, no decorrer da festa, que reuniu à volta do ex-director do Estádio da Luz mais de três centenas de benfiquistas e amigos

DOMINGOS CLAUDINO — RECONHECIMENTO BENFIQUISTA

Domingos Claudino, o homem que durante largos anos desempenhou as funções de director do Estádio da Luz, terá compreendido ontem, mais do que nunca,

que valeu a pena ter servido com tamanha dedicação e competência um clube como o Benfica.

Com efeito foram mais de três centenas de benfiquistas e amigos que num jantar, se reuniram em redor de Domingos Claudino para lhe testemunhar o apreço em que são tidas as suas altas qualidades de dirigente, de benfiquista e de homem.

Mas essa reunião teve sobretudo o mérito e o objectivo de exprimir a Domingos Claudino a mágoa dos benfiquistas em o verem afastado da direcção do parque desportivo do clube uma obra a que Domingos Claudino ficará sempre vinculado.

Uma verdadeira elite associou-se a esta homenagem. Figuras das mais destacadas no meio social do clube viam-se entre os assistentes. O prof. dr. José Maria Gaspar presidia à mesa de honra, onde se encontravam também a sua direita Domingos Claudino, a esposa do prof. José Maria Gaspar, dr. Paulino Gomes Junior, a esposa do sr. dr. Fezas Vital, José Ferreira Queimado, a esposa de António Fer-

reira, Artur Agostinho, a esposa do dr. Olindo Figueiredo e António Ferreira. A esquadra do presidente da mesa sentavam-se a esposa de Domingos Claudino, dr. António Catarino Duarte, a esposa do dr. Paulino Gomes Junior, dr. Fezas Vital, a esposa de Fernando Martins, major Baptista Rosa, a esposa do eng.º Martins Dias, Fernando Martins e Gilberto Cardoso.

Depois de Gilberto Cardoso, a convite do presidente da mesa, ter procedido à leitura dos numerosos telegramas de destacadas figuras do desporto nacional alguns dos quais foram particularmente saudados com fortes aplausos como o dr. Joaquim Ferreira Bogalho e Pinheiro Machado. Artur Agostinho iniciou a série de discursos falando em nome da Imprensa e Rádio. Seguiram-se-lhe no uso da palavra os drs. Fezas Vital e António Catarino Duarte, sendo todos os oradores unânimes na sua estranheza pelo afastamento de Domingos Claudino, da direcção do Estádio da Luz.

Em nome da Comissão Organizadora da homenagem o dr. Paulino Gomes Junior depois de «incendiá-la» a assistência com as labaredas vivas do seu benfiquismo, pediu a Gilberto Cardoso para que lesse uma carta recebida do dr. José Magalhães Godinho, fazendo em seguida o elogio do homenageado.

E por fim agradeceu Domingos Claudino visivelmente emocionado como era natural e sempre dentro da sua modéstia habitual, Domingos Claudino considerou aquela festa como «do Benfica», fazendo um apelo para a unidade clubista.

O prof. dr. José Maria Gaspar, encerrou a homenagem observando-se então um longo desfile dos presentes para abraçar Domingos Claudino, um exemplo de benfiquismo.

Reunião do Congresso da F. P. Basquetebol

Para apreciar, discutir e votar os recursos interpostos pelo Belenense e pela Associação Académica de Coimbra, reúne-se extraordinariamente no dia 17, às 16 horas, o Congresso da Federação Portuguesa de Basquetebol.

INICIATIVA DO SPORTING

MINIBASQUETE PARA OS «MIÚDOS» DE LISBOA

Através da sua secção de basquetebol, o Sporting vai organizar o «1.º Torneio de Lisboa de Minibasquet», cujos jogos vão disputar-se no Pavilhão da Tapada da Ajuda nos dias 24, 25 e 31 de Maio e 1, 7 e 8 de Junho.

O torneio em que poderão participar jovens dos 8 aos 12 anos será disputado por dezasseis equipas em representação de diversos clubes, escolas e colégios. Em cada jornada efectuar-se-ão simultaneamente quatro desafios.

As equipas concorrentes serão agrupadas em quatro séries na fase preliminar. Depois e segundo as classificações serão constituídas novas séries com os primeiros, segundos, terceiros e quartos classificados. Daqui sairá a classificação final até ao 16.º participante.

Se no final de cada encontro se verificar uma igualdade no resultado, realizar-se-á um prolongamento de dois minutos (depois de um minuto de intervalo, sem mudança de campo).

Feliz iniciativa esta do Sporting que pode constituir o despertar de Lisboa por uma modalidade que em Coimbra e Porto

tem vindo a desfrutar o maior entusiasmo. E ainda que sem optimismos exagerados pode aceitar-se que o torneio de minibasquete do Sporting pode até vir a ser o prólogo de uma nova era do basquetebol português embora, nesse sentido, os frutos do empreendimento só venham o ser colhidos a longo prazo, o que pode excitar os impacientes, aqueles para quem apenas interessam os resultados imediatos, os que vivem apenas para os desportivos sem cuidar do aspecto social da criança e da sua formação desportiva-educacional, afinal o propósito primário do minibasquete e reflexamente do clube organizador.

De qualquer modo, porém, o nosso inteiro aplauso para a iniciativa do Sporting que bem merece vir a ser fortemente apoiada (no sector económico) pelas entidades oficiais. Estas atitudes é que constituem o autêntico fomento desportivo e bem necessitam da tranquilidade financeira para uma garantia de continuidade. E para que outras colectividades mesmo mais modestas possam seguir o exemplo do Sporting.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O CONCURSO HÍPICO INTERNACIONAL E OFICIAL DE ESPANHA

Impressões de um concorrente

BARCELONA — Não posso deixar de confessar que foi com a maior expectativa que, integrado na equipa portuguesa, e após quatro anos de ausência destas certames, cheguei a Barcelona para participar neste Concurso Hípico Oficial de Espanha.

E é já do Real Club de Pólo, de Barcelona, onde terá lugar o concurso, que transmiro para o «Diário de Lisboa» estas «Impres-

sões de um concorrente» do D'Oróla, do Brasil — Nelson, do Peru, e numerosos espanhóis.

E, ainda, evidente que para esse mesmo sucesso muito vai contribuir a presença das grandes «cracks» olímpicas do México, como «Nagiri», agora com Nelson Pessoa, «Rush du Camp», «Rocket», «Quo Vadis», «Enig», etc.

E os nomes sonantes dum Winkler, dum D'Oróla, dum David Broom, dum Janau Lefebvre, dum Nelson Pessoa, dum Rosier a juntar a outros, talvez não destra cravella, mas da primeira plana mundial como Merkel (Alemanha),

Martinez de Vallejo, Schmidt, Bebarques, Queipo de Llano, etc., emprestam, «a priori», ao C.H.I.O. a garantia de provas de muito nível e de grande competição.

Os cavalos e os «cavallitos» da equipa portuguesa chegaram na sua generalidade bem.

Só «Ofir», com muita tosse, e «Luculus», a queixar-se da perna esquerda, parecem oferecer um pouco de cuidado.

E durante uma semana vamos ver saltar, nesta maravilhosa pista, 103 cavalos de sete países e Mundol!!!



O cap. Vasco Ramires foi o primeiro português a inscrever o seu nome na lista dos vencedores do C. H. I. O. de Barcelona

Especial para
«Diário de Lisboa»,
pelo major
JORGE MATHIAS

«Impressões de um concorrente» no intuito de permitir que todos os que, com maior ou menor paixão e interesse, acompanham a actividade hípica do Mundo possam viver melhor este C.H.I.O., em geral, e a participação portuguesa, em especial.

Julgo interessante dar uma curta idela sobre este maravilhoso clube.

Com cerca de 5200 sócios, este clube de um campo de provas oficiais, com respectivo campo anexo de aquecimento, um campo de treinos e provas particulares, um magnífico picadeiro, cerca de duas centenas de «boxos», corredores de obstáculos e, ainda, um maravilhoso campo de pólo. Esta a visão hípica.

Mas... há muito sócio que não é cavaleiro. Pois para esses o Real Club de Pólo dispõe de duas esplêndidas piscinas, vinte e tal «cours» de ténis e quatro campos de hóquei em campo.

No centro de todas estas instalações a sede, com as mais diversas salas e salões, restaurante, bares, escritórios, instalações próprias ao serviço das piscinas e balneários para os praticantes dos restantes desportos.

Com jardins primorosamente tratados, podemos bem dizer que este clube consubstancia os sonhos dos sócios da nossa S.H.P.

☆

Quer a Federação Equestre Espanhola, quer o próprio Real Club de Pólo, procuraram imprimir a este C.H.I.O. dignidade e grandiosidade.

Meticulosamente organizado nos mais ínfimos pormenores, rodeado de bela propaganda, julgo não restarem dúvidas a ninguém de que o C.H.I.O. deverá vir a constituir um sucesso.

E é evidente que para ele muita vão contribuir a presença das equipas da França, Inglaterra, Alemanha, Espanha e Portugal e, ainda, a de cavaleiros individuais da França — entre

O V. SETÚBAL NA CALIFÓRNIA

FERNANDO VAZ: «Um torneio importante, para confronto com adversários de muito valor»

Parte amanhã para os Estados Unidos da América a equipa de futebol do Vitória de Setúbal que na Califórnia vai disputar um torneio quadrangular em que também participam o Dukla, de Praga, o Albion e o California Clipper.

Com o entusiasmo de sempre o treinador do Vitória, Fernando Vaz falou-nos desta digressão, em que pela última vez acompanhará a equipa setubalense numa deslocação ao estrangeiro, uma vez que, como se sabe, irá dirigir na próxima época as equipas do Sporting. Porém, profissional probo e consciente, Fernando Vaz vive mais este acontecimento com o mesmo fervor de outros que conduziram a turma do Vitória à posição que alcançou no plano internacional.

— O convite feito ao Vitória é uma consequência do prestígio de que a equipa desfruta no estrangeiro — disse-nos o técnico setubalense —, prestígio que vamos defender num torneio importante, para confronto com adversários de muito valor.

E Fernando Vaz prosseguiu:

— Os americanos estão a fazer mais uma tentativa para definitivamente implantarem o futebol no seu país. E esta equipa do California Clipper é das que mais tem procurado desenvolver o futebol na América e constituem um excelente grupo com futebolistas jugoslavos, checos, argentinos e brasileiros.

Quais as vantagens do Vitória em participar nessas competições?

— Para além dos interes-

ses económicos todos estes contactos contribuem para a valorização dos jogadores do Vitória. Digolhes mesmo o que o nosso futebol necessita cada vez mais destes confrontos. Só assim se podem abrir os olhos para as realidades do futebol actual. Lá fora, em despiques com equipas de outros estilos também se aprende. Atribuo grande interesse a estes jogos e digolhe até que foi graças a eles que o Vitória se personallizou como equipa de nível europeu. Foram-nos muito úteis, por exemplo, os sucessivos desafios que travámos o ano passado com o Bolonha, também na América. E acrescentou: Isso, pode crer, ajudou-nos a eliminar o Fiorentina, na Taça da Cidades com Feira.

Fernando Pedrosa
chefe da comitiva

Entretanto está já constituída a comitiva que se deslocará à América do Norte e que será chefiada por Fernando Pedrosa, integrando também o dr. Aníbal Pescadilha, provável presidente do futuro elenco directivo do Vitória de Setúbal. Além destes dirigentes seguem também, o secretário-geral Tavares da Silva, o massagista José de Lima e os jogadores Vital, Torres, Conceição, Carriço, Cardoso, Alfredo, Herculano José Maria, Wagner, Guerreiro, Figueiredo, Arcanjo, Jacinto João, Rebelo e Armando. Estes dois últimos

substituem Tomé e Petita convocados para os trabalhos da selecção. Existem também dificuldades quanto à deslocação de Vitor Baptista que poderá ser substituído por José Mendes.

Um médico português
para o Vitória

Por intermédio de Tito, antigo futebolista do Belenense e da Académica, foi comunicado ao Vitória de Setúbal a oferta do dr. Mário Madeira, um médico português há longo tempo radicado em S. Francisco, para prestar, graciosamente, assistência clínica aos jogadores setubalenses durante a sua estada na América. O convite, que foi aceite pela direcção do Vitória, vem comprovar o interesse despertado na colónia portuguesa de S. Francisco por esta deslocação da turma de Setúbal.

HOMENAGEM
DO SPORTING
À SUA EQUIPA
DE ANDEBOL

O Sporting Clube de Portugal promove no dia 20 um jantar de homenagem à sua equipa de andebol de sete que conquistou o título de campeão nacional da modalidade.

As inscrições para aquele jantar podem ser feitas na sede do clube.

TENIS

O BRASIL
VENCEU (3-2)
A COLÓMBIA

BOGOTA, 15 — (A. N. I.) — O Brasil qualificou-se para a final da zona sul-americana da «Taça Davis» em ténis, ao vencer a Colômbia por 3-2.

O brasileiro Thomas Koch obteve o ponto da vitória ao vencer o colombiano William Alvarez por 6-2, 7-5 e 6-2. O colombiano Jairo Velasco venceu Edison Mandarino por 6-2, 6-1 e 6-3.

O Brasil vai defrontar na final, que se efectua no Rio de Janeiro, o vencedor do encontro Equador-Chile.

O 49.º aniversário
do Naval Setubalense

Integrado nas comemorações do 49.º aniversário do Clube Naval Setubalense, realiza-se no dia 17 no pavilhão daquele clube um sarau de ginástica.

Participam as classes femininas do I. N. E. F., que se exhibirão em danças folclóricas e ginástica rítmica, e os alunos do Colégio Militar.

Do programa das festividades consta ainda a apresentação das classes de Judo do Naval Setubalense que se efectuará no dia 24 e onde se exhibirão os melhores «judocas» portugueses e o mestre japonês Kobayasky.

Os juniores do Benfica

(Cont. da página anterior)

As 14 e 30 h, Benfica-Radnik.

As 15 e 30 h, Racing-White-Red Star.

As 16 e 30 h, Olympique Lyonnais-Cagliari.

A noite, no terreno de honra, a partir das 20 horas: exhibição de «majorettes» e apresentação das oito equipas, seguindo-se os encontros Andoniëne-Radnick e Benfica-Olympique de Marselha.

Depois de amanhã, à tarde, em desafios de 60 minutos jogar-se-á para o 5.º e 6.º lugares e para o 7.º e 8.º. À noite, no «relvado», jogar-se-á para o 3.º e 4.º lugares e, a fechar, a final — estes no tempo regulamentar de 40 minutos.

Suíça, 0-Roménia, 1

LAUSANA, 15 — A Roménia venceu, ontem, a Suíça, num jogo de apuramento do grupo 1 das eliminatórias para o campeonato mundial de futebol. O resultado foi de 1-0 — gol marcado pelo defesa suíço Michaud, na própria baliza.

A pontuação é a seguinte: Roménia, 5 pontos; Suíça e Grécia, 4; Portugal, 3.

Granada, 2-Leixões, 0

GRANADA, 15 — Num encontro particular, disputado nesta cidade, em que um misto do Granada teve por adversário o Leixões, os gra-

Torneio de ginástica no «Náutico» de Vila Real de Santo António

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 15 — O Clube Náutico do Guadiana realiza no dia 17, pelas 21 horas, no salão de festas do Lusitano Futebol Clube, um «Torneio de Ginástica Desportiva», sob o patrocínio da Federação de Ginástica e com a colaboração do Ginásio Clube Português.

Este «Torneio» está a despertar muito interesse entre a população desportiva desta vila e do Algarve.

No próximo dia 23 deste mês efectua-se um jantar de confraternização e homenagem aos atletas do Clube Náutico do Guadiana, que este ano alcançaram altas classificações nos campeonatos nacionais de ginástica.

As inscrições estão abertas na sede do Clube Náutico.

VELA

CAMPEONATO DO CENTRO DA CLASSE MOTH

VILA FRANCA DE XIRA, 15 — Organizado pelo União Desportiva Vila-franquense, realizam-se nos dias 18 de Maio e 1 de Junho, no estuário do Rio Tejo, nesta vila, provas de vela para o Campeonato Regional do Centro, da classe internacional «moth».

nadinos venceram por 2-0, com golos de Lora e Carmelo.

TORNEIO DE ANDEBOL EM ALGÉS

Organizado pela Liga de Melhoramentos e Recreios de Algés, disputa-se no dia 17, naquela agremiação, um torneio de andebol de sete, em que participam as equipas do Benfica, Belenenses, Vendedores de Jornais, Santa Catarina, Madre de Deus e do Clube organizador.

UM PARQUE DE CAMPISMO EM ILHAVO

ILHAVO, 15. — O parque de Campismo da Barra, situado junto do mar e de encantadora ria de Aveiro, vai ser, finalmente, construído.

Com efeito, o sr. eng.º João Fonseca, presidente da direcção do Ilhavo Clube, esteve recentemente em Lisboa, na Federação de Campismo e obteve um subsídio de 30 contos para as obras do referido parque. Por outro lado, a obra tem o apoio da Câmara Municipal que cedeu os terrenos e, ainda, do Governo Civil.

O NORTE
RESISTENTE

NA EDIÇÃO DE HOJE

- ★ Tudo sobre o novo FIAT 125 experimentado em Turim por um enviado-especial
- ★ Jacinto João não sai do Vitória de Setúbal
- ★ Fernando Vaz em 1 de Junho no Sporting
- ★ Benfica desinteressa-se de Artur Jorge

Conta Juventude

BANCO DO ALENTEJO

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje

BOA NOITE SENHORA CAMPBELL — São Jorge
NADA DE ROSAS PARA O. S. S. 117 — Politeama

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153
HOJE, às 21.30

ESTREIA

BOA NOITE
SENHORA CAMPBELL
com GINA LOLLORIGIDA
As 15, 18.15 — MAYERLING
(17 anos)

IMPERIO

(M. 12 anos) Tel. 555124
4.ª E ÚLTIMA SEMANAAs 15.15 e 21.30
75 m/m Monocolor
Vencedor do Oscar para
o melhor filme estrangeiro
do ano

NATASHA

2.ª edição de «Guerra e Paz»

ESTUDIO

(M. 12 anos) Tel. 555124
As 15.30, 18.30 e 21.45

8.ª SEMANA

Technicolor — Techniscope

CHARLY

Um filme de Ralph Nelson
com CUBA Gooding e Claire
Bloom

EUROPA

(Adultos) Tel. 661916
As 15.15 e 21.30

Technicolor — 5.ª SEMANA

O maior filme policial das últi-

mas vistas anos

STEVE McQUEEN e

BULLITT

Você jamais o esquecerá!

EDEN

(Adultos) Tel. 529786
As 15.15, 18.30 e 21.45

a/ James Coburn, James Mason

e James Fox

UMA INCOGNITA
CHAMADA DUFFY

Duffy é um homem especial

Duffy é um homem estranho

CONDES

Tel. 22523 226718
As 15.15 e 21.15

9.ª SEMANA TRIUNFAL

do filme mais desejado

de sempre

E TUDO O VENTO

LEVOU

com Clark Gable e Vivien Leigh

75 m/m Technicolor

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50586
As 3 da tarde (p. red.)

e 8.30 da noite

5.ª SEMANA

Alain Delon, Romy Schneider

e Maurice Ronet em

A PISCINA

Um filme de Jacques Deray

VOX

(Adultos) Tel. 720008
As 18.30 e 21.00

4.ª SEMANA do grande êxito

Stimmo Signoret, James Cagney

e Katharine Hepburn num filme

que entra pela fantástica, en-

de o normal terra as propor-

ções do bizarro...

JOGOS PERIGOSOS

Cinemascope-Technicolor

Av. Frei Miguel Centelmas

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 385743
As 18.15, 18.15 e 21.30

George Peppard e Raymond

Burr numa história vivida com

servos do espó

UMA NOVA CARA

NO INFERNO

SCOPE COL.

Meios: FIDIAS

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 21.45

Uma história vivida com

nervos do espó

UMA NOVA CARA

NO INFERNO

com George Peppard — Gamle

Hannicutt — Raymond Burr

TECHNICOLOR

LIDO

Praça D. João I — Amadora
(M. 17 anos) Tel. 927593
As 21.30 h.

Mais uma louca aventura de

«Matt Helm» com perigosas

beldades!

UM PERIGO

EM CADA CURVA

com Dean Martin — Elke Sommer

— Nancy Kwan

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45823
As 21 horas

24 HORAS DA VIDA DE

UMA MULHER

O TIGRE PERFUMASE

COM DINAMITE

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 326385
HOJE, às 21.30 — ESTREIA

UM SENSACIONAL FILME

DE MISTÉRIO, «SUSPENSE»

E AÇÃO EXPLOSIVA

NADA DE ROSAS

PARA O. S. S. 117

com John Gavin e Margaret Lee

(Technicolor)

HOJE, às 18.30 — SESSÃO

CLÁSSICA

(M. 17 anos)

MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555131
8.ª SEMANA

As 15 e 21.30

FUNNY GIRL

Uma rapariga endiabrada

com Barbra Streisand e Omar

Shariff

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
Technicolor

As 18.15, 18.15 e 21.30

Uma comédia transparente-

mente íntima e escandalosa-

mente feliz!

A FELICIDADE

DA SR.ª BLOSSOM

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763000
As 15.45 e 21.45 (Technicolor)

A FELICIDADE

DA SR.ª BLOSSOM

Uma comédia transparente-

mente íntima e escan-

dalosamente feliz!

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 67163
As 15.30 e 21.45

2.ª SEMANA

002 CONTRA

AL CAPONE

Techniscope — Technicolor

com Franco Franchi, Clodio

Ingramis e Moira Orfei

CASINO

(M. 17 anos) Tel. 269729
As 17 e 21.30

O BOM, O MAU

E O VILÃO

com Clint Eastwood, Lee Van

Clief, EM WALLICH e Aldo

Blasini

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 18.30 e 21.00

3.ª SEMANA

Emigrantes portugueses

O SALTO

com Marco Pico

e Ludmila Mikael

Realização de Christian

de Chalegus

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

EM 3.ª SEMANA

DE ENCHENTES

UM ÊXITO SENSACIONAL

DE CONSTANTE GARGA-

LHADA

BONANÇA & C.

com Eugénio Salvador, Nicolas

Breyner, Mariana e outros con-

sagrados artistas

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 616375
As 21.30

CHAMPANHE

ESCANDALOSO

com Anthony Perkins, Mau-

rice Ronet e Yvonne Furneaux

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 h.

QUEDA MORTAL

O DESPERTAR DO AMOR

CHIADO

TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917
As 21.30

A LENDA DE UMA

ESTRELA

SETE MULHERES

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno C

AJUDA — Moura, Trav. da Ma-

mória, 55 (630944) e Bietlar,

Rua D. João de Castro, 27-B

(638824)

ALCANTARA — Belém, R. Prior

do Croto, 25 (13214).

ALMIRANTE REIS — Conflange,

Av. Almirante Reis, 46 (42453)

ALVALADE — 28, Av. do Povo,

9-D 711780) e Roma, Av. de

Roma, 85-B (774666) e S. João

de Deus, R. Pedro Ivo, -A-8

(725140).

AMOREIRAS — Britânica, Trav.

Linha da Póvoa, 5-B (689250)

AREIRO — Encarnação, Av. Padre

Marcelo da Nóbrega, 5-A e 5-B

(727300) e Imperial, Av. Gu-

ber, Antiquário, 30-B (726800)

AVENIDAS NOVAS — Alcantara,

Av. da República, 74-A (771879)

e Vale, Av. Marquês de Tamar,

45-49 (773043) e Belva, Av.

Duque de Avila, 125 (45225) e

S. Sebastião, Largo de S. Sebastião

do Pedreiro, 1-9 (48642)

BAIRRO DA ENCARNÇÃO —

Assessor, R. 27 n.º 4 (31126)

BAIXA — Fernandes, R. de S. Jo-

ão, 187 (326476) e Azevedo,

Filho, Pr. de D. Pedro IV, 8

(327478)

BENFICA — União, Est. de Ben-

fica, 592-994 (700092) e Ale-

gre, Est. de Benfca, 180-A-8

(780511).

CAMPO DE OURIQUE — Lobos, R.

de Infante, 6, 96-B (68807)

e União, R. Saraca de Carve-

lho, 119 (663643).

CAMPOLIDE — S. Estoril, Rua 8,

75-A, R. Bairro da Liberdade

(663644) e P. de Campolide,

11 (662610).

COMDE REDONDO — Santa Mar-

tina, Rua Santa Martina, 25

(553468)

ESTRELA — André Ribeiro, Av.

Infante Santa, 66-B (669771).

ESTEFÂNIA — Mundial, L. D. Es-

tefânia, 9 (45578)

GRACA — Ziller, R. de S. Tomé,

54-56 (862835).

LUMIAR — Central do Lumiar, R.

do Lumiar, 77 (790480) e Ba-

rão, Alameda das Lúrias de Torres,

93-A-8 (791121).

MARRAGÃO — Eduardo A. César,

R. das Trinas, 102 (663631).

OLIVAS — Oliveira, R. Alves, Gu-

ber, 9 (31727).

POMBA DE PRAGA — Central,

de Pombal, R. Pombal de França,

56-60 (892425) e Vilela, R.

Marcelo Soares, 66-A (84801).

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

TRINDADE — As 21 e 30: (Ópera
«Bodas de Figaro»).

CAPITÓLIO — As 2 e 45: «A

estrela facetada» (17 anos).

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e

da 23. «Mãos de obra» (7 anos).

CASA DA COMÉDIA — As 22:

«Dança da Morte» (17 anos).

VARIEDADES — As 21 e 45: «A

Rainha do Ferro Velho» (17

anos).

CINEMAS

CINEARTE — As 21: «Grande pró-

prio» (12 anos).

PARIS — As 21: «Terra e os

irmãos da Selva» (12 anos).

ROYAL — As 21: «O Justiciero de

Rugova» (12 anos).

ARCO IRIS — As 21: «As duas

fases do perigo» (12 anos).

JARDIM — As 21: «O regresso de

um ídolo» (17 anos).

OLIMPIA — As 19: «Bolas em

rota» (17 anos).

CINE-MOSCAVIDE — As 21: «Lo-

drão roubado» (12 anos).

CINE-ORIENTE — As 21: «Amor

e servidão» (12 anos).

SPORT L. BENFICA — As 21 e 15:

«As idades do amor» (17 anos).

UNIVERSAL — As 21: «O Rei dos

Deuses» (17 anos).

ENCARNAÇÃO — As 21: «A 11.ª

Batata» (17 anos).

BOMBEIROS V. LOURES — As 21

e 30: «O Rei dos Doidos» (17

anos).

IDEAL — As 21: «Um rosto é

chuva» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGES — STADIUM — As 21 e

30: «Um campeão em apuros»

(12 anos).

PAREDE — ROYAL-CINE — As

21: «Chuvasco» (12 anos).

ESTORIL — CASINO — As 17 e

da 21 e 30: «O bom, o mau e

o vilão» (17 anos).

PLANADA — As 21 e 30: «Ani-

encontro cigano feliz» (17

anos).

CASCAIS — S. José — As 21 e

30: «As diabólicas» (17 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21

e 15: «A cruz de ferro» (17

anos).

ACADEMIA — As 21 e

15

DIÁRIO de Lisboa



Propriedade de
Renaissance Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

UMA BOA MEMÓRIA E UM CARRO JÁ VELHO

O tempo

**INFORMAÇÃO
DO SERVIÇO
METEOROLÓGICO
NACIONAL**

**TEMPERATURAS EXTREMAS
OBSERVADAS NA REDE NA-
CIONAL DO CONTINENTE
ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE—**
Máxima: Ponta da Moura: 23,5;
mínima: Ponta da Moura: 18;
no topo do mar: 17.

**TEMPERATURAS OBSERVA-
DAS, ÀS 9 HORAS, NA COS-
TA DO SOL—**Na algarvia:
18; no topo do mar: 17.

**PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 HORAS
DE AMANHÃ**

Períodos de céu muito nu-
bado nas regiões do Norte
e geralmente pouco nublado
nas restantes regiões. Vento
fraco.



Amãhã
Nascer às 06 e 24
Oeste às 20 e 43



Amãhã Dia 24 Dia 31 Dia 7

MARÉS:

PRÉIA-MAR: Dia 15 — 3 e
32 (3,9 m); 15 e 53 (4,0 m);
Dia 16 — 4 e 13 (3,9 m);
16 e 30 (4,0 m); Dia 17 —
4 e 31 (3,8 m); 17 e 06 (3,9
m). **BAIXA-MAR:** Dia 15 —
9 e 20 (1,0 m); 21 e 40 (1,0
m); Dia 16 — 9 e 31 (1,0 m);
22 e 15 (1,0 m); Dia 17 —
10 e 23 (1,0 m); 22 e 46
(1,0 m).

Em ALMADA o «DIÁRIO
DE LISBOA» é vendido por
Amadeu & Veríssimo, Praça da
Restauração, 12.

— ARMAS DO MAIOR DETECTIVE DE CARROS ROUBADOS

Um antigo marçano é agora o terror máximo dos crátes-
de automóveis: é ele Isidoro Francisco Lima Guerreiro,
guarda da P. S. P. O ano passado recuperou 166 carros
roubados e dos escassos meses que este ano leva, já tem
mais 56 veículos no seu activo de captor de ladrões da
especialidade. Isidoro Guerreiro, nascido há 32 anos, em
Almodôvar (onde o Alentejo
começa a fazer-se Algarve),
continua a bem merecer o
sobrenome de guarda de boa
memória.

Está na Polícia há oito
anos e há já muito tempo
que se tornou notória a sua
especial aptidão para desco-
brir, entre o carrossel de mi-
lhares de carros que cir-

culam na cidade, aqueles que
foram subtraídos aos res-
pectivos donos.

— Não tenho nenhum se-
gredo — diz-nos — Faço a
«colcha» por partes: numa
lista composta a partir dos
numeros comunicados à Po-
lícia, coloco de um lado as
marcas e do outro as matrí-

ro conhece bem todas as
marcas (e respectivos mode-
los) em circulação. Isso e o
facto de fixar igualmente a
área em que desapareceu
cada carro roubado são fac-
tores de grande importância
para o êxito das suas pes-
quisas.

Conta um caso recente:

— Um sr. coronel a quem
tinha desaparecido o carro,
ao mesmo tempo que parti-
cipou o roubo à Polícia, co-
municou-me também a mim,
talvez porque já conhecia o
meu jeito para detective
nestes casos. A matrícula do
carro (um Cortina GT) era
DF-38-09. Também sabia a
marca e o local em que fora
furtado. Um belo dia vou na
Estrada de Benfica e, ao pé
dum restaurante, vejo um
homem e uma senhora a en-
trar para um carro igual ao

roubado, mas com a matrí-
cula ligeiramente diferente:
FD-38-09. Aquilo fez-me es-
pécie, tanto mais que de re-
pente me lembrei de que na
véspera tinha visto exatame-
mente aquela matrícula num
carro de outra marca — um
Renault.

O carro tinha sido rouba-
do quinze dias antes e o la-
drão, que já havia percor-
rido cinco mil quilómetros
com ele, ficou de tal modo
atrapalhado que deu uma
grande pancada, ao fazer
marcha atrás. Não foi difícil
prender os gatinhos.

Perseguição e tiros

Centenas de carros (nem
sabe exactamente quantos)
recuperou já o guarda da
boa memória. Do primeiro,
isso é que já não se recor-
da: — Já foi há tanto tem-
po!

No dia 10 de Fevereiro ul-
timo, voltou a vir nos jo-
rnais, em consequência da
movimentada perseguição
que moveu a um cadastrado
que surpreendeu na Rua
Alexandre Herculano e só
conseguiu deter no Campo
Grande, depois de sobre ele
ter disparado alguns tiros.

— Ele estava com libe-
dade vigiada e apanhou mais
três anos e seis meses...

Outro caso curioso foi o
de um «boca de sapo» de
matrícula francesa que des-
cobriu, também na Estrada
de Benfica.

— Foi em Dezembro. O
carro tinha sido roubado na
véspera: era um caso ainda
fresco. Vou atrás dele e o
condutor, sentindo-se perse-
guido, quis despistar-me nas
matas de Monsanto, mas aca-
bou por se perder e foi dar
a uma certa rua, onde parou.
Depois, queria convencer-me
de que era mecânico de te-
levisão e ia fazer um con-
serto a casa de um cliente...

E em jeito de parêntesis:
— O meu comandante an-
da com vontade de me colo-
car num carro particular, a
andar aí pela cidade...

Saudades de serraiheiro

Ainda moço, em Almodô-
var, já o futuro guarda Isi-

doro Guerreiro mostrava
tendência para as mecani-
cas.

— Lá em casa havia um
tractor e eu entretinha-me
com ele. Se tivesse podido
estudar (se o meu pai não
tem morrido...) seria talvez
serraiheiro mecânico ou até
sa parecida. Agora, casado e
com uma filha, já não tenho
paciência para estudar.

Há, na Polícia, uma exten-
sa lista de carros roubados,
que todos os elementos da
corporação (especialmente os
sinaleiros) devem trazer e
conferir. O guarda da boa
memória faz jus ao sobrenome
e sabe-a quase inteira-
mente de cor. É mais: pela
matrícula identifica a mar-
ca e a cor de cada um dos
carros.

— Esse GD-91-55 é um car-
ro de 1958: um «Opel» cin-
zento... Aquela, CI-69-28, é
um A35 cinzento...

Quem tanto lida com car-
ros desaparecidos, terá, tal-
vez mais recado de ser rou-
bado. Ou talvez não:

— Só tenho um «800» mu-
lto velho, de 1960. Não me
roubaram porque não presta...



Realiza-se esta noite a conferência do arq. Franchetti Pardo

A convite do Instituto Italiano
de Cultura e do Sindicato Na-
cional dos Arquitectos, encontra-
se em Portugal, para proferir
uma conferência o arquitecto ita-
liano Vittorio Franchetti Pardo,
professor da Faculdade de Flo-
rença e do Instituto Superior de
Desenho Industrial da mesma
cidade.

Já ontem nos referimos ao
acontecimento que está a des-
pertar muito interesse nos meios
ligados à Arquitectura em Por-
tugal. Todavia, por lapso, indi-
cámos erradamente a data da
conferência subordinada ao tema
«Arquitectura dos ultimos dez
anos». Rectificamos, por isso: a
conferência realiza-se esta noite,
às 21 e 30, na S. N. B. A., à
Rua Barata Salgueiro.

GINCANA

Promovida pelos alunos
finalistas do Instituto de
Estudos Superiores de Évora,
realiza-se, naquela cida-
de, no dia 18, uma gincana
de perfoia automóvel, que
está a despertar o maior en-
tusiasmo e para a qual fo-
ram instituídas várias taças
e troféus.

culas. Além disso, os mais
recentes ficam à frente. De-
pois é fácil...
O guarda Isidoro Guerreiro

M/6 ANOS



**CAMPEÃO
PEQUENO**

Tels.: 771819, 761539 3.

DOMINGO, 18 DE MAIO AS 17 HORAS GRANDIOSO FESTIVAL LUSO-ESPANHOL

HOMENAGEM AO BANDARILHEIRO
FRANCISCO COSTA

CAVALEIROS

**R. TELLES — F. A. SALGUEIRO
FREDERICO CUNHA**

ESPADAS

**SIMÕES — AMADEU
P. PALLARES — VICTOR MARTIN**

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
COMANDADOS POR RHODES SIMÃO

7 TOIROS GENTILMENTE OFERECIDOS PELOS CAMARTEIROS,
ENR. ANTONIO J. TEIXEIRA, CORLINO CAPAZ, D. MARIA
MANUELA SALGUEIRO E JOSE LICO

BANCÁRIOS DISCUTEM O CONTRATO DE TRABALHO

Hoje, às 20 e 30, na sede da Sociedade «A Voz
do Operário», realiza-se a assembleia geral ex-
traordinária do Sindicato Nacional dos Em-
pregados Bancários do Distrito de Lisboa, com a
seguinte ordem de trabalhos: informações; con-
trato colectivo de trabalho — análise de crítica
e apuramento de sugestões com vista à sua even-
tual revisão.

Esta assembleia está a despertar grande inter-
esse na classe, em vista da importância dos tra-
balhos a apresentar.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

QUINTA-FEIRA DA ESPIGA

A cidade acordou ho-
je envolta no azul lumi-
noso, risonha e florida,
rescendendo à flores sil-
vestres e verduras bra-
vias. Reaviva, assim, as
suas nostalgias campe-
stres, do tempo em que,
neste dia, se despojava a
caminho das hortas e
dos recintos arrabaldi-
nos onde celebrava, num
risonho e galhofeiro
pantefismo, o dia tradi-
cional de Quinta-feira
da Ascensão, ou Quin-
ta-feira da Espiga, ao gos-
to popular.

O ramo característico,
de sugestão pagã, ofere-
ciam-nos, logo de ma-
nhã, quase a cada esqui-
na, nas ruas por onde
colei, a caminho da
faina quotidiana, o ata-
refado forquilha hu-
mano, estendiam-nos, as
vendes de deiras, algumas
vindas do arrabalde, tão
graciosas, com seu belo
palminho de cara, «bra-
ços roliços, ancas redon-
das e o peito de ondas»
— assim celebradas pe-
lo enamorado poeta na
sua cávida e tão cávida e
sedutora formosura.

Rubras papoilas estu-
lando de cor, branco e
ouro de malmequeres e
margaridas enfeitando o
molho víçoso com o olo-
rante rosmaninho, as
flores de oliveira, as es-
pigas de trigo — o ramo
simbolizando a esulta-
ção da terra fecunda
que se desentranha em
frutos.

O ramo de Quinta-fei-
ra da Espiga traduz as-
sim esperanças e an-
seios sempre renovados
de fartura no apafeto e
alegria na vida — espiga
alegria que quer sempre
tiver sempre em todas
as almas e verdades
fútils primaveris.

SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

N.º 582/15 DE MAIO DE 1969



Extractos de
**SOUL
ON ICE**

«best-seller» de
**Eldridge
Cleaver**

(Páginas centrais)



JEAN CAYROL, lazare en sursis

por Alcides de Campos

NATURAL DE BORDEUS onde estudou Letras e Direito, Jean Cayrol, conselheiro literário das edições du Seuil (dirige actualmente a colecção *Intuitions* após ter criado a colecção *Écrire*, destinada aos novos), veio cedo às lides literárias. Com apenas dezasseis anos de idade, fundava e editava na sua terra natal uma revista em que colaboraram Jacques Dalles, André Salmon e Daniel Rops. Em 1936 publicava o primeiro poema: *Le Hollandais volant*.

Nomeado bibliotecário no ano seguinte, exerceu estas funções até à conclusão da «*Drôle de guerre*», e, desde 1941, participou activamente na Resistência incorporado no *réseau C. N. D. Castile*, chefiado pelo coronel Rémy. Preso pelos alemães em 1942, deportado como N. N. («*Nacht und Nebel*») para o campo de Quen, onde seria transferido pouco depois para o campo de Mauthausen. Jean Cayrol regressa à França em 1945 e, já instalado em Paris, publica o seu primeiro romance («*Je vivrai l'amour des autres*»).

que obtém o prémio Renaudot em 1947, seguidamente, poemas, ensaios e romances antes de escrever o cenário e os diálogos do filme «*Muriel*», de Alain Renais, e do «*Coup de grâce*», desta vez em colaboração com Claude Durand, como ele conselheiro literário das *Éditions du Seuil*. De sucesso em êxito literário, confirmando passo a passo a qualidade da sua prosa, Jean Cayrol atinge uma nomeada invulgar em 1968, com a publicação de dois livros da sua autoria («*Je l'entends encore*» e «*De l'espace humain*») e um ensaio sobre a sua obra assinado por Daniel Oster, todos a cargo dos *Éditions du Seuil*.

O primeiro dos três volumes é um romance tratado na forma e no fundo peculiares a Jean Cayrol: com o mesmo ritmo de voz, a mesma expressão tranquila, e mesma frase ininterrupta — como os dias e as noites de Mauthausen. Jean Cayrol é o eco vivo dos tempos de concentração nazis, a voz teimosa e interior que, mesmo en-

(Continua na 2.ª página)

LUIZA NETO JORGE e a poesia de vanguarda

por Gastão Cruz

PENSO QUE A OBRA de vanguarda é a que se instala no cerne da problemática do momento em que surge e que não há obras verdadeiramente importantes que não ocupem essa posição. A vanguarda é, pois, o ponto em que a crise gerada por um certo número de conflitos inerentes à saturação de uma linguagem se resolve numa síntese, que, mais cedo ou mais tarde, gerará, por sua vez, uma nova crise. É por isso que — passando agora para o caso específico da poesia — a vanguarda pode, a certa altura, dar relevo a uma organização rigorosa e estável do discurso, para, passado algum tempo, por essa organização em causa e, mais tarde, voltar a restabelecê-la com uma forma diversa. Estas flutuações subordinam-se a um amadurecimento de condições e de problemas que só uma atenção extrema e uma reflexão constante poderão acompanhar. Sem essa atenção, sem essa reflexão, sem esse conhecimento exacto do quadro geral da problemática poética em cada momento, não será possível nunca, já não digo produzir obras decisivas, mas ultrapassar sequer aquele estágio de amadorismo em que tantos permanecem.

No depoimento publicado num suplemento literário, a propósito do seu último livro, refere-se Luiza Neto Jorge a uma revolta das palavras, apelando para um novo discurso. Isto, que, à primeira vista, poderá parecer muito vago, bastaria para demonstrar a nitidez com que a autora de *Dezanove Recantos* encara a inserção deste livro na poesia portuguesa actual. Porque é, na verdade, a elaboração de um novo discurso a grande tarefa desta segunda metade da década de 60, um discurso que opere a síntese entre a longa tradição discursiva que vai de Cesário Verde a Mário Casarim de Vasconcelos e a Herberto Helder e as tendências anti-discursivas manifestadas no começo do decénio. E não é certamente por acaso que três das obras mais significativas da década realizam, de modos completamente diversos, essa síntese: *Boca Bilingue*

(1966) de Ruy Belo; *Micro paisagem* (1968) de Carlos de Oliveira; *Dezanove Recantos* (1969) de Luiza Neto Jorge.

Penso que o surrealismo, como ortodoxia estilística, digamos, pode considerar-se extinto na poesia portuguesa. Mas que as suas consequências mais directas se mantêm prova-o este livro de Luiza Neto Jorge.

A poesia surrealista, que, como se sabe, assumiu em Portugal uma forma muito particular, ao mesmo tempo que se integra na tradição discursiva de que falei há pouco, prepara a desagregação do discurso de que se ocupará *Poesia 61* — ou parte dela. Não sendo possível, por motivos de necessidade interna e externa, prosseguir por muito tempo nessa via, em breve começa a notar-se a tendência para a criação do novo discurso a que Luiza Neto Jorge se refere no depoimento citado.

Quais as características desse novo discurso?

Recapitemos. A filionomia da poesia portuguesa apresenta, nos primeiros anos da década de 60, uma diversificação, ou mesmo uma sobreposição, de tendências que deve ser assinalada. O ano de 1961 temos, por um lado, a poesia altamente retórica e barroca de Herberto Helder, com *A colher na Boca*, e a

poesia de propensão narrativa e descritiva de Ruy Belo em *Aquele Grande Rio Eufrates*, modalidades da tradição discursiva referida, que se prolongará até 1963, pelo menos, num livro como *Metamorfoses* de

também, embora mais atenuadamente, e em outras obras de 1960 e de 1961, como *Cantata* de Carlos de Oliveira, *Voz Inicial* de António Ramos Rosa e *Mar de Setembro* de Eugénio de Andrade.



Luiza Neto Jorge: as mais directas consequências do surrealismo

Jorge de Sena, e, por outro lado, a radical contestação, particularmente visível na colaboração de Maria Teresa Horta em *Poesia 61*, dessa mesma linha evolutiva — e visível

A reconstrução do discurso que sucedeu a *Poesia 61* não pôde deixar de ter em conta as fecundas contradições dos primeiros anos 60. E, assim, o discurso restaurado é, na verdade, um novo discurso, que assenta, como diz Luiza Neto Jorge, numa revolta das palavras.

Os *Dezanove Recantos* agora publicados vêm demonstrar que Luiza Neto Jorge compreendeu que era possível transpor para a poesia de hoje o tratamento surrealista do discurso, ou, mais exactamente, que era possível descrever e narrar utilizando largamente as relações de choque das palavras e a elipse. Por isso, a narração é sincopada e descontinua — por isso, *Dezanove Recantos* é uma epopeia sumária. E não pode surpreender quem conhece a poesia anterior de Luiza Neto Jorge que neste poema se tenham finalmente desenvolvido as virtualidades épicas (e dramáticas também) dessa poesia.

GASTÃO
CRUZ

ANTÓNIO
M. SANTOS



POLEMICA

(Ler na pág. 2)

(Continua na 6.ª página)

A poesia portuguesa em polémica

GASTÃO CRUZ E A SITUAÇÃO DA POESIA PORTUGUESA

Gastão Cruz:

Acho que V. no seu recente artigo "Situação da Poesia Portuguesa", cometeu o mesmo erro que critica ao nosso meio cultural — ausência de uma auto-crítica que me habitue a ver em si severa e lucida. V aceita implicitamente a existência de um vasto público leitor de poesia. Será verdade? Eu considero público (existente ou possível) toda a população portuguesa. Ou referia-se apenas a um público mínimo, centralizado em Lis-

boa, Porto e pouco mais, a sado da Quadrante, agora da Livraria 111, das livrarias, dos grupinhos e grupelhos de café, leitores habituais (?) das páginas literárias, lavadeiras crónicas da roupa suja intelectual ou pseudo? Quer-me parecer que o seu artigo pretendia atingir apenas esse público. Talvez por isso ele me surja mais como uma dessas futeis conversas do que uma análise verdadeira da situação actual da poesia portuguesa. Se, como é minha impres-

são, V. queria falar de Ruy Belo, não o fez; ou fez-o da maneira que critica publicitariamente.

O público (e V. sabe-o) que lê o suplemento literário do «Diário de Lisboa» por este país fora pouco conhece da situação da poesia portuguesa, pois esta exige uma especialização, um estudo continuamente atento e crítico. Esse público lê (pouco) os poetas que conhece, vai ao cinema, vê televisão, raramente vai ao teatro (nunca chega o teatro à província e o que chega poderia ter ficado muito bem em Lisboa) — em resumo, cultiva o gosto pessoal, procura saber um pouco do seu mundo.

Acha que um artigo como o seu, em que divide as correntes poéticas modernas ou só os poetas em cinco grupos distintos, a saber: os academistas entronizados, os neo-românticos, os pseudovanguardistas ou experimentalistas, os poetas comerciantes ou comerciantes poetas, e para finalizar (felizmente que se salva alguém), os poetas poetas sem adjetivação, trará ao público leitor, que V. diz ser «vasto», um conhecimento real do fenómeno poético português? V. acha que sim. Gastão Cruz, e é pena que se tenha esquecido de que aquilo que sabe pode ser uma algaraviada para os outros. E mais, V. ridiculariza o leitor comum quando afirma: «Parece-me desnecessário exemplificar», ou «...deixo ao leitor a tarefa de identificar o poeta ou os poetas a que me refiro».

Não cita nomes (não é importante, o artigo é que não deveria ter sido este), a maneira sergiana de desfulanizar as questões. Chamar-lhe-ia outra coisa, se, como leitor, não tivesse melhor opinião a seu respeito e não supusesse que este seu artigo foi um produto de desatenção ou de pressa — às vezes acontece.

Um dos grandes males da vida intelectual portuguesa é o de se dedicar a meias-verdades, meias-polemicas; e de viver só uma meia-vida, alheia às amargas realidades da incultura portuguesa. Pessoa chamou

a isso provincianismo, Gastão Cruz.

Talvez haja muita gentinha que tenha gostado do seu artigo, que o aplauda. Mas esse público geralmente tem o gosto adulterado pelo vício crónico da fuga às responsabilidades.

Para terminar, quero pedir-lhe que escreva mesmo esses artigos sobre a situação da poesia portuguesa, bata onde bater, mas de um modo que o leitor comum aprenda qualquer coisa.

Porque essa deve ser a função dos suplementos literários: difundir a arte e a literatura por um público mais vasto, um público que anda demasiado arredado (de quem a culpa?) desses mesmos assuntos. O mal é que os nossos suplementos literários são, na sua maioria, dirigidos ao intelectual português.

Conclusão: só bebe o que já matou a sede.

ANTÓNIO MÁRIO SANTOS



RESPOSTA A ANTÓNIO MÁRIO SANTOS

António Mário Santos:

Em nome do leitor comum, V. critica o facto de o meu artigo *Situação da poesia portuguesa* ter sido escrito para o leitor não comum. Se bem compreendo a sua carta, é esse o reparo fundamental que me faz. Mas parece-me que V. não usa, ao longo do seu texto, um conceito único de leitor comum. Começa por dizer que eu aceito implicitamente a existência de um vasto público leitor de poesia. Depois, diz que V. considera público existente ou possível, toda a população portuguesa (optimismo ou bom humor?). A seguir, pergunta-me se eu me referia apenas a um público mínimo, centralizado em Lisboa, Porto e pouco mais, etc.. Mais adiante, o seu conceito de leitor comum deixa de abranger toda a população portuguesa para se restringir ao público que lê (pouco) os poetas que conhece, vai ao cinema, vê televisão, etc.. Nunca chega o teatro

à província, diz V. Quer dizer que se refere agora ao público da província? Penso que existe uma certa barafunda em tudo isto.

Por outro lado, verifico, pelo modo como descreve os cinco grupos que eu assinalo na poesia portuguesa, que V. não soube ler o meu artigo. Não falei uma única vez em neo-românticos. Falei em sub-romantismo em avançado grau de decomposição, que coincide, aliás, com um dos tipos de academismo entronizado. Esse seria o primeiro grupo. Quanto ao segundo, completamente distinto, em características e em méritos, nada tem que ver com romantismo, sub, neo, ou qualquer outro. Ali, as reservas feitas são mínimas — não se esqueça de que eu falo de poetas capazes de invenção de uma linguagem realmente nova e às vezes fulgurante.

V. estranha e condena que eu me dirija ao intelectual português, em vez

de me dirigir ao tal leitor comum. Ora eu dirigia-me, na verdade ao leitor comum de poesia portuguesa. E, das duas, uma: ou esse leitor lê, de facto, poesia portuguesa — e não lhe, terá sido difícil compreender o que escrevi, apesar da omissão dos nomes: ou esse leitor não lê poesia portuguesa — e, com nomes ou sem eles, pouco entenderia do meu texto, se é que chegava a interessar-se pela sua leitura.

De qualquer forma, não era meu intuito traçar um panorama minuciosamente informativo da nossa poesia de hoje (o que, aliás, já fiz nas páginas do «Diário de Lisboa») destinado a elucidar esse público de que V. fala, que lê (pouco) os poetas que conhece. Eu desejava, simplesmente, chamar a atenção dos interessados pela poesia portuguesa, e sobretudo dos responsáveis pela sua crítica, para um certo número de casos típicos — e entendi que atingia mais perfeitamente o meu objectivo, pondo o problema em abstracto. Não estou arrependido de o ter feito, apesar de algumas irritações provocadas pelo artigo (não me refiro a si, obviamente). Era inevitável e, de certo modo, desejável que assim sucedesse.

Não se trata, pois, de um produto de desatenção ou de pressa, como V. generosamente, admite, certamente procurando, evitar uma desilusão demasiado grande a meu respeito e talvez até justifique-me aos olhos dos leitores. Lamentando tirar-lhe as últimas ilusões: o artigo foi pensado e redigido, escrito e reescrito, lido e relido.

A sua impressão de que eu queria falar de Ruy Belo é também errada. Ruy Belo, foi um exemplo, apenas isso. Não porque eu seja agente publicitário desse (ou doutro) poeta, como V. amavelmente sugere mas porque me parece que, dentre aqueles que poderiam corresponder à definição de poeta moderno que eu contrapunha, aos quatro restantes casos considerados, ele era simultaneamente, o autor de um livro que poderia exemplificar os factos culturais de primeira grandeza passados em claro ou quase — questão igualmente abordada no meu artigo.

GASTÃO CRUZ



História do Teatro Português

Luciana Stegagno Picchio, catedrática da Universidade de Pisa e professora da Universidade de Roma, filóloga e erudita, nome de reconhecido prestígio internacional pelas suas investigações especializadas, particularmente no domínio dos estudos portugueses e da filologia românica, acaba de apresentar — numa edição esmerada da Portugalia Editora e em tradução de Manuel de Lucena — a sua «Storia del Teatro Portoghese», corrigida e aumentada agora para o público português.

Trata-se de um importante instrumento divulgador da nossa literatura dramática, encenada ou não — desde os primórdios à mais recente contemporaneidade —, esculpido e objectivo, crítico e didáctico no melhor sentido. «Esta história do nosso teatro» — revela Jorge de Sena, muito justamente — «não é também um livro escrito para um público ignorante do assunto: estudiosos, críticos, escritores e público, em Portugal, descobrindo nela, ao lê-la e consultá-la, um indispensável instrumento de trabalho, num campo da nossa cultura a que os estudiosos se dedicaram muitas vezes sem crítica, e alguns críticos demasiadas vezes sem sólida informação».

Mais de espaço nos referiremos a este notável trabalho.

JEAN CAYROL, lazare en sursis

(Continuação da 1.ª página)

cerrada num túmulo, continuaria a salmodiar, infatigavelmente, as mesmas palavras.

Palavras que são «o amor dos outros» trazido no «espaco de uma noite», pelo «vento da memória». Uma memória teimosa que não esquece...

Toda a sua obra romanesca assenta entre as noites e os nevoeiros da fatídica «Nacht und Nebel». E cada um dos seus romances um homem invariável penetra-se e fala-se, diseca-se a si mesmo sem anestesia nem dor. Como sobre um cadáver. Um homem que se inventa na ficção e no sonho

pode dar-se maior realidade. Um homem-sombra, fantasma, voz que não se cansa num murmúrio infinito que o amarra à vida. Voz que é a terra e a cinza de milhões de vozes caladas para sempre: cortadas pelas balas, amordaçadas ou asfixiadas pelos duches de gás, abraçadas nos fornos. Voz de um «filho da memória e do imaginário», de um filho de Lázaro ressuscitado de entre os mortos do campo de Mauthausen, Jean-Pierre, herói de «Je l'entends encore» e «Como Cayrol» um filho de ninguém, o herói-chave deste singular «romanesco lazareno» que é o universo literário e humano de um dos melhores

escritores franceses contemporâneos: romancista, ensaísta, poeta, jornalista e cineasta que sabe dosear, ao longo das suas explorações interiores e exteriores a vivacidade do olhar e a esportez do ouvido que a memória de visões horripelantes apura à medida que os anos passam. Como se a noite e o nevoeiro se adensassem cada vez mais à sua volta, emprestando-lhe este aspecto fantástico e irreal que tornam ainda mais autêntica a sua irrealdade.

O estilo é sóbrio, duma simplicidade nua, perfeita, quotidiana. Tanto na obra romanesca como na criação ensaística, onde constata, com o rigor dum ex-

celente sociólogo, a queda abismal da nossa civilização, tutora dos sistemas e dos valores negativos que tornaram possíveis os campos de concentração. Com a voz e o tom de um homem profundamente convencido de arvorar a verdade, o dia-a-dia em que nos atacamos. Estupidamente. Encurralados em casa, no trabalho, no «metro», nas ruas, nos grandes armazéns da vida moderna...

Jean Cayrol é voz. A voz que não cessa de interrogar-se: «Como viver após ter-se estado morto?». Voz que é janela rasgando-se, debruçando-se sobre a vida após a morte de Mauthausen. Car écrire c'est

rester en état de disponibilité; c'est penser que la vie n'a que nous pour survivre; c'est une façon pour ne pas se perdre, pour voir le jour se lever dans les ténèbres: c'est apprendre lentement à se taire».

OBRAS DE JEAN CAYROL

ROMANCES

Je vivrai l'amour des autres (prémio Renaudot, 1947). *Le feu qui prend*, *La nuit*, *Le vent de la mémoire*, *L'espace d'une nuit*, *Le démenagement*, *La gaffe*, *Les corps étrangers*, *Les pleins et les dé-*

liés, *Le froid du soleil*, *Midi Minuit*.

POESIA

Mirir de la rédemption, *Passa-temps de l'homme et des oiseaux*, *Les mots sont aussi des demeures*, *Pour tous les temps*.

ENSaios

Lazare parmi nous, *Le droit de regard* (com Claude Durand), 52 ilustrações, col. «Pierres Vives».

CINEMA

Muriel (filme realizado com Alain Renais), *Le coup de grâce* (filme realizado com Claude Durand),

O vazio ilustrado

por Rocha de Sousa

ANTÓNIO AREAL
Galeria Quadrante

COM O MELHOR dos des-
confortos e uma pontinha
de acidez nas palavras es-
critas, António Areal inva-
diu a Galeria Quadrante
de calzinhas cimentadas, ad-
miravelmente vazias, e
pôs-se a contar a sua re-
volta. Vê-se bem depressa
que não tem empenho ne-
nhum em ser considerado
o maior autor português
do século XX, como foi de-
finido profeticamente por
um crítico de arte amigo
da onça, e é dono de uma
voz de que nem toda a
gente gosta. Produz coisas
que parecem bizarras, mas
que desarmónicamente se
harmonizam no mundo es-
candaloso em que vivemos.
Assumindo certa assidui-
dade, e com uma premedita-
ção sarcástica, constrói
objectos, formas e narra-

lha e revela as incertezas
da comunicabilidade. Os
fragmentos da sua vivên-
cia são intranmissíveis,
afirmou desta vez, e cor-
respondem a «exactos mo-
mentos de um roteiro pri-
vado que quando se divul-
ga logo se adultera no cul-
turalismo de uma integra-
ção classificadora, promís-
cua e abjectamente supér-
flua». Escrevendo neste
tom e agindo com este
desconforto, é natural que
as pessoas se interroguem
acerca da crise que ele re-
presenta — ou assume. É
natural também que não
se sintam tentadas a dar-
lhe razão, e em certos ca-
sos nem mesmo o cuidado
de uma atenção mais de-
morada, no mergulho de
estabelecer o vazio para
nele inventar um novo
câos. No fim de contas, é
isso mesmo o que acontece
na atitude de António
Areal: um despojamento
frio e sistemático, a con-

mir-se como fragilidade
óbvia e inútil protesto, o
mais agudo senso estético,
dalgum modo basicamente
suicidário mas sem proble-
mas: e os artistas (nome-
venal dado aos que utili-
zam um certo poder para
o desmerecerem delibera-
damente) são quem pelas
sucessivas descrenças que
trouxeram acrescentam o
tempo; só eles podem fa-
zê-lo — porque é rigor es-
tético o jogo em que se
tenta (ficticiamente abs-
traindo do insucesso inevi-
tável) desarmónizar o
Mundo».

INSIGNIFICAÇÃO PELO VAZIO

As caixas vazias de An-
tónio Areal, anulando a
realidade que pareciam
destinadas a conter, tam-
bém não conseguem pro-
por um processo desarmó-
nico, mas recusam muitas
coisas: têm um rótulo em
que se diz ou se descreve
aquilo que não se pode
mostrar. E assim as caixas
permitem que cada um de
nós, pela expressão de uma
linguagem diferente, cons-
trua dentro delas a diver-
sidade do mundo e das su-
gestões transferidas. Assim
nos apercebemos do logro
das coisas, presos à irre-
mediável armadilha de in-
ventarmos o que não há,
errados na incomunicabi-
lidade do gesto, confronta-
dos no silêncio com o rosto
arbitrário do que criámos.
Nada disto se classifica, é
evidente, nem pode per-
spectuar-se no património
dos museus — porque cor-
responde, de facto, a um
exercício da consciência
individual, porque a situa
perante os fenómenos em
que ela se gera, porque lhe
encerra a crise das acções
e dos conceitos. O vazio
povoia-se com o existir dos
indivíduos, um de cada vez
e sempre contraditória-
mente, como na realidade.

UMA INCONVENIÊNCIA CONVENIENTE

Areal parece desconfiar
do acto de expor, tão vo-
tado à incomunicabilidade
como outro qualquer: e daí

o chamar fatigante a essa
inconveniência convenien-
te. Mas a sua descrença,
que se baseia sobretudo na
impossibilidade de se
transmitir aquilo em que
de mais interior nos vive-
mos, refere também a er-
rada filtragem que a obra
vai sofrer por todos os que
pretendem usufruí-la ou
apenas julgam dever pen-
sar nela. Do ponto de vis-
ta do indivíduo interessado
numa acção que lhe de-
corre da própria vida, por-
tanto do próprio pensar,
o expor a obra é, apesar de
tudo, uma obrigação — e
uma obrigação também
subjacente ao projecto
profissional do autor, al-
onde ele se humilha «na
expressão porque ela se li-
mita, mitifica a um tanto
porque nela se aposta, de-
la subsiste alimentariamente
porque é trunfo dum com-
bate o haver sangue, e
não se liberta senão quan-
do adquire consciência da
sua contraditória submis-
são ao tempo». O homem
exprime a violência da sua
vontade, mas a originali-
dade que dolorosamente
procura, no seu projecto
essencial, depressa se dis-
solvem no mundo. Em vão
os artistas esvaziam os úl-
timos gritos em busca de
uma recusa redentora, mas
a dissonância incómoda do
seu desespero encontra na
sociedade um poder de ab-
sorção irremediável. Tam-
bém (ou sobretudo) cultu-
ralmente, o que não deixa
de ser inquietante. Por is-
so a voz finalmente inibi-
da dos que procuram de-
sarrumar as certezas ins-
tituídas: «como dar um
outro sentido a este estado
revoltantemente harmóni-
co? É preciso talvez reco-
meçar tudo na raiz, com a
mesma força mágica, com
a mesma tenacidade pri-
mitiva. A seu modo, pelas
que escandalosamente se
exposições anteriores
desvirtuaram, Areal inten-
ta definir mais um com-
portamento do que uma
obra, estabelecer mais uma
afirmação humana de du-
vida do que uma crística
discordância. E, nesse as-
pecto, não posso deixar de
me referir do seu lado,
muito mais (também) do
que na profissional e lu-
xosa encadernação dos
seus desenhos conhecidos.
Ao legar-nos esta irónica
coleção de caixas vazias,
de que as crianças se apro-
ximam com um irremediá-
vel sentido do maravilhoso
e nós nos apropriamos
temendo o ridículo, é a
perplexidade de as povoar
e significar que vivemos,
mas antecipadamente
conscientes de quanto essa
vontade é gratuita. Agimos
então por um apego de
raiz, como se estivéssemos

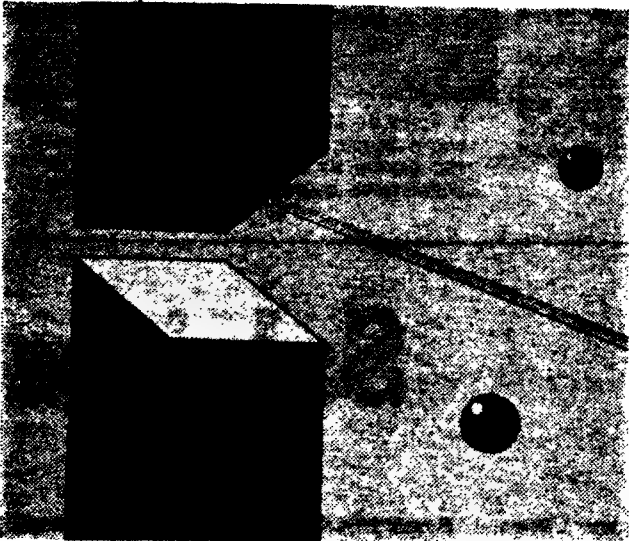
As caixas vazias recusam muitas coisas.

para conviver desespera-
damente com uma realida-
de inventada, e resta-nos
o des encanto de refazer
tudo desde o princípio. En-
tramos assim num jogo em
que sempre estivemos com-
prometidos sem o saber.
Mas sabê-lo é terrível — e
por isso é que o vazio não
se enfrenta sem descon-
forto.

TESTEMUNHO E VIVÊNCIA DA CRISE

O testemunho de Antó-
nio Areal, além de ser um
testemunho sobre a inco-
municabilidade, situa-se
perante aqueles que sem-
pre tiveram a certeza de
um destino e acreditaram
poder moldar o artista a
uma única definição mor-
tal. «Como autor, (Areal)
é solidário consigo apenas
— como cidadão, toma-se
por juiz de todos os que se
concedem a rendosa ins-
tituição das certezas (delas,
a mais subtil é a da dúvida
metódica) e da oportuni-

dade». Ele acredita apenas
na acção colectiva que
convulsiona a integração
nos sistemas, «não a favor
de substituições, mas por
fulgurante alogificação da
moralidade». Prevê desse
modo, não uma contrapo-
sição de sistemas, mas
uma fidelidade dedicada à
crise — «irrepetível na vi-
vência, e humanamente
imortal porventura na
exasperação do quotidia-
no». A vanguarda terá
aqui, afinal, a sua defini-
ção mais decisiva, porque
joga constantemente no
risco de uma recusa de
facto, porque se acerta na
capacidade de rever e não
de instituir. Também aqui
o artista escapa aos siste-
mas que se apropriam do
seu trabalho, esvaziando-o
da revolta em que se for-
mula. Não é romântico o
seu isolamento: este faz-se
apenas por uma necessida-
de essencial de reafirmar,
reservando para a profis-
são aquilo que permita ao
homem não se adular.



Pintura de António Areal: um testemunho
sobre a incomunicabilidade

tivas que parecem não se
ajustar a uma arte conhe-
cida, mesmo que violenta
nas dissonâncias, e que
com certeza não podem ser
consumidas pelos museus
nos tempos mais próximos.
Para além disso, é um au-
tor esquisito: isolado das
terráneas institucionaliza-
das, adocido irremediá-
velmente para as certezas
dos outros, expõe onde ca-

cretização física do vazio
no rigor com que apaga as
convenções, a ilustração
irónica do acto de tudo
reinventar a partir do si-
lêncio. E é curioso ouvir o
autor falar das soluções
que não há, para conferir
ao comportamento indivi-
dual a sua verdadeira di-
mensão: «Talvez somente
o comportamento indivi-
dual estabeleça, ao assu-



Pintura de Sá Nogueira

EXPOSIÇÕES

GALERIA QUADRANTE Av. Luís Bivar	MANUEL BAPTISTA, O RIGOR AO SERVIÇO DE UMA LINGUAGEM SENSÍVEL
GALERIA DE ARTE MODERNA S. N. B. A. Rua Barata Salgueiro	ANTÓNIO SENA, UMA ESCRITA EM DEFINIÇÃO
GALERIA 111 Campo Grande	COSTA PINHEIRO, O PODER DA MÃO E A REFLEXÃO DA ESCRITA
GALERIA INTERFORMA Av. Casal Ribeiro	DORITA CASTEL BRANCO, TRANSPOSIÇÕES PARA O LUGAR-COMUM
INSTALAÇÕES DA LONGRA Av. da República	EXPOSIÇÃO DE GRUPO DE JOÃO ABEL MANTA, CHARRUA, SÁ NOGUEIRA, MARIA VELEZ, FER- NANDO CONDUITO E ANTÓNIO SENA (*)
SOCIEDADE DE GRAVADORES Travessa do Sequeiro	MARIA BEATRIZ (*)
GALERIA PANORAMA Damaia	LUD E PEDRO DOM (*)

(*) Exposições ainda sem referência crítica.

EXPOSIÇÃO DE GRUPO NA LONGRA

Inaugura-se hoje, dia 15, nas instalações da Longra
(Av. da República), a anunciada exposição dos artistas
João Abel Manta, Sá Nogueira, Fernando Conduto, An-
tónio SENA, Charrua e Maria Velez, com o apoio e a admi-
nistração da Galeria Interior. Da sua afirmação pública,
que se resume num texto breve, consta a seguinte decla-
ração:

«A experiência desta exposição corresponde ao encon-
tro de alguns artistas que se reconhecem solidários no
trabalho que produzem e na formação que os define.
É, por outro lado, uma forma de constituírem o projecto
associativo e económico que lhes assegure, no futuro,
uma constante afirmação pública e a oferta paralela às
solicitações possíveis do mercado. Assim procuram de-
fender a liberdade de formulação da sua obra, garantindo
individualmente, enquanto produzem, a apresentação dos
objectos por que se responsabilizam. Nesta vontade colec-
tiva são apoiados e patrocinados pela Galeria Interior,
entidade que centraliza a sua produção e decide admi-
nistrá-la».

A vanguarda e a guarda vã

por E. M. de Melo e Castro

PARA QUEM ESTIVER atento ao que se passa à sua volta e, também, dentro de si, uma coisa resalta à evidência: vivemos rodeados de coisas que não nos pertencem — que nada nos dizem — que não nos são indispensáveis — que são, até, nocivos empecilhos, restos de um tempo que não é já o nosso — resquícios de uma vida que, embora morta, se infiltra na nossa energia e nos limita e embaraça e frustra.

A dois terços do Século XX, ainda não conseguimos acabar de todo com o Século XIX, os seus simplismos, e as suas sobrelevações de requinte inexistível de teorias inverificáveis — as suas ideologias — a sua não definição de objectivos — a sua falta de eficiência — os seus deslumbramentos e optimismos — as suas estruturas políticas — a sua moralidade de «deve e haver».

Se nas artes e na cultura o século XX começou com uma explosão criadora que permitiu pela primeira vez a concepção de uma vanguarda — cubismo, DADA, surrealismo (óbviamente em relação a uma retaguarda — Século XIX), outro tanto não aconteceu às outras estruturas de relação. Este Século XX — na sua primeira metade — não é mais do que um suceder de tristes mas óbvias conclusões do que política e moralmente no Século XIX se urdira, sem que no entanto haja um esboço de formulação e proposição de novas, mais adequadas e melhores maneiras de nos definirmos e entendermos uns aos outros.

A maneira ideológica de conceber e efectuar as funções de relação e comunicação entre os homens pode dizer-se estar ligada pela base a todos os grandes malogros que se estendem pelo mundo actual e começa já a ser muito evidente que não podemos guardar por muito mais tempo as várias coisas que nos não pertencem, que herdámos e amaciam a nossa actividade criadora de homens.

Sentimentos deste teor estão na base dos actuais movimentos de vanguarda de todos os países — vanguarda que já não se define contra uma retaguarda, como no princípio do Século — mas sim contra uma guarda vã, um guardar inútil de fórmulas cadaverizadas.

E' pois num ambiente profundamente paradoxal que o artista jovem actual vai procurar construir os seus objectos de comunicação: por entre as solicitações das novas técnicas tecnológicas, processos, máquinas (os novos anjos) que lhe acenam com ilimitados horizontes, e os restos angulosos de uma maneira de viver que não entende e que detém a força do metal e das ideias fósseis (os demónios de sempre).

Julgo ser lícito afirmar que não só no campo das artes o domínio das novas possibilidades tecnológicas (que são nossas) pelas forças residuais do Século XIX (que não são nossas) é a raiz do verdadeiro drama da segunda metade do Século XX.

E é precisamente nesse ponto que se encontra o artista criador, porque se por um lado ele deve e quer utilizar os meios peculiares do seu tempo (as novas tecnologias, a cibernética, etc.) ele só o pode fazer em verdadeira perenidade de consciência fora de ou contra os poderes que detém e controlam materialmente esses mesmos meios.

Utilizar computadores não é o mesmo que comprar papel e tinta. Criar ambientes luminosos ou cinéticos não é o mesmo que fazer pintura de cavalete. Uma nova monumentalidade está entre nós e onde estão as estruturas colectivas para a facultar com dignidade?

O mito do artista esfomeado e incompreendido nada tem que ver com o artista pesquisador de espaços e construtor de objectos. E, no entanto, sobre

este último pesa uma nova maldição — a necessidade de pactuar (pelo menos superficialmente) com uma organização económica obsoleta mas ainda poderosa para lhe serem facultados os meios financeiros indispensáveis para a utilização dos novos meios tecnológicos que são estrutural, temporal e verdadeiramente seus.

Assim, os melhores criadores de vanguarda norte-americana ou pactuam com as grandes companhias que são pilares de um capitalismo já ultrapassado sociologicamente — e neste caso os seus recursos não têm limites; ou recusam esse pacto e se lançam na grande aventura da destruição-auto-construção — seja ela «beat» ou hippy ou outra.

Na Europa o dilema é semelhante: a vanguarda ou controla objectos para o público comprador americano e europeu rico, obtendo, assim, fundos que permitem desenvolver as pesquisas, ou se recusa a sustentar os valores balofos e vãos que motivam esses compradores — e vê-se privada de poder realizar a sua arte com os meios que lhe são próprios.

É certo que há os mecenas, os institutos, as fundações, as universidades. Mas tudo isso são organizações provenientes de um espírito obsoleto onde vamente se guardam os valores e os princípios oriundos do século XIX, e que, por isso, falham em reconhecer o valor sociológico da investigação estética. Isto é, em vez de considerarem a obra do artista como um bem colectivo que precisa ser estimulado e desenvolvido, para que todos através dela comuniquem usando-a e fruindo-a, continuam, em vez disso, a tratar como um indivíduo de excepção, incapaz de ganhar o seu sustento, e que se dedica a realizar obras sem valor de comunicação destinadas à fruição de eleitos (o que é hoje uma posição vã... porque a ninguém verdadeiramente serve, nem ao artista nem ao público).

É certo que a posição dos artistas plásticos e dos músicos é mais grave em todo o mundo que a dos poetas e escritores. Os Plásticos necessitam de grandes espaços, de novos materiais, de novas oficinas, de aparelhos cibernéticos. Os músicos, de equipamento electrónico complexo, de colaboradores técnicos, de estúdios especiais, de computadores. O Poeta pode e deve sempre escrever — pois a palavra é a sua matéria criadora, quer o faça à mão, à máquina ou com o magnetofone — mas o Poeta de vanguarda pode precisar escrever com os mesmos novos materiais do artista plástico, ou necessitar de utilizar o mesmo equipamento electrónico do músico de vanguarda.

Que sucederia se eu — Poeta — precisasse de 1000 contos para criar um poema verdadeiramente actual, destinado ao uso e à comunicação colectiva dos habitantes de uma das nossas cidades? — 1000 contos que tornariam os habitantes dessa cidade muito mais felizes, muito mais próximos uns dos outros, muito mais próximos da vida e da natureza, até, do que os produtos ou as vantagens imediatas de qualquer fábrica que com esses 1000 contos (capital diminuto para uma fábrica) se instalasse na mesma cidade?

Deixo a pergunta em aberto. O problema da utilização de fundos avultados provenientes de empresas capitalistas (Cage, Rauschenberg, na América) ou o recurso ao comércio alto-burguês (Le Parc-Vasarely, em Paris), para além de uma questão moral individual do artista é uma questão de base para o estabelecimento da noção e prática de uma verdadeira vanguarda na segunda metade deste século.

É que os artistas que pactuam são os que podem realizar as obras mais arro-

jadas e interessantes do ponto de vista estético e até sociológico.

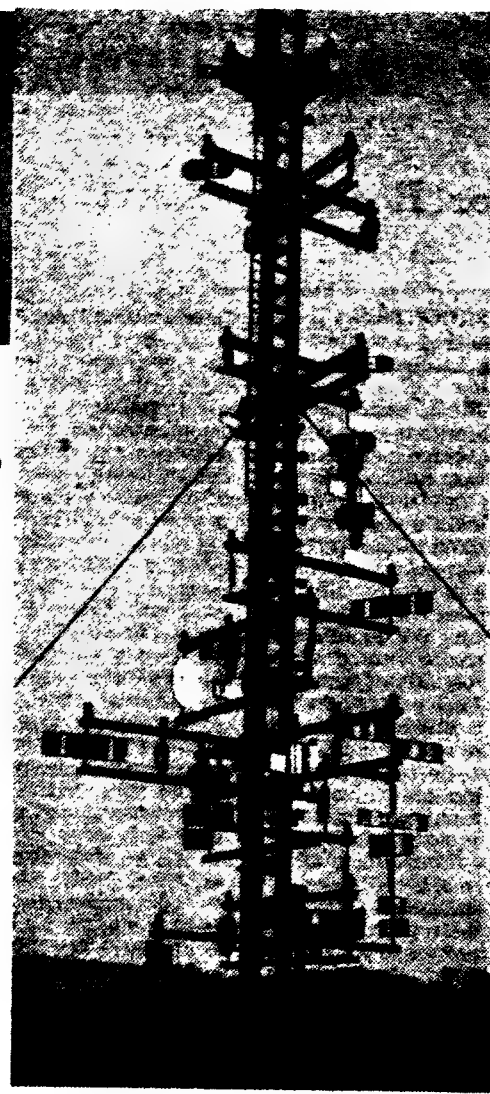
Os que não pactuam com a vigência das forças do século XIX, nada, ou quase nada, podem fazer em grande escala, perdendo-se em frustrações ou regressando a atitudes de tipo romântico ou moralista, que de vanguarda não são.

Mas há ainda, os que apostam apenas em si próprios e constroem a sua arte com os materiais de que podem dispor no espaço que estão conquistando, fiéis apenas às opções básicas que como homens todos os dias põem à prova.

Aí está a verdadeira vanguarda desta segunda metade do século XX.

É que nem as grandes realizações tecnológicas nem a arte sofisticadamente comercializada (exemplo: Minimal Art na Documenta 4) podem pelos seus compromissos com o «establishment» e com

(Continua na 7.ª página)



A Torre de Liège, de Schöffer: um caminho a seguir, pois resulta da compreensão exacta da obrigação de possibilitar dignamente a arte certa para a cidade actual

Salpícos

ELDRIDGE CLEAVER, nasceu em Little Rock, Arkansas, em 1935. Foi educado no «ghetto» negro de Los Angeles e nas prisões de San Quentin, Folsom e Soledad, no estado da Califórnia. É considerado o mais original, magnético e esclarecido dirigente dos movimentos de emancipação dos negros norte-americanos. É ministro da Informação do «Black Panthers» e presidente do conselho da «Black House»; nas últimas eleições para presidente dos E. Unidos foi candidato pelo partido «Peace and Freedom».

NA PRISÃO de Soledad, reuni-me a um grupo de jovens negros que, como eu, estavam em rebelião contra o que consideravam a

continuação da escravatura, num estado mais apurado. Odiávamos tudo o que era americano — incluindo o «baseball» e os «hot dogs». Todo o respeito que poderíamos ter tido por políticos, pastores, advogados, governadores, presidentes, senadores, congressistas, foi completamente destruído ao vê-los contemporizar e comprometer-se, com o certo e o errado, a legalidade e a ilegalidade, o constitucional e o inconstitucional.

Na prisão, tive várias sessões com um psiquiatra. Ele concluiu que eu odiava a minha mãe. Como ele chegou a esta conclusão, já não o saberei, pois ele não sabia nada a respeito de minha mãe e quando me fazia perguntas eu respondia-lhe com as mais absurdas mentiras.

Fui católico, baptizado, fiz a minha primeira comunhão e usava Jesus crucificado ao pescoço; rezava à noite o meu terço, ia confessar-me, rezava Ave-Marias e Padres-Nossos.

Tudo, no entanto, acabou um dia numa aula de catecismo, quando o professor perguntou se algum dos presentes percebia o mistério da Santíssima Trindade. Eu tinha estudado diligen-

Como jornalista, é colaborador das revistas americanas «Esquire», «Liberator», «Black Dialogue», «Mademoiselle» e «Ramparts».

Publicado em fins de 1968, o seu livro «Soul on ice» é já um «best-seller» americano.

«Soul on ice» pertencerá ao pequeno grupo dos grandes clássicos que tratam o conflito racial norte-americano, desde «Native son», de Richard Wright, até à autobiografia de Malcolm X.

temente as minhas lições e sabia de cor o que tinha aprendido. Levantei a mão, estremecendo de orgulho, pela oportunidade de exhibir os meus conhecimentos. Para meu grande espanto e embaraço, o professor afirmou (e tal sou eu em mim como um trovão) que eu mentia, que ninguém, nem mesmo o Papa, a percebia. Senão que outra razão haveria para lhe chamar o mistério da Santíssima Trindade.

Na prisão de Folsom vivia no bloco de honra, onde as portas das celas não tinham grades. O dia começava oficialmente às 7 horas, quando os presos eram convidados a saltar da cama e a alinhar junto das portas das celas, para serem contados pelos guardas. Às 7.30, tornavam-se o pequeno almoço. Às 8.30, trabalhávamos até ao meio-dia. Depois, até às 15 e 20 era tempo livre. Podia escolher entre ir para a cela ou ficar na sala de jantar a ver TV ou ir para a biblioteca ou para o pátio passear, apanhar sol, levantar pesos, jogar xadrez, andebol, «baseball», ou simplesmente olhar para os outros, enquanto eles olhavam para mim. Às 19 e 20, nova con-



A invenção da claridade

por José Vaz Pereira

ENCONTRAM-SE MAL os nossos escritores, artistas e intelectuais com o cinema. As câmaras filmam-lhe a casa, os quadros ou as capas dos livros, os olhos algumas palavras. E retiram-se. Sem mais nada além de uma documentação inexpressiva. Sem mais nada além de planos que fornecem um «curriculum» e ignoram uma personalidade.

O encontro de João César Santos (tratava-se de um filme sobre Sophia de Mello Breyner Andresen), traduzido em termos de cinema, muda resolutamente este panorama. A linguagem, atraçada aqui e ali por mesquinhões puramente técnicos, organiza-se de uma maneira densa, nobre e digna — a imagem da poesia sobre a qual se quer falar. O primeiro plano da curta metragem de João César dos Santos (caramba, muito belo!) estabelece uma disciplina uma harmonia de vida interior, uma identificação imediata com a densidade e a força das coisas, com a densidade e a força de uma personagem (Sophia), com a densidade e a força da natureza (o mar algarvio, de

uma placidez majestosa) e aglutina, numa síntese por ventura ainda mais feliz, todos os esses elementos com o rigor estilístico das pessoas que sabem contar muito em poucas palavras.

Das vantagens desta economia, desta secura é João César dos Santos um acerrimo defensor na actividade crítica (irregular e feroz) a que se tem dedicado. E, nesse aspecto, torna-se curioso notar, no filme sobre Sophia de Mello Breyner Andresen, a identidade com esta posição, a recusa ao efeito fácil, a mentirinha da habilidade com a câmara, a sobreposição retórica dos poemas e das imagens.

Mas a precisão e a severidade desse tom justo não se pode, também, organizar de uma maneira maciça, por afirmativas. Há que deixar entrar nele a irregularidade, a discontinuidade ou seja a frescura da própria vida. É de esta construção eminentemente dialéctica que resulta, aliás, a força límpida e clara e (porque não escrevê-lo?) a força poética da curta-metragem de João César dos Santos. Ou, para sermos ainda mais simples, César

Santos é um fanático do rigor que não pode viver sem luz. Essa luz, essa claridade reinventada que banha todo o filme, que o transfigura. São também os objectos e as coisas e a disposição dos objectos e das coisas face a câmara e a espontaneidade, a garrulice, a profundidade e a liberdade das pessoas. Concebida e explanada como parte de um conjunto mais vasto — o mundo de Sophia. Simultaneamente momento e abertura e não pré-condenação ao espaço-zinho mediocre e bem organizado de uma planificação documental sobre um determinado autor (estilo «O Homem e a Obra» ou «O Meu Tipo Inesquecível» ou «Um Dia com Fulano de Tal»).

O filme vale também por isso: rasgar, cortar com uma tradição de banalidade. Não «explicar» o escritor, não «inventariar» o escritor. Partir à descoberta deles e transformar essa tarefa numa alegria criadora. Francamente, se o cineasta que já sabe tudo sobre X ou Y não terá o mínimo prazer em fazer o filme, E, sem prazer, não há



João César Santos: um fanático do rigor que não pode viver sem luz

filme — há película impressionada, o que é diferente.

E neste aspecto há imenso trabalho a fazer. Ninguém nos livra da vergonha de hoje, 1969, não existir um bom filme sobre Aquilino Ribeiro, sobre António Sérgio. Que deixemos partir, assim, as pessoas sem ao menos tentar ficar com imagens de como elas são.

Rodeando e vencendo as dificuldades do género, João César Santos aproximou-se dum mundo. Não quiz fazer a obra definitiva ou filmar algo complexo como todo um processo criador. Mas não há dúvida que dominou um ambiente, uma maneira de ser, um modo de estar na vida. Juntou à poesia das palavras este cotidiano simultaneamente próximo e distante que é eco e forte da mesma poesia. E uma alegria que quase se confunde com a serenidade, uma claridade invencível que faz a força dos que olham para as coisas de frente. O filme do rigor e da luz. Um momento frágil e precioso dum cinema que não recela ser vulnerável e daí extrai a sua ética.

de «soul on ice»

por José Duarte



Eldridge Cleaver: «Soul on Ice» pertencerá ao pequeno grupo dos grandes clássicos...

tagem junto às celas, para de cinema na prisão de Folsom. Entrávamos até às 18 e 30, hora da terceira e última contagem do dia. No bloco de honra, estávamos vido me segredaram: era TV autorizada aos sábados, acabou de informar que Malcolm X foi atingido a tiro, a ver TV até às 22 horas... Era um domingo, dia Yorka.

Se a causa da morte é a chamada causa natural ou acidente, a reacção é previsível: um sentimento de impotência, humildade, desamparo, perante as forças do universo. Mas, se a causa da morte é a bala dum assassino, a reacção é o desejo de vingança.

Em Folsom, havia apenas alguns brancos, com quem eu discutia a morte de Malcolm X ou outro assunto. Nos outros, com quem eu discutia «baseball» e o estado do tempo, havia no seu olhar de soslaio um sorriso malicioso. Pareciam ansiosos por ver estalar uma guerra, entre os adeptos de

«tipo Sammy Davis» a sua obra seria triunfante. Porque não era ele que era grande, mas sim a verdade com que se exteriorizava.

A rebelião da juventude branca processou-se através de 4 fases distintas: primeiro, com uma recusa, uma rejeição do conformismo, conformismo esse que a América sempre esperou e verificou, mais tarde ou cedo, a sua juventude aceitar. A juventude desafectada recusava-se a participar no sistema. A publicidade chamou-lhe a era dos «beatniks», embora nem toda a juventude pensasse como um «beatnik». É bem reve-

«Slaves are generally expected to sing as well as to work»

FREDERICK DOUGLASS

Elijah Muhammad e Malcolm X.

Depois de Malcolm ter regressado da sua triunfal viagem a Meca, a África, ao Próximo Oriente, onde recebeu as mais altas honras, fundou na América a «Organization of Afro-American Unity» e organizou a «Muslim Mosque Inc.», destinada a receber os muçulmanos que se afastavam da linha de Elijah. Foi por essa altura que me tornei um adepto das ideias de Malcolm X. Eu e todos os que aceitávamos as suas ideias sentiamos-nos felizes por nos libertarmos duma doutrina de ódio e supremacia racial.

Malcolm quando discursava era irresistível. Mesmo que ele se tivesse tornado um «Quakers», um católico, um adventista, um judeu

lador que os mais velhos sempre tivessem olhado para os «beatniks» como meros inadaptados obscuros, tão preguiçosos que nem tomavam banho ou cortavam o cabelo. Os mais velhos não gostam de considerar os mais novos, aptos a perceber o que se está a passar ou o que se passou. Quando falam de delinquência juvenil ou atitudes rebeldes, a sua retórica é fluente: «alienação da juventude», «desejo de independência», «problemas paternais», «problemas maternos». Para os mais novos, os mais velhos são americanos disformes; para os mais velhos, a juventude endoeceu.

A segunda fase chegou quando essa juventude de-

(Continua na 6.ª página)



EM ÓRBITA

por Alexandre O'Neill

EXPOENTE Máximo chamou pela fonia o mito do serviço. Em três foguetadas, Orbitete Kapa (assim se codificava o mito) surgiu natatariamente frente à grande vigia de Mimi-a-Lourça, a cápsula chapada a ouro onde Expoente Máximo fizera instalar o seu quartel-general. Justapondo-se à boca da sugadora-climax (muito humoristicamente chamada, pelos mitos, de A Chupona), Orbitete Kapa foi eugado, através das três membranas-contemporizadoras, até à presença de Expoente Máximo, que o esperava na sala Ponta de Sagres.

—Orbi Kapa, meu velho! começou o Expoente Máximo, enquanto o outro se desembacava da plastibolha que lhe recobria a cabeça. A Madalena sempre tas mandou?

—Querido Maxi! Acabam de chegar pelo Rotina Cincal

—Vamos a isto! Vamos a isto!, disse alegremente Expoente Máximo, estregando as mãos sem peso.

—E que fresquinhas, Maxi!

Orbitete Kapa extraiu dos interiores do macaco espacial duas grandes enroladas folhas de couve, mas a sua precipitação era tanta que as folhas se lhe escaparam e, flutuentes, abriram mão de doze lâminas de prata, facas pairando sem gravidade.

—Orbitinho dum jactol, praguejou Expoente Máximo. Depressa, os camaroeiros!

★

Enquanto Mimi-a-Lourça se afastava (de quê? de quem?) no espaço, ao som astropiagente do A Mouraria! da grande mítica Amália, Maxi e Orbi Kapa continuavam, no seio dela, a apanhar as sardinhas a camaroeiro.

Luiza Neto Jorge

(Continuação da 1.ª página)

Porque ela foi sempre uma poesia de situações, de acontecimentos — situações e acontecimentos extremos, violentos, não raro de cunho trágico. Mas não confundamos: Luiza Neto Jorge não procura nem procurou nunca transmitir essa força agressiva, essa ironia contundente e dolorosa, através de uma adjectivação estereotipada, como o fazem certos outros criadores de uma poesia violenta apenas na superfície. Não. Em Luiza Neto Jorge, a violência brota da própria dureza da prosódia repartida em unidades rítmicas breves, entrecortada de exclamações, enumerações, epítetos — e mergulha profundamente num estrato de sentido pleno de fricções e contrastes e de uma mitologia em torno da qual os motivos e os temas se aglutinam, no rito infundível de que se fala logo no primeiro dos *Recantos*.

GASTAO CRUZ

Nota. — O texto reproduzido acima foi lido na Livraria III, no passado dia 18 de Abril, como introdução a uma sessão de leitura do último livro de Luiza Neto Jorge.

Eduardo Prado Coelho, na sua crítica a *«Dezanove Recantos»*, posteriormente publicada neste suplemento, referiu-se, com alguma demora, a esse texto, pelo que a publicação do mesmo não deveria ser feita sem as seguintes observações, que deixarei, aliás, entre parênteses o problema central levantado por Eduardo Prado Coelho — se o livro de Luiza Neto Jorge é efectivamente a «peça que melhor se insere no meu esquema» —, visto que só uma análise de *«Dezanove Recantos»* poderia, na verdade, demonstrar devidamente o teor das suas relações com o surrealismo:

a) As três sínteses que indiquei (*«Hoca Bilingue»*, *«Micropaisagem»*, e *«Dezanove Recantos»*) não constituem nenhum esquema, nem são necessariamente as únicas existentes; são apenas

três exemplos, que juízo especialmente elucidiativos, de resultantes do conflito entre discursivismo e antidiscursivismo. Além disso, a tendência antidiscursiva, se encontra, na sua forma mais radical, em *«Poesia 61»*, não é representada apenas por ela: citei livros como *«Voz Inicial»*, *«Cantata»*, *«Mar de Setembro»*, e poderia citar ainda *«Queda Livre»* de E. M. de Melo e Castro, toda a poesia de Fernando Echevarría, etc.

b) A referência aos nomes de Rui Dinis, Nuno Júdice e Manuel Guimarães, como representantes mais legítimos do que Luiza Neto Jorge de um novo discurso, parece-me infeliz, por mais de um motivo:

1) Conhecemos muito insufficientemente a poesia de qualquer deles, sobretudo a do primeiro e a do terceiro, para podermos falar com alguma segurança.

2) Aquilo que publicaram até hoje figura-se-me demasiado subsidiário do surrealismo ou do Herberto Helder, conforme os casos.

G. C.

Salpicos de «soul on ice»

(Continuação da 5.ª página)

cidou enfaticamente que o mundo e particularmente os E. Unidos eram inaceitáveis na forma presente, e começou a procurar activamente qual o papel que devia ter nesta mudança da sociedade. Então, alguns foram atraídos pela revolução negra, embora tivessem tido dificuldades em perceber qual o papel dum branco numa revolução negra. Limitaram-se a ser puros observadores.

A terceira fase surgiu quando grande número de jovens brancos se começaram a juntar aos manifestantes negros. Esta presença permitiu táticas novas. A consciência racial americana é tal que um crime só é crime quando a vítima é negra.

Assim o público começou a protestar quando soube pelos jornais e revistas que manifestantes brancos eram mutilados e feridos pela Polícia.

A quarta fase, ainda na infância, começa com a ju-

ventude branca tomando iniciativas, usando técnicas aprendidas nos movimentos negros. São exemplos: os acontecimentos na Universidade de Berkeley, as manifestações contra a intervenção americana em Cuba, no Vietnam, na República Dominicana, e a ajuda congoleza e americana ao «apartheid» na África do Sul...

...O ringue de boxe é, na América o derradeiro foco de masculinidade, o campo experimental onde com dois punhos se demonstra virilidade; o campeão de pesos-pesados, como um símbolo,

«THERE'S A SHIT STORM COMING»

NORMAN MAILER

é o verdadeiro Mr. América. O combate Muhammad Ali-Floyd Patterson foi para os negros americanos como que um «negócio interno», embora ambos os atletas e o boxe propriamente dito, como tantas outras coisas na América, sejam controlados por brancos. Patterson era o símbolo da contra-revolução. Muhammad Ali, ao derrotá-lo (e puniu-o até final para não haver dúvidas e não lhe ser roubada a vitória nas crónicas desportivas), castigou psicologicamente a América branca; choque semelhante ao da Baía dos Porcos...

De todos os novelistas negros americanos, e, sem dúvida, de todos os novelistas americanos de qualquer cor, Richard Wright é o primeiro, pelo seu profundo sentido político, económico e social. Wright tinha o talento, como Dreiser, de desmontar o intrincado mecanismo duma organização social e do seu funcionamento como um todo.

O ensaio de James Baldwin sobre Richard Wright revela o seu desprezo não por Wright, mas pela sua masculinidade. Baldwin possui uma excelente emoção quando fala de seres humanos, especialmente dos homossexuais.

Não penso que a homossexualidade seja, na escala da evolução humana, a fase que se segue à heterossexualidade. A homossexualidade é uma doença, como o é a violação de menores ou o desejo de querer ser director da General Motors... Não pode haver verdadeira competição entre superiores e inferiores. Quando o homem negro se começa a destacar num determinado desporto, a pergunta começa a ouvir-se: «o boxe está a morrer?», «o baseball acabou?», «o que aconteceu ao futebol?», «sem que é que o basquetebol se está a tornar?». De facto, o novo símbolo da supremacia branca é o «golfe», porque ali o CÉREBRO domina o CORPO. Mas assim que o CORPO se libertar de algumas trofias, a pergunta surgirá: «o que é que acontece ao «golfe»?». Tudo isto se tornou claro quando Joe Louis venceu Max Schmeling, no segundo combate que travaram...

...O canto e a dança são talvez e ligeiramente mais novos que o próprio homem. É com a música e a dança (a recreação através da arte dos ritmos, sugerida e implícita no movimento da vida e no ambiente cultu-

ral) que o homem purga a sua alma das tensões do dia-a-dia e mantém no universo a sua harmonia.

No mundo moderno, onde o ambiente é cada vez mais mecanizado, automático, cibernético — um mundo frio, desumanizado, de rodas, superfícies plásticas e lisas, tubos, botões, transistores, computadores, propulsão a jacto, foguetões para a Lua, energia atómica — a necessidade do homem afirmar a sua biologia tornou-se muito mais intensa. Há necessidade de definir onde o corpo acaba e a máquina começa, onde o homem acaba e os seus «prolongamentos» começam. Esta, a contradição central do séc. XX.

...Os negros personificam o CORPO, e assim em comunhão mais íntima com as suas raízes biológicas do que outros americanos, asseguram a ponte entre a biologia do homem e as máquinas do homem. Na sua forma mais pura, como adaptação ao ambiente científico e tecnológico da nossa era, foi o aparecimento do «jazz» (surgido do atrito e da harmonia do negro americano com o seu meio ambiente) que melhor captou o ritmo dos nossos tempos. Embora a ciência moderna e tecnologia sejam as mesmas desde Nova York e São Paulo, o «jazz» é o único e verdadeiro meio internacional de comunicação no mundo de hoje capaz de falar criativamente, com igual intensidade e relevância, aos povos de todos esses lugares.

A música dos negros das cidades (menos sofisticada, mas nem por isso menos baseada no CORPO), conhecida por «Rhythm and Blues», antes dos brancos dela se apropriarem e a destilarem num produto a que chamaram «Rock and Roll», é o ingrediente básico, o âmago dos hinos cacofónicos com que os Beatles de Liverpool levam as hordas das suas admiradoras ultrafemininas à histéria...

...mas põe a tua coroa, minha rainha, e sobre estas ruínas construiremos uma Nova Cidade...

(Extractos seleccionados, traduzidos e adaptados de «Soul on Ice», edição inglesa de Jonathan Cape).

INTERIOR
como resultado de trabalho
tempo e de uma nova geração de
especialistas em arte e design

J. ABEL MANTA
CHARRUA
MARIA VELEZ
CONDUTO
ANTÓNIO SENA
SÁ NOGUEIRA

10 de Maio / METALURGIA DA LONDEA
Av. da República, 84A

22 de Maio / INTERIOR
R. Costa Gomes, 20

ALTO RENDIMENTO

CUSTO REDUZIDO



SOMADORA BURROUGHS

Maior rapidez de operação
•
Suave depressão de teclas
•
Compacta, Portátil

Apolada pelo serviço mecânico e garantia Burroughs

Peça já uma demonstração sem compromisso

ao representante **Burroughs**



ROBINSON, BARDSLEY S.A.R.L.

LISBOA — R. S. Sebastião da Pedreira, 122 — Tel. 56 02 60

PORTO — Rua do Rosário, 104 — Telefone 2 97 67

Um filme «A»

(Continuação da 2.ª página)

ênica de tal quotidianidade própria dos «olimpícos», da grande aristocracia financeira. Mas a influência de Fitzgerald (já notada na crítica da *Positif* e, de facto, patente) é abertamente reivindicada na entrevista-carta: «É extraordinário que vocês tenham relevado uma influência de Fitzgerald no argumento... o herói é uma personagem de Fitzgerald (talvez Amory Blaine) que, como Fitzgerald, sai de uma universidade prestigiosa (Harvard) e, no entanto, observa o mundo dos ricos como um banido, como um *voyeur*...»

Acrescentemos nós, à guisa de elogio, que o Jack Washington desempenhado por Robert Wagner não é um puro decalque da personagem central de *Este lado do Paraíso* e que dele se diferencia na medida em que Hale lhe não empresta a dolorosa lucidez de Amory, não o faz passar de «egotista» a «personagem», lhe sublinha umas componentes de mediocre esperteza e de histérico arquivismo que o distanciam do espectador (o que leva, entre outras coisas, a uma subtilíssima transmutação do *happy-end* — imposto — no seu contrário. E acrescentemos ainda que até a episódica figura de Nikki Pine, essa jovem filha de milionário magnificamente interpretada por Jill St. John, já divorciada, fazendo-se massajar por um qualquer marinheiro do late paterno ou abrindo solitariamente garrafas de champanhe ao luar, faz pressentir umas angústias bem fitzgeraldianas que teriam ganho em ser desenvolvidas (afastando-se de

Rosalind, o amor «impossível» de Amory em *Este lado do Paraíso*, tais angústias remeterão talvez às da Cecília de *The Last Tycoon* ou a essas outras da Rose Mary de *Terna e a Noite* que, por coincidência, a mesma Jill St. John encarnou, há anos, numa mediocre adaptação de Henry King).

No meio disto, a pintura a que Hale se entrega de uma dialéctica de humilhações resulta, mediada por uma curiosa meditação sobre o significado do jogo nas sociedades extremadamente competitivas, em algo de fascinante.

No entanto, sublinhemos a necessidade de uma reserva: o nosso elogio tem estado confinado a uma esfera «contenutística». Se, como assinalámos no início, consideramos *A Roleta Fatal* uma obra modesta e não fundamental, é porque o filme se ressent bastante da sua realização pouco segura e pejada de efeitos fáceis, de umas escórias e de uma falta de vigor que Hale não soube ou não pôde evitar.

Mas é ele quem declara à *Positif* a respeito de uma observação da revista neste sentido: «Havia justamente detectado os planos à Carol Reed. São «truques». Quando eu era novo, era um dos meus ídolos. Agora, vejo que se trata de um realizador brilhante ao nível da planificação e nada mais. Mas as primeiras influências são difíceis de desenraizar». Eis uma reflexão de tipo pouco comum em Hollywood (a consciência da problemática dos meios expressivos não sendo algo de muito habitual) que promete o surgimento de um futuro autor completo se subli-

nharmos que as suas ambições futuras não podem ser mais interessantes: «Actualmente, tento encontrar um meio de chegar a um filme sobre os jovens de Nova-York que utilize certas técnicas etnográficas no interior de uma articulação dramática (mais ou menos o que faz Godard)». Tendo já abandonado a *Universal*, uma das mais rotineiras e totalitárias firmas de Hollywood, Hale está, portanto, em excelente caminho: «Sinto que estou tentando romper o cordão umbilical que me liga aos estúdios para me dirigir para um cinema mais pessoal».

Resta desejar que isto se cumpra. E que, para já, não só os nossos cineclubes «recuperem» *A Roleta da Morte* como os representantes da *Universal* em Portugal se decidam a estreitar *Journey to Shiloh*.

MANUEL MACHADO
DA LUZ

(1) Todas as citações foram extraídas da *Positif* n.º 99, pá. 50 a 53.



Uma poesia de sobrevivência

(Continuação da 2.ª página)

panheirismo firme e orgulhoso, vai falhar também:

*Aqueles (tantos foram...) pra quem fui
O amigo sincero e dedicado,
Onde estão? O que fazem? De que lado
Da esfera giram como um rio flui?
De mim partiram sem olhar pra trás,
Na procura da usura tentadora.
O mais rentável êxito da hora,
Mais fácil coração, melhor cartaz
Levaram tudo Estilhaçaram tudo
O que ficou por não caber no peito.
Quanta vez me encontrei só e desfeito,
Mas fronte erguida, mas o lábio mudo!*

E surge a grande acusação de oportunismo:

*E os vermes crescem, engordam, gozam
A liberdade da confusão.*

Sabemos agora qual é a grande mágoa que domina o poeta, esse tão vigilante e lúcido interrogar sobre o ainda valer a pena:

*Não ouves as vozes dos novos que chegam
à margem da hora, forçando as entradas!
Os muros são firmes? A torre alta-
neira?
Quem é que defendes, se já não há
nada?*

EM relação ao estudo-prefácio de Tomaz de Figueiredo, pouco tenho a dizer. Os criadores julgam-se soberanos quando dissertam sobre a prática da criação. Pela minha parte, não creio possível que a prática se por si condaza a uma teoria. Mas contra tal espontaneidade e certeza é difícil argumentar. Estou quase sempre em desacordo com o texto de Tomaz de Figueiredo (excepto quando ele diz que «aceitar o poeta preso, que não seja da própria Poesia e da sua pessoa única...» vale por negar a própria Poesia). Anotemos apenas um pormenor significativo do ponto de vista ideológico. Para Tomaz de Figueiredo, o grande poeta é aquele que não «faz» poesia, mas deixa que ela nasça em si. Quantas implicações sociais não tem esta desvalorização do fazer? Como é sintomática esta vontade de recalcar o simples facto de a poesia ser também trabalho? Como todas as coisas. Como o amor. Porque, disse-o uma vez o O'Neill, o amor não há feito. Nem a poesia.

EDUARDO PRADO COELHO

(1) António Manuel Couto Viana, DESESPERADAMENTE VIGILANTE, Editorial Verbo, Lisboa, 1968.

A vanguarda e a guarda vã

(Continuação da 1.ª pág.)

os poderes financeiros, exercer uma actividade crítica construtiva.

E é toda uma equipa dispersa pelo mundo, de criadores individuais ou em pequenos grupos, sem alarde nem subsídios, verdadeiramente à margem de qualquer «establishment», que vai realizando as experiências fundamentais para a estética de hoje e que serão decisivas para a sociologia de amanhã.

É que a vanguarda (se desejarmos

manter ainda esta metáfora militar) é a materialização crítica da má consciência do tempo presente e a abertura para a possível boa e clara consciência do tempo que há-de vir.

(1) Pode não se concordar com esta sumária caracterização do século XIX mas a questão permanece a mesma: a permanência abusiva dos seus resíduos.

PRÓXIMO ARTIGO: «AS OPÇÕES»

«BEST-SELLER»

SÉRIE ROMANCE

Pelo autor de

**SEMENTES DE VIOLENCIA
E
MÃES E FILHAS**

EVAN HUNTER

ESTRANHOS QUE ENCONTRAMOS

História do pecado sem fronteiras num bairro dos subúrbios de Nova Iorque.

Leia na Série CONTISTAS

CONTOS POLICIAIS DE O'HENRY

O'Henry — um homem que cria uma história com a imaginação mais fértil que jamais existiu.

Já se inscreveu na TERTÚLIA DO LIVRO?

Peça dados bibliográficos à



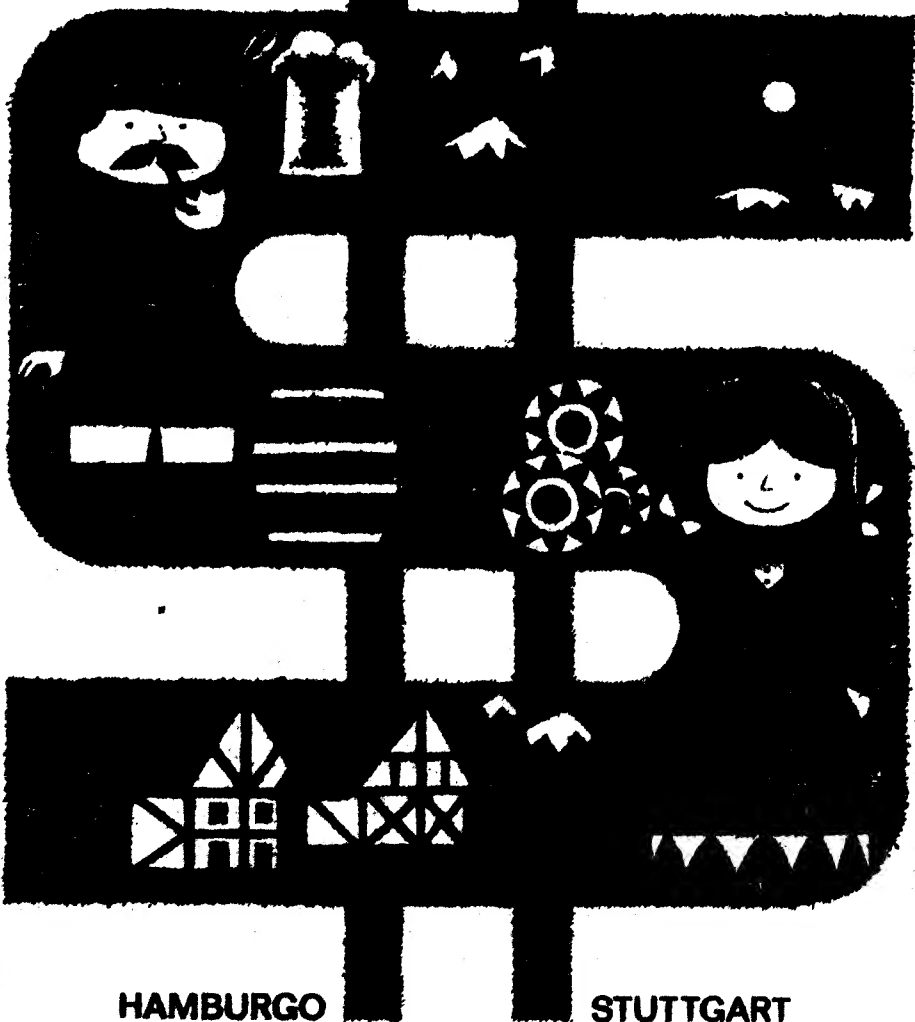
Galeria
Panorama

Rua Luciano Cordeiro, 123, r/c, Dt. — Telef. 40416/539024/5 — LISBOA

ALEMANHA

COLÓNIA

DUSSELDORF



HAMBURGO

STUTTGART

NEGÓCIO E TURISMO

com a

SABENA

consulte o seu agente de viagens

BELGIAN World AIRLINES



UMA POESIA DE SOBREVIVÊNCIA

por Eduardo Prado Coelho

A QUELAS objecções de ordem «formal» ou de ordem temática que se poderiam formular em relação à obra de António Manuel Couto Viana, já o leitor as presente e facilmente as enunciaria. Trata-se de uma poesia muito presa à tradição, tanto no plano métrico como pelas suas intenções. Se a construção do poema, a segurança do ritmo, o sentido da harmonia interna, me parecem irreprocháveis, já os valores que esta poesia a todos os níveis (palavras, frases, composições, etc.) propõe se me afiguram muito discutíveis, e são para mim inteiramente estranhos. Dou apenas um exemplo: é-me quase intolerável ler tranquilamente um verso em que se fala na «esagrada hora da merenda». Porque «merenda» tem todas as conotações que evocam o vocabulário dos livros de textos de instrução primária, e o que aqui está representado é um tipo de nostalgia pela mais enfadonha e conservadora imagem da infância que um poeta possa conceber.

É este abismo ideológico que se torna difícil transpor quando se lê Couto Viana. Não é que os abismos ideológicos sejam intransponíveis, como Céline ou Ezra Pound amplamente demonstram. Mas Couto Viana não atinge esse plano, e por isso aquele tão necessário momento de adesão desaparece aqui no processo da leitura. Fica acima de tudo uma admiração pelas capacidades técnicas exemplificadas e uma compreensão à distância de alguns temas, de algumas obsesões e paixões. Creio, no entanto, que Couto Viana não chega a dar-nos uma poesia de grande densidade temática, apesar das suas evidentes qualidades melódicas (ao contrário de Fernando Guedes, de quem falaremos numa próxima vez). Por outro lado, as suas imagens e metáforas são muitas vezes embaciadas ou frustres, sem conseguirem impressionar-nos nem pela justeza nem pela violência.



Couto Viana: a visão de um total descalabro

Feitas estas reservas, que seria desleal não formular com toda a sinceridade, gostaria de pôr em relevo a simpatia que o último livro de Couto Viana me despertou. Simpatia que não implica transigência. Não procuro ser adversário de pessoas, mas de sistemas. E procuro compreender as pessoas como elementos desses sistemas. Dal o interesse que *Desesperadamente vigilante* (*) me suscita. É que poucas vezes nos surge uma poesia tão desamparadamente desesperada e pessimista.

PARA Couto Viana, os valores essenciais são a terra e a casa dos pais, a infância e seu universo de pureza, a amizade e os ideais de luta que podem unir os homens. Ora nós estamos aqui perante a visão dum total desca-

labro. E a primeira nota que este livro nos dá é aquela que outro poeta da mesma geração (David Mourão-Ferreira) já começara a desenvolver: a amargura do envelhecimento, o cansaço, este chegar-se a um ponto em que a gente não sabe. Pois Couto Viana diz-nos o mesmo:

*Já entre os dedos o desejo foge
E, chegue onde chegar, chegarei gasto.*

Ou:

*Por ser o que hoje sou, fiquei de lado
A minha voz, há quanto não escuto!
Reconheço que estou velho e cansado:
É por isso que luto.*

Ou ainda:

*Irás, meu Deus, nascer deste cansaço,
Desta carência d'alma com que traço
O meu ponto final?*

A esta consciência da progressiva degradação física, da crescente inadequação entre o espírito e o corpo, corresponde uma cada vez mais forte nostalgia da infância. Uma criança, estonteada e feliz, atravessa estes poemas sem ainda pressentir que vai morrer:

*Ergui, nos joelhos, aquela criança
Que vive na infância por dentro de mim*

Contudo, o problema que tortura o poeta é aquele que, de Leopardi e Fernando Pessoa, tem sido um dos grandes tópicos para uma reflexão sobre a felicidade: o prazer é inconsciente mas só há prazer quando dele se tem consciência, mesmo que essa consciência o destrua; donde, a felicidade é sempre do que se não tem, aqui nasce o desejo.

*Agora sei que tive infância
Como um silêncio de alvorada.
Agora sei medir distância
Na minha carne sossegada.*

NO entanto, este saber agora é saber também que todo o regresso é agora impossível. Entrar na vida é um acto irreversível, que mergulha o poeta no labirinto de uma cidade incendiada e corrupta. A única solução, a paz tão desejada, a grande esperança, é a da morte.

O CERCO

*Fica tão longe a casa de teus pais!
Impossível voltar! Lenta, a cidade,
Tépida e torpe, avança mais e mais...
É ela que te envolve e que te invade!
Teu corpo é já um dedalo de ruas
(Velas de fogo), fervilhantes praças
Com estátuas corruptas e nuas
E mãos febris, erguendo flores e taças.
Corre em teu coração espesso rio
De detritos de sonhos de criança.
Lançaram-se, sobre ele, arcos de cio.
Só longe fica a paz que não se alcança!
Lá, tudo é branco e é deserto e é frio...
E a morte tem o nome de Esperança!*

Contudo, e este é talvez um dos mais curiosos aspectos do livro, a dado momento o poeta compreende que o regresso à infância é ainda mais impossível na medida em que a infância hoje é apenas uma palavra a envelhecer também:

*Atrás, deixaste o quê? Dirás a in-
fância?
A palavra começa a apodrecer,
E já sensibilidade de aluguer,
Perdido o sortilégio, cor, fragância.*

É este o grande e imenso vazio que o próprio desgaste das palavras produz. Aquilo que o poderia preencher, a amizade, o sentido de um com-

(Continua na 1.ª página)



A Roleta da Morte: um filme da «Série B» que permite uma análise à Henri Lefebvre...

Um filme «A» da «Série B»

por Manuel Machado da Luz

A ROLETA DA MORTE (THE DEADLY ROULETTE)

de William Hale

com Robert Wagner, Jill St. John, Peter Lawford, etc.

ESTREOU-SE, há cerca de duas semanas, um desses filmezinhos que, descuidada e apressadamente, a Universal produz para a Televisão. Sem um elenco sugestivo para o grande público e com um título não muito convidativo, desde o início destinado a preencher buracos de programação, *A Roleta da Morte* manteve-se, por conseguinte, sem honra nem glória, a semana da praxe no cartaz de uma sala — o Eden — cujas exhibições raramente excitam os amantes de cinema.

Claro que de nada valeu a crítica (assinada A.L.S.) que o D. L. publicou na sua secção de primeiras exhibições, a qual, utilizando uma óptica lefebvriana, deveria ter, pelo menos estimulado uma certa curiosidade: uma obra de «Série B» dirigida por um desconhecido americano que permite uma análise à Henri Lefebvre não é — que diabo! — uma coisa assim tão vulgar...

Queremos, com isto, insinuar que *A Roleta da Morte* é uma obra-prima «mal-dita»? Ou que o público de Lisboa terá cometido um capital «pecado» ao ignorar tal filme? Digamos que a «injustiça» cometida nada tem de dramático, não dá para quaisquer prantos nem para um arrancar de cabelos. *A Roleta da Morte* está longe de ser um filme fundamental seja a que nível for que se examine: se «pecado» houve, foi o de uma abulia e, justamente, o de uma ausência de curiosidades paradoxais no momento em que, por toda a parte e com razão, se proclama que a programação cinematográfica portuguesa é miserável, sobretudo se comparada com a do resto da Europa, Espanha incluída.

É que nada deveria ser mais sugestivo para o espectador interessado do que a possibilidade de «descobrir» uma nova personalidade; e, no entanto, esse espectador cada vez tem mais tendência a só se aventurar numa sala escura

quando o realizador do filme que ela anuncia já está prestigiado por uma multidão de mais ou menos doutras opiniões que os mass-media nacionais (e franceses...) se encarregam de difundir.

Mas tentemos apresentar o realizador de *A Roleta da Morte*: William Hale, 36 anos, diplomado em filosofia e em cinema pela Universidade da Califórnia do Sul, autor de algumas curtas-metragens e de um outro filme de fundo (*Journey to Shiloh*), inédito entre nós, assistente de George Stevens para *A Maior História do Mundo* (que foi, para ele, uma enorme decepção).

Esta informação sobre o desconhecido realizador chegou até nós através da revista francesa *Positif* e foi fruto de uma circunstância em que, precisamente, a curiosidade dos seus redactores desempenhou um papel decisivo.

A Roleta da Morte havia-se estreado em Paris em meados do ano passado e na mesma semana que *Journey to Shiloh*, produ-

Novembro p. p. (1) e que contém o suficiente para que se confirme a ideia de que *A Roleta da Morte* não é um desses agradáveis acidentes de que Hollywood é fértil e que não se devem à existência de uma particular personalidade. Para que se confirme a ideia de que podemos esperar que Hale venha a ser, em circunstâncias favoráveis, um autor importante.

De facto, não poderia ser um acaso a confluência, em tão modesta «Série B», de algo de kafkiano (via Orson Welles, embora sem a sua tumultuosidade genial) com algo de fitzgeraldiano através de um esquema de filme negro que remete aos do Humphrey Bogart da melhor época (e que é assumido como tal através da espirologia negativa de que se fazem arautos, por várias vezes, os protagonistas: «Não estamos num filme de Humphrey Bogart!»).

Não sendo provavelmente conhecido por Hale o sistema filosófico do autor da *Vida Quotidiana no Mundo Moderno*, as implicações



«Não estamos num filme de Humphrey Bogart!...»

ção de ainda mais escasso orçamento torpemente mutilada pela Universal e ambientada durante a guerra da Secessão. Dois críticos da revista, Michel Sineux e Roger Tallier, agradavelmente surpreendidos mas não excessivamente entusiasmados, escreveram sobre eles breves notas favoráveis. E um terceiro, Bertrand Tavernier, intentou uma espécie de entrevista por carta a Hale que acabou sendo publicada em

lefebvrianas detectadas na crítica do «D. L.» após referida não terão criado o espírito do jovem realizador (note-se, no entanto, que o abonatório de Hale é o facto de ele ter tido o posto em filme algo de coerente com as análises de Lefebvre: o choque, por exemplo, da quotidianidade — mesquinha, por definição — de um parasita pequeno-burguês com a sua

(Continua na 1.ª página)